

O Encontro aconteceu na Afucotri de Ijuí

ALIMENTAÇÃO ALTERNATIVA

PORCO BEM CRIADO SEM MUITO GASTO

A tradicional defasagem do preço do porco em relação ao seu custo de produção leva a Cotrijuí Pioneira a realizar o primeiro Encontro de Alimentação Alternativa para Suínos, onde se mostrou que nem sempre a comida mais cara traz os melhores resultados.

Páginas 12, 13, 14 e 15

PELA MANUTENÇÃO DO BRDE

No dia 4 de janeiro, a Cotrijuí endereçou o seguinte telex às autoridades do setor financeiro, do Estado e do País:

“Ao longo de quase três décadas, o Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul vem tendo um desempenho dos mais eficientes no conjunto das economias dos estados que o constituem — Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. No curso de suas responsabilidades de banco voltado ao desempenho econômico regional, tem cumprido, fielmente, as atribuições outorgadas por leis e regulamentos afins, orientando e estimulando os investimentos, ao alcance de quem planeja e produz.

Cumprindo, portanto, sua destinação de Banco de Desenvolvimento, tem a marca registrada nas centenas de empreendimentos — pequenos, médios e grandes — espalhados pelos territórios dos três estados do Sul. Bastaria dizer que seu saldo de aplicações, atualmente, conforme balanete de 30/11/88, é de Cz\$ 885 bilhões.

É com surpresa, portanto, até mesmo com sofrida incredulidade, que vimos constatando o movimento, armado e orquestrado, visando o fechamento do tradicional estabelecimento.

Apenas para ilustrar um fato atual, como se vê em seu balanete de 1988 — apesar da escassez de recursos a nível nacional, o BRDE realizou financiamentos de Cz\$ 184,4 bilhões a atividade privada regional, correspondendo a um crescimento de 23% em relação a 1987. E os projetos para o ano que iniciou, segundo a área de Estudos e Planejamento, estão programados nessa mesma linha de expansão, com operações de crédito ao setor privado sendo realizados dentro da mais absoluta normalidade.

Entendemos que nenhuma nação amadurecida para o crescimento deva dar-se à extravagância de extinguir bancos de desenvolvimento, quanto mais, um país em fase de desenvolvimento como o Brasil. Achamos que é chegada a hora das forças vivas dos estados diretamente interessados unirem-se num brado de apelo às autoridades financeiras do País, em todos seus níveis hierárquicos, pela preservação do BRDE na forma da legislação que o criou, ou seja, como Banco Regional de Desenvolvimento”.

Porto Alegre, 4 de janeiro de 1989
Oswaldo Olmiro Meotti
Presidente da Cotrijuí

SOJA

Expectativas de verão

Com mercado garantido e um clima até agora satisfatório, a soja se apresenta como um dos grãos mais promissores do ano.

Última página

COTRIJUI



Oswaldo Meotti fez uma análise da situação da Cotrijuí em entrevista coletiva para a imprensa da região

Um ano equilibrado

A lavoura de soja foi mal, mas a diversificação rendeu frutos e a cooperativa conseguiu reduzir seu endividamento

Páginas 4, 5 e 6

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRAN N° 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:

Oswaldo Olmiro Meotti

Vice-presidente/Pioneira:

Celso Bolívar Sperotto

Superintendente/Pioneira:

Walter Frantz

Vice-presidente/Dom Pedrito:

Oscar Vicente Silva

Superintendente/Dom Pedrito:

Eduardo Augusto Pereira de Menezes

Vice-presidente/MS:

Nedy Rodrigues Borges

Superintendente/MS:

Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):

Egon Eickhoff, Jorge Alberto Sperotto, João Santos da Luz, Félix Gotardo, José Atalades Conceição, José Jorge Fleth de Oliveira, Irani dos Santos Amaral, Deniz Espedito Serafini, Oscar Otto Hoerlle, Luiz Carlos Roos, Ovídio Moraes, Frederico Antônio Stefanello, Paulino Stralotto, Nilton Vieira de Souza, Leonildo Anor Pötter, Luiz Forcin e Edgar Severo.

Suplentes:

Onorildo Zangrolami, Carlos Leodoni Andrightto, Arlindo Valk, Enor Carniel, Jorge Cleiton Gonzales, Hélio Antônio Weber, Jair Castro Rinaldi, Jaime Braz Sperotto, Pedro Gulotto, Sérgio Tesser, Cláudio Pradella, José Edmar do Nascimento, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Jorge Verardi Perez, Cândido de Godoy Dias e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos):

Realdo Cervi, Pedro Afonso Pereira e Jayme Wender.

Suplentes:

Ivo Vicente Basso, Antônio Carlos Xavier Hias e Amário Becker

Diretores contratados:

Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges e Léo José Góil.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira.....	26
Dom Pedrito.....	3
Mato Grosso do Sul.....	7
Total.....	36

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira.....	584.800 t
Rio Grande.....	220.000 t
Dom Pedrito.....	91.000 t
Mato Grosso do Sul.....	476.150 t
Total.....	1.371.950 t

COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Luchese
Carmem Rejane Pereira

REVISOR

Sérgio Corrêa

CORRESPONDENTE

Campo Grande: Rosane Hem
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Embora seja meio cedo para se ter qualquer certeza em relação aos resultados da lavoura de soja, que estão na dependência da continuidade do comportamento do clima, as expectativas de uma safra meio redentora está no ar. É claro que contando os custos financeiros da lavoura, esta redenção tem um significado menor do que teria, se a situação, ou melhor dizendo a inflação não andasse nos patamares que anda hoje. De qualquer forma, alguns reforços de economia, como é o caso da aplicação do Baculovírus também contribui para reduzir estes custos, além da expectativa de melhor produtividade, após o tratamento adequado do solo. Por fim, e com peso igual ou maior está o mercado da soja, plantando um pouco mais de otimismo, através de uma média de preços superior a dos últimos anos. As estimativas de produção e rendimento estão na última página.

O ano de 1988 foi difícil para a economia do país e que vai ficar na história por ter registrado uma inflação acumulada superior a 930 por cento. Para os agricultores e por extensão as suas cooperativas, ele pode ficar na lembrança por duas razões completamente diferentes: a seca na lavoura de soja e o mercado em alta. A quebra na lavoura de soja, só na Pioneira, área de atuação da Cotrijuí, fechou em 60 por cento. Mais da metade da safra ficou no chão. Mas esse prejuízo foi devolvido pouco tempo depois com preços nunca antes registrados e que chegaram a bater os 11 bushell pela tonelada de produto. Sorte de quem tinha produto e soube esperar o melhor momento para vender. Já para o trigo, as coisas não andaram muito bem. Enfrentou uma mini-seca e um preço ruim para as contas do produtor. Mais para o final do ano, o preço melhorou, mas faltou dinheiro para o governo comprar o restante da produção. Mas apesar das dificuldades, das frustrações de safras, a Cotrijuí encerrou o ano com sua situação econômica financeira equilibrada. Esse equilíbrio

teve um suporte: os programas de diversificação. Mais ainda: a cooperativa conseguiu reduzir seu endividamento de 17 milhões de dólares para 15 milhões. Um balanço da Cotrijuí no ano que passou e os projetos para 89, feitos pelo presidente Oswaldo Meotti em sua reunião tradicional coletiva de final de ano para a imprensa da região, estão nas páginas 4, 5 e 6.

Embora todo mundo brigue pelo preço do suíno, com a mais justa razão, o ano de 88, se contabilizado os percentuais separadamente, demonstrou que nem sempre os preços perdem, mas nem por isso o produtor ganha. Apresentando uma reação de última hora, a remuneração do suíno para o produtor conseguiu superar inclusive os preços dos insumos, no final do ano, mas depois de passar nove meses ganhando apenas da inflação. Por causa destas disparidades que são melhor registradas pelo próprio produtor, principalmente aquele que se viu obrigado a descartar matrizes no início do ano passado, a Cotrijuí resolveu reunir um grande número de associados, para discutir meios mais baratos de alimentar a criação, mantendo, ao mesmo tempo, os mesmos resultados nutricionais proporcionados pelas rações convencionais. Alimentação alternativa, portanto, foi o tema desse encontro onde vários pesquisadores, inclusive os da casa, apresentaram trabalhos sobre o uso da cana, da mandioca e do trigoilhão na alimentação animal. Mas não foi só isso. Os próprios insumos tradicionais, o farelo da soja e o milho, também têm receitas diferentes, como é o caso da inclusão da espiga de milho moída ao invés do produto em grão. Tudo isso para que o produtor, mesmo impotente para driblar a inflação, consiga pelo menos, reduzir os seus efeitos. Os trabalhos apresentados durante o primeiro Encontro de Alimentação Alternativa para Suínos, mais a situação do mercado e um relato sobre a suinocultura na França estão nas páginas 12, 13, 14 e 15.

DO LEITOR

Os desafios da extensão rural



Sulmar Bressan é engenheiro agrônomo e presidente da Emater no Rio Grande do Sul

A Emater do Rio Grande do Sul, entidade oficial de assistência técnica e extensão rural no nosso Estado, tem como pressuposto básico da sua ação a busca do desenvolvimento social do meio rural. Esse desenvolvimento é entendido como as ações que articulam as estruturas econômica, social, política e cultural entre si e com o todo.

É compreendendo este processo complexo e contraditório que os agricultores capacitar-se-ão para participar da produção e da repartição da riqueza socialmente gerada. A caminhada começa pela organização dos agricultores, condição para se tomarem sujeitos dos seu próprio desenvolvimento. Não se trata, em nenhum momento, de negar o papel do progresso técnico no desenvolvimento. Trata-se de reconhecer que o crescimento econômico das famílias rurais tem um componente político essencialmente ligado ao nível de participação e organização das mesmas. Isto significa afirmar que, embora possa haver aumento de produção e produtividade, não é certo que ocorra, na mesma proporção aumento no nível de vida das famílias rurais. Uma análise do modelo econômico brasileiro atual mostra que uma parcela significativa da produção agropecuária é transferida para o setor industrial-financeiro. Esta situação precisa ser transformada.

Portanto, os programas de trabalho da Emater devem ter como ponto de partida — e de chegada —, a organização dos produtores, porque é na ação coletiva que os homens adquirem a percepção do sentido social da sua existência.

Desse postulado fundamental, advém o compromisso da construção do sujeito histórico necessário para a transformação da extensão rural gaúcha em apoiar a organização das comunidades rurais, procurando fortalecer suas instituições como: sindicatos, cooperativas, grupos formais de agricultores e outras formas associativas existentes no meio rural.

Todos os programas — microbacias hidrográficas, irrigação, armazenagem, assentamentos, produção animal e vegetal, bem-estar social, juventude rural — observam o princípio da organização desde a fase da elaboração até a execução dos mesmos. É evidente a necessidade de soluções tecnológicas capazes de promover o aumento da produção e da produtividade, porém — vale repetir — elas não podem contribuir para aprofundar as injustiças sociais. É um imperativo trabalhar por um desenvolvimento agrícola sustentável, comprometido com a produção de alimentos básicos e capaz de atender aos interesses da maioria da população.

Esta postura da extensão rural tem como consequência uma mudança nos métodos de trabalho. A adoção de uma metodologia participativa e de uma prática pedagógica baseada no diálogo entre técnicos e agricultores é uma reivindicação antiga e que, portanto, já tem raízes profundas na Emater. Quando os agricultores reivindicam a abertura de um escritório da Emater estão, na verdade, reconhecendo a necessidade social do saber técnico. Em contrapartida, muitas vezes, os técnicos não reconhecem o "saber prático" dos agricultores, aquele que provém da experiência cotidiana com as questões da agricultura. A síntese destes saberes diferenciados em um "saber novo" é vital para a transformação da agricultura e dos agricultores.

Outra questão relevante é a definição do espaço efetivo da extensão rural no Poder Público. A extensão rural deve ser considerada um dever do Estado e um direito dos agricultores, especialmente dos pequenos e médios que de outra forma não teriam acesso ao saber técnico. Hoje existe uma consciência generalizada de que a

Emater deve ter um escritório em cada município deste Estado. Entidades como a Fetag e a Famurs têm colocado com insistência essa necessidade. Apesar disto, a extensão rural oficial esteve seriamente ameaçada pela Operação Desmonte. Não fosse o Congresso Nacional entender a essencialidade deste serviço e isto poderia realmente ter acontecido.

O governo Sarney, com sua postura privatista, esqueceu que extensão rural não é despesa. É um investimento absolutamente necessário para o desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente do país. Nenhum governo pode abdicar da inserção social da extensão rural se, de fato, quiser desenvolver programas globais no sentido de modificar o perfil da agricultura brasileira.

Este é um dos desafios da sociedade brasileira e gaúcha em particular: transformar a extensão rural em um investimento público necessário e permanente. Em síntese, em um instrumento necessário ao desenvolvimento da sociedade como um todo. É preciso que as necessidades vitais das famílias rurais, quando da elaboração da Constituição Estadual e das Leis Orgânicas dos municípios, sejam transformadas em leis. A extensão rural não ficará omissa, pois estará assessorando, com sua experiência de mais de 30 anos, os constituintes estaduais e municipais na elaboração das cartas constitucionais. Sempre tendo em vista o objetivo maior que é construir uma Pátria livre, democrática, soberana e que tenha como valor maior o princípio da justiça social.

ERRAMOS

A matéria "Bush e a política agrícola mundial", de Argemiro Luís Brum, e publicada na página 17 da edição de novembro/88 saiu sem a assinatura do autor.



Marc Bordauz, coordenador do trabalho no Potiribu



Pesquisadores estrangeiros vieram olhar de perto a pesquisa

Visita ao Potiribu

Um grupo de 33 cientistas estrangeiros, representando 14 países, esteve visitando Ijuí no dia 16 de dezembro passado, numa viagem que integrou o final do Simpósio Internacional sobre Balanço Sedimentológico, realizado em Porto Alegre. O objetivo da visita a Ijuí foi o de verificar de perto os locais que serão trabalhados, através do projeto de pesquisa para medir a erosão do rio Potiribu, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com apoio da Cotrijuí, Unijuí e prefeituras.

Junto aos pesquisadores estrangeiros, esteve presente também o coordenador do projeto de pesquisa, Marc Pierre Bordauz, que justificou a escolha desta região para a realização do trabalho, tanto pelas necessidades técnicas, como pela existência, há vários anos, de um trabalho comunitário de conservação do solo. Orçado inicialmente em 25 mil OINs, a pesquisa sobre a dimensão do processo erosivo nas obras hidráulicas tem um término previsto para o final de 89.

CESM/MS

Nova diretoria

A Comissão Estadual de Sementes e Mudanças do Mato Grosso do Sul, órgão responsável pela política de sementes no Estado, elegeu recentemente seu novo presidente. O escolhido foi o engenheiro agrônomo Márcio Antônio Portocarrero, gerente de Insumos (ex-gerente da área técnica) da Regional da Cotrijuí no MS.



Márcio Portocarrero

Representando a Organização Estadual das Cooperativas, ele é o primeiro presidente oriundo da iniciativa privada, pois invariavelmente a escolha se alternava entre os representantes dos diversos órgãos estatais que compõem a CESM.

A Comissão, explica Márcio, é um órgão consultivo, em forma de colegiado com a participação de diversas entidades como a Associação de Produtores de Sementes, Secretaria de Agricultura e Pecuária, Embrapa, CFP, Iagro, Secretaria de Fazenda, DFA, Banco do Brasil e Cibrazem que define formas de plantio, comercialização de sementes, entre outras atribuições, e repassa estas sugestões à Delegacia Federal de Agricultura que regulamenta o assunto.

A expectativa é que agora a CESM se torne mais eficiente, continua o agrônomo, e vamos organizar um banco de informações, com dados e estatísticas, para que estes subsídios possam contribuir na resolução dos problemas e manter um intercâmbio constante com instituições similares de outros estados.

VOSSOROCAS INTERNACIONAIS

Impressionados pelos níveis de saturação das águas do rio Potiribu, que faz divisa entre Ijuí e Pejuçara, os pesquisadores também se surpreenderam com a ocorrência de vossorocas naturais, ou sejam, que já existiam na região, antes mesmo da ocupação do solo e que hoje estão estabilizadas pela vegetação. A vossoroca internacional foi observada pela manhã. Depois o grupo seguiu para o CTC, onde conheceu os trabalhos de conservação de solo desenvolvidos pela Cotrijuí.

COTRIJUI

A entrega dos caminhões

"Nós, hoje, estamos nos sentindo muito felizes por saber que pessoas que não estão ligadas diretamente a agricultura também estão entusiasmadas com o Projeto de Recuperação de Solos da Cotrijuí", sintetizou Celso Sperotto, vice-presidente da cooperativa na Regional Pioneira, ao agradecer a homenagem prestada pela Randon e Ivesa durante a entrega dos caminhões distribuidores de calcário. A homenagem e entrega dos 15 caminhões Ford, equipados com caçambas e distribuidores de calcário Randon, aconteceu na noite de 21 de dezembro, nas dependências da Medianeira Mecânica e Implementos Ltda., distribuidora Randon Rodoviária para a região.

O vice-presidente da Cotrijuí agradeceu ainda o apoio do Banco do Brasil, "na pessoa do gerente Nereu Patussi que muito tem nos ajudado e confiado em nossa proposta de recuperação dos solos da região", da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores. Ao transferir as homenagens ao quadro social da cooperativa, funcionários e diretores, Celso Sperotto lembrou que a Cotrijuí só teve a coragem de encampar um projeto dessa envergadura e de tão significativo volume de recursos porque teve o apoio da comunidade. O Projeto de Recuperação de Solos da Cotrijuí visa melhorar as condições físicas, químicas e biológicas de 180 mil hectares de lavoura. O suporte financeiro destinado ao Projeto chega a 32 milhões de dólares, o que vai permitir o atendimento a cerca de oito mil produtores da região.

AUMENTO DA PRODUTIVIDADE

Em nome da Medianeira Mecânica e Implementos Ltda., falou Lauri Saccol, diretor da empresa, parabenizando a Cotrijuí pela aquisição dos 15 implementos Randon.

O dinheiro que fica na lavoura

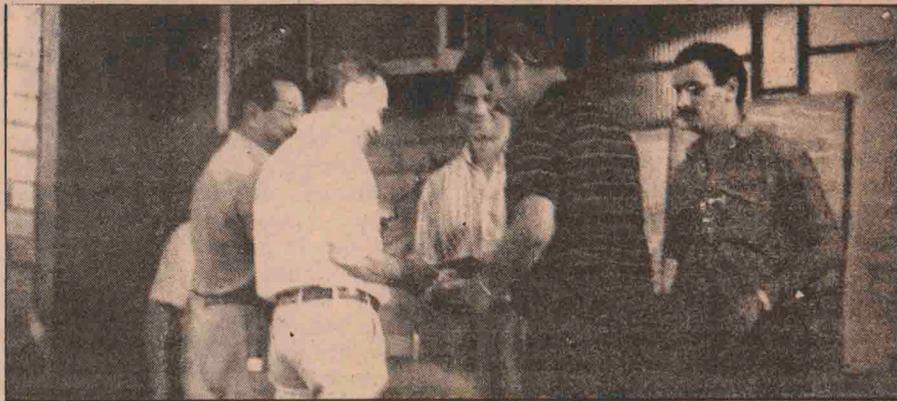
Duzentos e três milhões e 700 mil cruzados. Este é o total de recursos que deverá ficar em 204 propriedades da região de Ijuí, com a obtenção, por via judicial, da aplicação da anistia sobre a correção monetária em empréstimos feitos durante a vigência do Plano Cruzado. Os números da anistia são fornecidos pela assessoria jurídica do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, de Ijuí, Regional da Fetag, após o encerramento do prazo de concessão, no dia 3 de janeiro, determinado pela Constituição. As ações encaminhadas na Justiça, por município, mais o valor depositado e o valor anistiado são os registrados na tabela abaixo.

AS INCÓGNITAS

Além desses produtores que hoje estão mais tranqüilos, outros terão

agora que recorrer a Justiça para com a provação da não possibilidade de pagamento. É o caso por exemplo de 3 produtores de Ijuí que tiveram os seus pedidos de anistia indeferidos pela agência do Banco do Brasil. Um outro grupo de produtores, no entanto, em número de 464, teve seus pedidos aceitos pelo banco. Esses receberam um recibo definitivo, anexado a um termo de compromisso, no qual o Banco, se comprovar a possibilidade de pagamento, em cinco anos, poderá cobrar novamente a dívida que estaria quitada. Estas operações, mais as 21 que estão em estudo, somam ao todo, segundo a agência do BB em Ijuí, um valor anistiado de Cz\$ 462.920.347,00, quantia que deverá ser aumentada pela computação dos depósitos em juízo.

Augusto Pestana	- 10 VD - Cz\$ 375.000,00	VA - Cz\$ 3.500.000,00
Chiapetta	- 40 VD - Cz\$ 1.590.000,00	VA - Cz\$ 16.200.000,00
Santo Augusto	- 45 VD - Cz\$ 5.435.842,00	VA - Cz\$ 53.200.000,00
Catulpe	- 29 VD - Cz\$ 2.473.675,00	VA - Cz\$ 23.700.000,00
Ajuricaba	- 25 VD - Cz\$ 3.989.759,00	VA - Cz\$ 40.350.000,00
Ijuí	- 55 VD - Cz\$ 6.743.415,00	VA - Cz\$ 66.750.000,00



Celso Sperotto e Roberto Capsa, quando recebiam as chaves dos 15 caminhões



Celso Sperotto



Olmiro Winter



Lauri Saccol



Valdir Heck

"Com esta iniciativa, a Cotrijuí, certamente, estará estimulando o aumento da produtividade e proporcionando uma melhoria nas condições de trabalho e de vida em toda a região Missioneira". Pela Randon Rodoviária, falou o gerente Regional de Vendas, Enio David D'Agostini. Representando a Ford do Brasil, falou Edson Borba, agradecendo a confiança da Cotrijuí na aquisição de seus produtos. "Que esse otimismo esteja presente através do desenvolvimento da região". O diretor da Ivesa, Olmiro Winter lembrou o volume de recursos envolvidos na transação Ford/Cotrijuí. Considerou essa atitude da Cotrijuí, de assumir um projeto dessa importância, como um marco de dinamismo e trabalho "que deve servir de exemplo para a região".

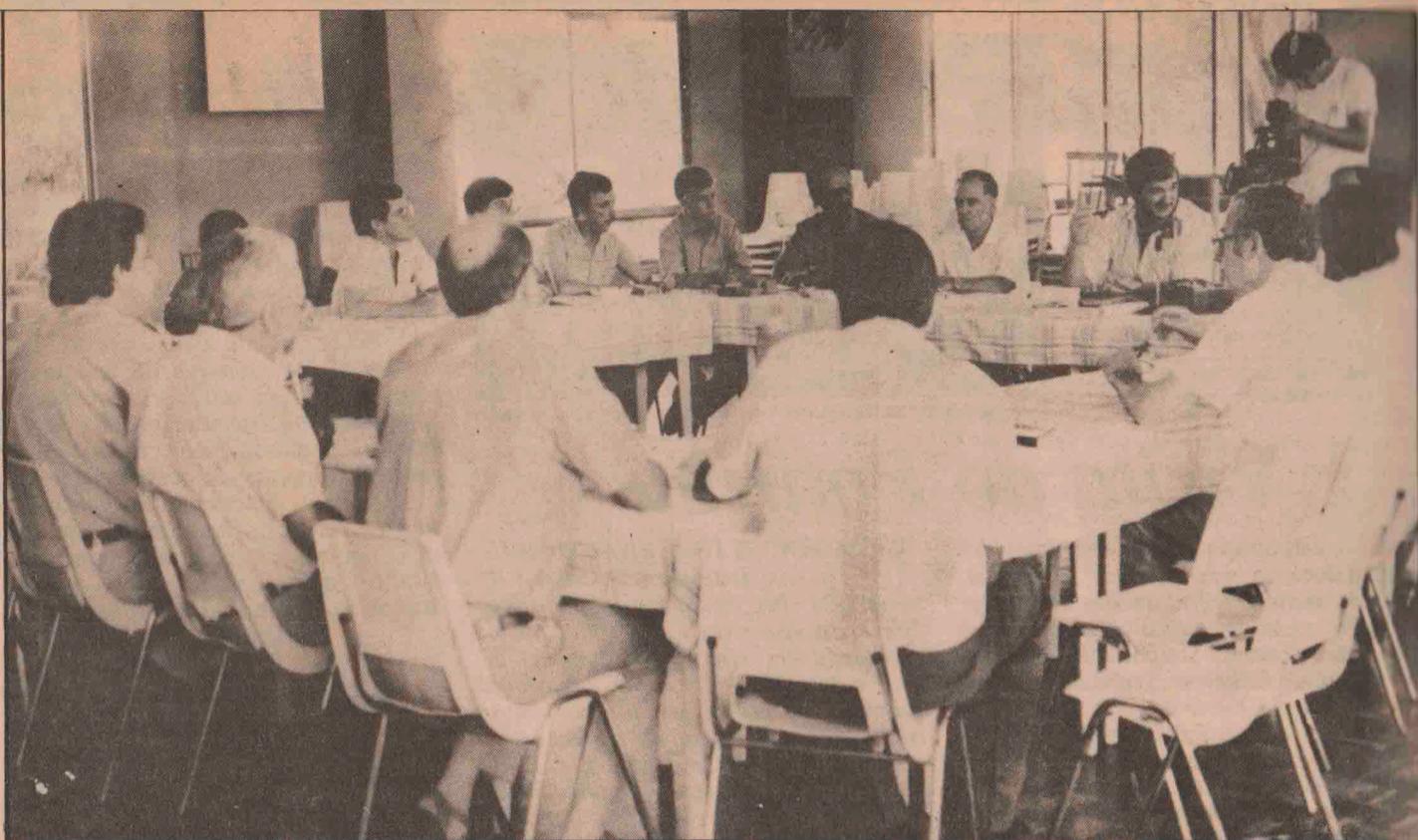
O prefeito municipal, Valdir Heck, cumprimentou os envolvidos direta e indiretamente no Projeto de Recuperação de Solos, ressaltando a necessidade das lavouras da região crescerem em produtividade. "Esse projeto que a Cotrijuí está levando até a propriedade de seus associados, vem fortalecer a idéia de expansão da produção. Ele demonstra

também que a Cotrijuí, mais uma vez, teve o arrojo e a coragem de proporcionar essa iniciativa aos seus cooperados".

A entrega das chaves dos novos caminhões foi feita pelo gerente da Medianeira, Danilo Zanchin e pelo representante da Ford do Brasil Edson Borba ao vice-presidente da Cotrijuí, Celso Sperotto e ao gerente da Transcooper, Roberto Capsa. Ainda estiveram presentes à solenidade de entrega dos caminhões, o superintendente da Cotrijuí na região, Walter Frantz, o diretor de Operações e Comercialização, Clóvis Rorato de Jesus, o diretor de Compras e Abastecimento, Romeu Etgeton, o gerente da área de Operações e Comercialização, Alberto Parenti Filho, gerentes das Unidades; os diretores da Ivesa/Itrasa, Théo Müller, Bruno Schmitt, Arthur Schmitt, além do gerente de vendas da Ivesa, Adelar Klein, do vendedor Pedro Santos. O Banco do Brasil esteve representado pelo seu gerente Nereu Patussi e a ACI por Afonso Haas, presidente. Logo após a entrega das chaves dos caminhões, os convidados e homenageados foram recepcionados com um jantar na Sogi.

COTRIJUI

Apesar da queda de 60 por cento na lavoura de soja e da mini seca que atingiu a cultura do trigo, a Cotrijuí fechou 88 numa situação equilibrada. O processo de diversificação já começou a render frutos e o endividamento foi reduzido.



Oswaldo Meotti na entrevista coletiva que manteve com a imprensa da região

Um balanço de 1988

A Cotrijuí está fechando o ano de 1988 com sua situação econômica financeira bastante equilibrada. Desta forma, o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Olmiro Meotti resumiu a situação da cooperativa durante o já tradicional balanço de fim de ano apresentado para a imprensa da região. Apesar da frustração na lavoura de soja em 60 por cento, a cooperativa recebeu 90 por cento do volume desta cultura em 1987. O trigo, a segunda lavoura em importância física e econômica da cooperativa, também atravessou uma mini seca. As lavouras da Regional de Mato Grosso do Sul foram as mais atingidas. Mas o ano não foi de todo ruim. O processo de diversificação na Cotrijuí, implantado já alguns anos, "começou a render seus frutos, chegando, inclusive, ao ponto de amenizar o impacto de duas frustrações num mesmo ano.

O encontro com os representantes de jornais, rádios e televisão da região, durou mais de duas horas e aconteceu no dia 29 de dezembro na sede da Afucotri de Ijuí. Também participaram da entrevista coletiva Celso Sperotto, vice-presidente da Pioneira, Walter Frantz, superintendente da mesma Regional e ainda os diretores Rui Polidoro Pinto, Romeu Etgeton, Clóvis Rorato de Jesus, Ari Zimpel, Léo Góti e Nelson Sturmhoebel.

A quebra na produção, lembrou o presidente da Cotrijuí, também se refletiu na Regional de Rio Grande que neste ano apresentou uma redução no escoamento da soja de 2 milhões e 200 mil toneladas. "Tínhamos partido de 972 mil toneladas em 86 para 1 milhão, 113 mil em 87 e 1 milhão e 017 mil toneladas em 88. Essa quebra na produção resultou em menos renda, menos impostos, menos trabalho e menor desenvolvimento para a região. Mas mesmo assim, com resultados negativos nas duas maiores colheitas em um mesmo ano, a Cotrijuí conseguiu chegar ao final de 88 reduzindo de 17 milhões de dólares em 87 para ao redor de 14 ou 15 milhões o seu endividamento.

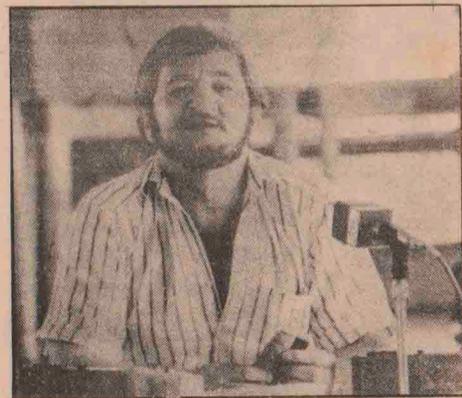
O EQUILÍBRIO

O que também ajudou a manter a situação em equilíbrio, apesar da quebra no volume físico da produção

entregue, especialmente no caso da soja, foi compensado, segundo Meotti, pela situação de mercado "altamente benéfico" e responsável por um faturamento, nos 11 primeiros meses do ano, de 63,6 bilhões. "Isto significa que a Cotrijuí alcançou uma performance mais ou menos dentro da inflação acumulada do ano. E para uma empresa, qualquer que seja a sua natureza jurídica, essa é uma questão muito importante, pois a maior remuneração, hoje, é conseguir administrar os custos das despesas".

Da receita bruta, a Cotrijuí, segundo o presidente, consumiu 30,69 por cento em despesas. 17,69 por cento ainda foram com custos financeiros — juros e correção monetária —, contra os 11 por cento gastos no ano de 87. "É bem verdade, lembrou, que as despesas financeiras, dentro da história da Cotrijuí, já chegaram a quase 30 por cento". Admitiu que a Cotrijuí foi forçada a retomar alguns investimentos, sendo, portanto, levada a captar mais algum dinheiro. "O ideal para uma empresa é não pagar custos financeiros", disse, mas garantiu que a cooperativa pretende levar essas despesas até ao ponto em que ela seja deglutível.

Os investimentos, a maioria deles aplicados em reformas e conservação do patrimônio da Cotrijuí, alcança-



"O processo de diversificação, já começou a render frutos, a ponto de amenizar o impacto das duas frustrações de safras".

ram, em 88, 1 bilhão e 881 milhões de cruzados. Um pouco além do que a cooperativa capitalizou com a produção entregue e que chegou a 1 bilhão, 385 milhões de cruzados. Entende que estes investimentos, no sentido de dar proteção ao patrimônio do produtor, são necessários, pois, infelizmente, até por falta de recursos, a indústria brasileira, a exemplo do que ocorre com a Argentina, já se encaminha para o sucateamento. "A Cotrijuí tem um patrimônio dos mais modernos e precisa ser conservado", observou, deixando claro por outro lado, que a cooperativa não vai descuidar do custo financeiro. "Não vamos elevá-lo a um patamar que assuste o corpo associativo e nossos credores", tranquilizou.

PRIORIDADE: O SOLO

Para Oswaldo Meotti, se a Cotrijuí quiser continuar avançando no setor secundário e terciário da sua economia e que envolvem diretamente seus associados, terá que cuidar, em primeiro lugar, da sua produção, que é a razão da cooperativa existir". E para cuidar da produção primária, primeiro ela vai ter que dar uma atenção maior ao solo, "para onde hoje a Cotrijuí está totalmente voltada através do Projeto de Conservação e Recuperação de Solos". "Este é o investimento maior que a Cotrijuí pretende assumir em 89, embora ele já tenha iniciado nesse ano que finda". Garantiu que se o Banco do Brasil, responsável pelos recursos destinados ao projeto, por problemas de caixa ou de atendimento na sua área de custeio de lavoura, não conseguir dar suporte sozinho aos 32 milhões de dólares que o projeto necessita, a Cotrijuí está disposta a conversar com outros agentes financeiros. "Estamos nos propondo a cumprir aquela fatia da etapa que faltou em 88 e toda a de 89, pois entendemos que esse é o ponto de partida para encorajar o quadro associativo a se lançar em novos empreendimentos".

MUITA CAUTELA

"A filosofia que o corpo diretivo, associativo e funcional da cooperativa está seguindo, é de muita cautela", disse Meotti, ao lembrar que 89,



"A filosofia do corpo diretivo, associativo e funcional da Cooperativa é de muita cautela".

além de representar o ano da "abolição do cooperativismo", também vai representar a liberdade da produção como um todo. Disse que se ainda existir algum paternalismo em termos de política agrícola, este vai sumir, pois a meta do governo para 89 é o de gastar exclusivamente aquilo que ganha e recolhe. As mudanças podem começar pelo trigo que, apesar dos gritos do setor, poderá ter sua comercialização privatizada. "O governo, disse ainda, também está prometendo mexer na sua Política Geral de Preços Mínimos que hoje ainda abriga 48 produtos, mas já existe um anteprojeto prevendo uma redução para 30. E esses produtos serão lançados na iniciativa privada".

A maioria do cooperativismo brasileiro, as mudanças a serem introduzidas na política agrícola, começando com a privatização do trigo e o estabelecimento das importações do produto, são, segundo o presidente da Cotrijuí, algumas das razões que levam a cooperativa a agir com muita cautela nesse ano de muitas incertezas" e de poucas perspectivas. "As condições físicas da lavoura de soja e suas perspectivas de mercado resumem, na verdade, o que existe de otimismo para 89", finalizou Meotti.

A caminho de mudanças

"A crise brasileira é o reflexo de que o velho já não serve mais", resumiu o superintendente da Cotrijuí na Regional Pioneira, Walter Frantz, ao analisar a fase de transição pela qual passa não apenas a região, mas todo o país. Esta situação, a de contraposição do velho com o novo, já se reflete inclusive nas próprias famílias. "O homem, completou, avança na evolução de suas necessidades na busca, de um lado, de um maior bem-estar social e, de outro, pressionando para encontrar uma maior justiça social e equilíbrio de convivência". Disse que somos uma geração que está pagando um preço por estas mudanças e, concretamente dentro da Cotrijuí, somos uma administração que também vem pagando o mesmo preço".

Na Cotrijuí, por exemplo, a administração caminha com 70 por cento de sua energia voltada para o passado, tentando, a partir da interpretação e da administração de seus problemas, poder fazer frente aos desafios do futuro e chegar até a transição. "E, como administradores, se não tivermos esta questão muito clara, vamos nos perder em números, ou pelo entusiasmo ou pelo desânimo", alertou Walter, esclarecendo, no entanto, que a Cotrijuí tem muito claro essa situação de transição, tanto a nível de empresa como de região. Os próprios números deste exercício são um exemplo claro do entendimento da cooperativa em relação ao momento de transição pela qual passa toda a economia da região. Mesmo que o volume de recebimento da Regional represente apenas 30 por cento do volume global da cooperativa, o superintendente entende que ela ainda está apresentando o melhor resultado por já ter incorporado em sua economia, atividades que não representam mais tanto em números, mas em qualidade.

RACIONALIDADE ECONÔMICA

A cooperativa, segundo Walter Frantz, é a organização que precisa trabalhar a questão da racionalidade econômica de seus associados. E dentre as várias espécies de racionalidades econômicas encontradas, a mais forte delas é a racionalidade de poder sobreviver economicamente enquanto produtor independente, proprietário de seus meios de produção, enquanto partici-

pante ativo na condução desse processo. Entende que o produtor não pode fazer o máximo lucro e o maior resultado. E o maior resultado, na interpretação de Walter durante a entrevista coletiva concedida pela direção da Cotrijuí à imprensa da região, a nível de economia da Regional Pioneira, "mesmo que não se despreze o lucro e que se busque uma melhor eficiência", está no sentido do produtor manter seu espaço econômico de produção, independente e proprietário dos seus meios de produção. "É neste ponto que entra o projeto de diversificação de culturas, pois através da monocultura ou de apenas dois ou três produtos, teríamos grandes dificuldades pela frente.

Entende que essa reação que levou a Cotrijuí para a diversificação de suas atividades, ao mesmo tempo que é racional por ser dirigida, conduzida e interpretada, é também o reflexo da capacidade que o homem tem de não ser um suicida de sua história. "A Cotrijuí, hoje, colhe os frutos de sua audácia de, ainda nos anos 70, lançar-se num projeto de modernização da agricultura em cima de duas ou três culturas", disse o Walter, citando a discussão da privatização da comercialização do trigo como exemplo. "Temos a certeza de que o impacto da privatização da comercialização do trigo não vai ser muito grande na região e isso, por termos feito, anos atrás, um redirecionamento em cima da diversificação", afirmou.

PREÇO ALTO

Para o Walter, esse mesmo processo que se repete hoje dentro da Cotrijuí e também na sociedade brasileira, também se repete nessa fase de transição. Mas garante que não há nenhuma tendência suicida nessa história, mas apenas uma tendência de crescimento, "embora o preço desta tomada de posição possa realmente ser muito alto". Considerou a redução do endividamento da Cotrijuí de 17 milhões de dólares em 87 para 15 milhões em 88, num ano de seca e muitas dificuldades, como um fato tranquilizador, "mas que não vai colocar a direção da Cotrijuí numa situação de acomodamento". Como exemplo de que a Cotrijuí pretende continuar avançando, citou os projetos de Conservação e Recuperação de Solos e de Alimentação Alternativa.

Também admite que a situação atual, enfrentada pela economia brasileira, vai levar a Cotrijuí a ficar "com um pé atrás. Sabemos que as dificuldades vão ser grandes, mas temos certeza que, com capacidade, vamos chegar ao final de 89 subindo um novo patamar desta escada de transição para uma situação nova".

O superintendente da Cotrijuí na Região considera o Brasil um país viável, onde as instituições, organizações econômicas, políticas, sociais e culturais estão se mexendo muito para ingressar nesta nova fase. "Nós estamos, certamente, caminhando para momentos melhores em termos de futuro e



Walter Frantz

temos que estar preparados, pois esses momentos são resultados dessa preocupação. Eles não caem do céu".

Os programas para 89

O diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí na Regional Pioneira, o agrônomo Léo Goi falou dos principais programas em andamento na cooperativa, procurando dar ênfase ao Projeto de Recuperação e Conservação de Solos, "responsável pelo grande avanço que a região dará, a curto e médio prazos, em termos de agricultura". Lembrou o antigo Procal, implantado no final da década de 70, mas fez questão de mostrar as diferenças de um programa para outro. "Este nosso trabalho, reforçou o agrônomo, é bastante diferente do Procal. Hoje nós estamos trabalhando com muito mais informações e com os pés bem firmes no chão".



Léo Goi

O Programa de Conservação e Recuperação de Solos da Cotrijuí pretende atacar dois pontos considerados fundamentais: os aspectos químico e físico do solo. "Esta é a nossa grande proposta, contrariando o que se fez na década de 70, quando se cuidou apenas do aspecto químico". Otimista, o Léo tem certeza que a resposta deste programa aparecerá a curto e médio prazos através de um aumento da produtividade das principais culturas. "O aumento na produtividade das grandes culturas atingirá também os programas de diversificação através da estabilidade que proporcionará às propriedades".

Ao atacar o aspecto físico, o programa, segundo o Léo, vai dar ênfase a um manejo adequado do solo, ao preparo do solo, a rotação de culturas, a cobertura e adubação verde, "sem descuidar, é claro, da parte química". Só neste ano por exemplo, mais de 80 por cento da área agricultável da região de ação da Cotrijuí ficou coberta com culturas que serviram tanto para a produção de grãos, como para adubação verde, cobertura do solo ou pastagens. "Aí está a grande diferença em relação a anos anteriores". Além do aumento da produtividade, que se dará via melhoria dos aspectos químicos e físicos, a Cotrijuí pretende atacar um outro ponto, muito discutido até agora: o da integração lavoura pecuária.

O Léo adiantou que já para esse ano a Cotrijuí terá um programa de pecuária de corte e de engorda de animais nesta região. "Tudo o que se vinha discutindo há bastante tempo, forçado agora pela própria atuação do trigo, deverá ganhar melhor velocidade a partir deste inverno," observou. Na área de grãos também já está acontecendo uma grande mudança. Algumas culturas que, até bem pouco tempo, eram utilizadas apenas para cobertura do solo durante o inverno, estão, hoje, em estudos pela cooperativa. A intenção é intensificar o programa de utilização destes grãos na formação de uma alimentação alternativa.

A suinocultura, atravessando no momento uma de suas piores crises, é um exemplo, na região, de que é possível viabilizar a atividade, baixando custos através do uso de grãos alternativos na composição da alimentação. Este é mais um programa, o do uso de grãos alternativos na alimentação de animais — segundo o Léo que deverá ganhar maior incremento durante este ano. "Mesmo com crise, o recebimento de suínos pela cooperativa está fechando em torno de 60 mil animais", observou, lembrando também o avanço na área de leite. Com um número de produtores estabilizado em volta de 4.700, o recebimento de leite em 88 deverá fechar em 38 milhões de litros contra os 29 milhões produzidos em 87. A projeção para 89 é chegar a 42 milhões de litros.

Os programas de sementes também foram destacados pelo agrônomo em sua projeção para 89. Atualmente a Cotrijuí vem trabalhando com mais de 80 espécies de cultivares de sementes. "A questão semente, não se restringe mais apenas ao trigo e a soja e nem a demanda de nosso quadro social, explicou o diretor Agrotécnico, dizendo ainda que 50 por cento da semente da soja, por exemplo, é destinada para terceiros, com mercado garantido no Paraná, São Paulo e Mato Grosso. Só a produção de sementes de forrageiras da Cotrijuí já chega a duas mil toneladas.

A própria área de hortifrutigranjeiros terá, em 89, um programa específico, voltado para a olericultura. Ao lado de outras empresas, a Cotrijuí pretende ingressar na produção de sementes de olericultura, visando não só o mercado regional, mas nacional. Desta forma sintetiza o agrônomo, vamos fechar o cerco. Estaremos partindo da produção de sementes das grandes culturas e chegando até as pequen-

* CENSO ESCOLAR

DIGA PRESENTE
A ESTE CHAMADO

* 15/01/89

Ijuí realiza, dia 15 de janeiro, um grande mutirão pela melhoria do ensino: o Censo Escolar.

Somente com informações abrangentes e atualizadas poderemos planejar uma escola melhor e você é fundamental para que isso aconteça.

Dê uma aula de solidariedade, como recenseador voluntário, doador de material ou prestando informações.

Entre em contato com as entidades abaixo e participe!

SEM VOCÊ, A EDUCAÇÃO NÃO SERÁ NADA NA VIDA DE MUITAS CRIANÇAS.

Promoção:

CMEI

36-DE

PREFEITURA

UNIJIÚ

CIMS

Apoio:

COTRIJORNAL

GIMIC

U que a imprensa quis saber

O balanço de fim de ano, realizado no dia 29 de dezembro, na sede da Afucotri, contou com a participação de jornais, rádios e televisão da região. De Ijuí, a presença do Jornal da Manhã, Correio Serrano, das rádios Progresso e Repórter, do correspondente do Correio do Povo de Porto Alegre e da sucursal da RBS TV, canal 3. Ainda participaram da coletiva representantes da Rádio Municipal de Tenente Portela, da RBS TV, canal 3 de Cruz Alta e do jornal O Campo, de Moçambique. A seguir, uma síntese das principais questões levantadas pelos representantes da imprensa.

Adelar Amarante — representando a Rádio Progresso de Ijuí: E a indústria de Carnes?

Oswaldo Meotti — Ainda temos um caminho a trilhar e esta será a consequência da evolução do setor primário. Existe uma expectativa a curto prazo de redução na área de plantio de trigo e este fato vamos ter que compensar com outros tipos de grãos. Teremos, neste ano, uma produção de milho ao redor de 3 milhões de toneladas para um consumo superior a 4 milhões. Além das quebras na produção do Centro-Oeste e Paraná, a Argentina, eventual fornecedora, também passa por uma seca. Temos hoje um fator substitutivo, embora em volumes físicos não seja significativo, que é a formulação de rações com outros tipos de grãos produzidos no inverno, como as aveias. Certamente, teremos que acelerar mais o processo, substituindo a eventual área a ser deixada pelo trigo com a produção de uma maior área de forrageiras, visando o aumento da produção de leite, de porco e de boi. Na fronteira, por exemplo, a mortandade de terneiros é muito grande. Aqui, no entanto, nós temos condições de terminar e abater esses animais. É um processo na verdade que, numa primeira etapa já começou a ser feito em pequenas plantas. A Central de Carnes vem operando em duas plantas modestas, à medida em que os programas implantados na região na área animal forem avançando e, considerando as necessidades dos próprios produtores, uma terceira ou quarta planta seria até normal. No entanto, não podemos avançar em demasia o sinal. Sem querer ser em demasia pessimista, a verdade é que o estágio atual da lavoura de verão é ainda o que existe de otimismo para 89. Esse otimismo não está apenas relacionado com o estágio físico vegetativo da lavoura como também pelas expectativas de comercialização. Já sabemos que o trigo terá uma safra de mangas curtas, com área reduzida. Mas certamente, será uma etapa apenas iniciada em 89.

José Guedes — Rádio Progresso e Jornal da Manhã: O governo vai querer colocar a economia numa "camisa de força" em 89. Que perspectivas a Cotrijui tem para o seu orçamento com toda essa inflação?

Oswaldo Meotti — A Cotrijui elaborou seu orçamento programa para 89 em OTN. Não existe perspectivas em Cruzados que se possa cumprir. A estrutura existente em termos de instrumentalização de apoio, recebimento, armazenagem, agroindústria, comercialização, estrutura física da lavoura, entre outros itens, foram todos convertidos em OTN mês a mês. Temos uma previsão orçamentária de 55 milhões de OTNs para 89. Em 88, ano da quebra na lavoura de soja, as despesas, em 11 meses de exercício, chegaram a 35 milhões de OTNs, podendo chegar até o dia 31 de dezembro — os

números finais, por ocasião da coletiva ainda não estavam fechados — a 38/40 milhões de OTNs.

Silmar Welter — representando a sucursal da RBS TV, canal 3: Projetos para 89?

Oswaldo Meotti — Em 88 fizemos pequenos investimentos, considerados essenciais na área de armazenagem. Algumas composições de contas com devedores do Grupo, aquisições de pequenas unidades armazenadoras e até construções de moegas ou arrendamentos no sentido até de minimizar o impacto de uma quebra da lavoura de verão em função da seca. A soja, que ultimamente vinha respondendo por 40 a 50 por cento de volume físico, teve uma quebra de 60 por cento na Regional Pioneira. No cômputo geral da Cotrijui, a quebra foi de 10 por cento. Saímos de um recebimento de 1 milhão 113 mil toneladas em 87 para 1 milhão, 017 mil toneladas em 88, resultado, este, fruto de uma verticalização maior dentro da área de atuação da Cotrijui.

Em termos de capitalização, a arrecadação em 88 chegou a 1 bilhão, 384 milhões de cruzados. Em investimentos, a Cotrijui gastou Cz\$ 1 bilhão 881 mil. A insegurança da economia e seus rumos ainda incertos, somados a situação da lavoura de inverno, com a privatização do trigo, nos colocam numa posição de máxima cautela em relação a despesas e investimentos. Só vamos investir no que for realmente muito necessário. A prioridade é acelerar os projetos em andamento na cooperativa, como o da correção e conservação de solos, rotação de culturas, cobertura com pastagens e de grãos alternativos.

Silmar Welter — sucursal da RBS TV, canal 3: Qual o faturamento da Cotrijui em 88?

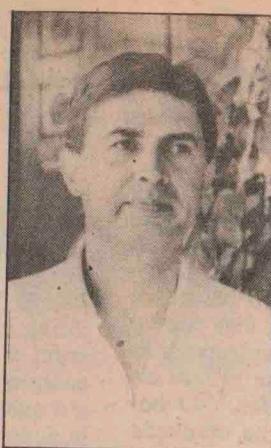
Oswaldo Meotti — Nos 11 meses do ano e já encerrados, o faturamento da Cotrijui chegou a Cz\$ 63,6 bilhões. Desse total, 17,69 por cento — Cz\$ 11,56 bilhões — foram absorvidos pelos custos financeiros; 13 por cento pelas despesas gerais; 3,93 por cento da receita — Cz\$ 2,57 bilhões — pelas despesas com pessoal e 3,35 por cento — Cz\$ 2,19 bilhões — com ICM.

Filomena Langa — do jornal O Campo de Moçambique: O que considera mais importante para a Cotrijui neste momento, aumentar as exportações ou agredir mais o mercado interno?

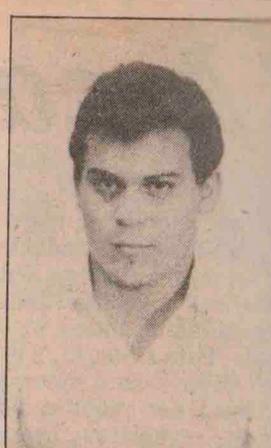
Oswaldo Meotti — Não podemos perder de vista o mercado internacional especialmente da soja e seus derivados, até porque existe uma grande demanda desse produto. As perspectivas para 89, principalmente de parte do Mercado Comum Europeu são muito boas, principalmente pela qualidade do produto colhido no estado do Rio Grande do Sul, que é ligeiramente superior ao do Paraná para cima e muito superior ao produzido na Argentina e Pa-



Silmar Welter



José Guedes



Adelar Amarante

raguai. A nossa intenção é manter esse mercado, mesmo sabendo que é muito disputado pelas grandes economias mundiais. Temos consciência que não podemos recuar, mas também não pretendemos fazer grandes avanços nessa área. A luta hoje é a de aumentar o consumo no mercado interno dos 140 milhões de brasileiros. Até 85, o consumo de proteína animal era de 16 quilos per capita ano. Em 86, com o Plano Cruzado, chegamos a 19 quilos e hoje esse consumo caiu para 9 quilos per capita ano. O nosso direcionamento será no sentido de manter e ampliar o mercado externo, mas sempre de olhos muito abertos e voltados para o mercado interno.

Silmar Welter — da sucursal da RBS TV, canal 3: A nova Constituição trouxe alguma desvantagem para o sistema cooperativista?

Oswaldo Meotti — Até 5 de outubro se dava muita ênfase ao fato de que o cooperativismo estava sob um paternalismo muito grande, embora, nunca tenhamos visto tanto paternalismo como se apregoava. Mas de agora em diante o sistema pode ser estruturado de acordo com os interesses de seus participantes. O cooperativismo foi contemplado na Constituinte. Evidentemente que nas áreas social e tributária, tem ainda muita coisa a que precisamos nos adaptar. Na área social, seria



Filomena Langa

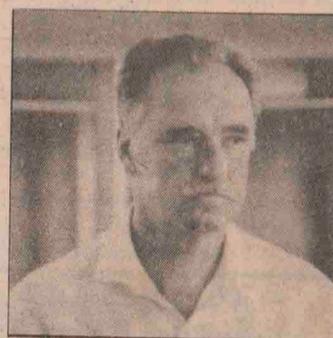
uma contradição dizer que houve desvantagem. Busca-se uma redução de custos pela maior produtividade. Produzir mais barato e atingir um maior número de consumidores. O poder aquisitivo deve ser reconquistado. Teremos também que, via produtividade, buscar maior competência para poder neutralizar os efeitos na área tributária que a Constituinte nos traz. Além da otenização dos impostos, de um modo geral, temos hoje, com a nova Constituição, a introdução do imposto de 8 por cento sobre o lucro das empresas de produção. O certo é que, com o decorrer do tempo, teremos que ir deglutindo essa situação, nos adaptando a essa nova realidade.

Mais leite, suínos e forrageiras

"A soja e o trigo vão representar, na nossa Regional, volumes bem mais baixos neste ano, não tanto pelas frustrações que ocorreram, mas também pelo aumento da produção oriunda das atividades alternativas". A afirmação foi feita pelo vice-presidente da Cotrijui na Região, Celso Sperotto, ao fazer, durante a entrevista coletiva com a imprensa regional, um balanço do desempenho da Cotrijui em 88. Entre as atividades alternativas, que mais cresceram no ano, Celso citou a produção leiteira, a suinocultura e as forrageiras grãos.

Lembrou que o Projeto Calcário, embora nesse primeiro ano não tenha atingido as metas estabelecidas pela Regional, vai dar, de qualquer forma, um bom estímulo para as lavouras em 89. "Já temos um volume expressivo de lavouras recuperadas, o que nos permite ser otimistas e esperar uma maior produtividade neste novo ano".

Em termos de investimentos, o vice-presidente da Cotrijui na Região, explicou que eles se restringiram às modificações necessárias, buscando dar um trato melhor aos prédios e armazéns das Unidades, "já bastante sucateadas e exigindo reformas". "Todos os investimentos feitos, reforçou, foram no sentido de melhorar o recebimento da produção,



Celso Sperotto

dar melhores condições de armazenamento à produção de nossos associados. Na intenção de ficar mais perto da lavoura, a Cotrijui, em 88, investiu na construção de algumas moegas, "com o único objetivo de facilitar a entrega da produção".

Mesmo que as frustrações tenham atrapalhado as previsões, o crescimento das atividades alternativas permitiu que a Cotrijui, segundo Celso Sperotto, chegasse ao final do ano com alguma perspectiva. "Tivemos muitas dificuldades, mas conseguimos superá-las graças ao trabalho de equipe da Cotrijui". Disse ainda que espera chegar ao final de 89 com números "bem mais positivos" do que os deste ano passado. "A situação da lavoura de soja já nos permite um certo otimismo", finalizou.

Avaliação do ano

Uma avaliação das atividades da Cotrijuí, Regional do Mato Grosso do Sul durante o ano de 1988. Este foi o assunto principal de um encontro realizado no dia 22 de dezembro, em Campo Grande, que reuniu a direção da Regional, conselheiros, representantes, o presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti e alguns de seus assessores. O encontro também serviu para que se falasse da Estrutura do Poder na cooperativa, do atraso no pagamento do trigo e da política agrícola.

O coordenador da Área de Comunicação e Educação da Cotrijuí no Mato Grosso, Geraldo Schorn, expôs, em painel, a posição dos representantes da Regional, relacionada com as modificações a serem introduzidas no Regimento Interno da Cooperativa e atualmente em discussão pelo quadro social. De acordo com as opiniões dos representantes, dos conselheiros e dos associados, levantadas nas reuniões de núcleos, e ratificadas no encontro de avaliação, o consenso, é de que o Regimento Interno, pelo menos até a Constituinte Cooperativa, não sofra alteração significativa em seu texto, dando ênfase para alguns itens colocados em discussão.

Com relação a escolha dos coordenadores, por exemplo, eles entendem que o sistema deve continuar como vinha ocorrendo até agora. Eles querem que seja consagrado em regimento, o que já vinha sendo executado na prática. Ou seja: cada Unidade deverá continuar escolhendo o seu coordenador. Destes, sairá o coordenador da Regional.

Para alteração do artigo 6º, a proposta apresentada pelo pessoal de Mato Grosso inclui sugestões de prévias para candidatos a representante, considerando para tanto, a participação ativa do associado na entrega da sua produção em reuniões e cursos promovidos pela Cooperativa. Eles ainda sugeriram que, por enquanto, não se modifique o item que fala do prazo mínimo estipulado pelo Regimento Interno para que o associado possa votar e ser votado. Lembraram que em breve se terá uma nova lei do cooperativismo quando, certamente, o Estatuto será alterado. Outra proposta apresentada trata do artigo que fala do quociente mínimo para considerar eleito um representante — 15 votos. Ela sugere que ele não seja mexido.

Na pauta dos assuntos gerais, do interesse do quadro social, os representantes falaram sobre o atraso no pagamento do trigo e política agrícola. O presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, falou sobre o assunto, relatando, inclusive, suas impressões sobre a viagem que fez recentemente a Brasília, acompanhando a direção da Fecotrigo em visita

aos ministérios da área econômica.

Os investimentos feitos pela Regional de Mato Grosso do Sul e formas de pagamento foi outro assunto levantado na reunião pelo vice-presidente Nedy Rodrigues Borges. Segundo ele, uma forma de amortizar esses custos será através de bonificação que será creditado como integraliza-

ção de capital do associado sobre a comercialização da soja no ano de 88. Também entraram na pauta assuntos como taxas de recebimento das próximas safras e perspectivas para 1989.

Dias antes desta reunião geral, de avaliação do ano, a direção da Regional havia promovido um Seminário, nos dias 19 e 20, com todas as

Meotti se reuniu com a direção, representantes e conselheiros da Regional de Mato Grosso do Sul para avaliar o ano que passou, falar sobre as alterações a serem feitas no Regimento Interno da Cooperativa, trigo e política agrícola

gerências e chefias da Cotrijuí na Mato Grosso. Neste Seminário foram discutidos e enca-

minhados assuntos oriundos da nova Constituição — legislação trabalhista, tributação, tabelamento de juros, entre outros.



CURACRON®

Para conter o avanço da Lagarta da Soja.

1. CURACRON é um inseticida que controla a Lagarta da Soja de forma eficaz;
2. CURACRON é seletivo aos inimigos naturais da Lagarta da Soja;
3. CURACRON é econômico: proporciona baixo custo de tratamento;
4. Quando aplicar CURACRON?
Quando houver 40 ou mais lagartas grandes por batida de pano, é hora de aplicar CURACRON.



CIBA-GEIGY
DIVISÃO AGRÍCOLA

União, a segunda do município

A Apsat de Derrubadas foi criada em 84 e congrega 25 agricultores

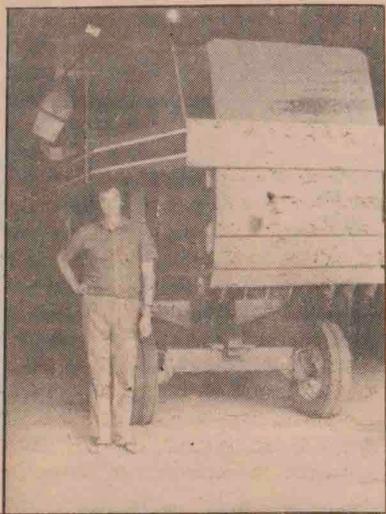
Quem visita Derrubadas, uma pequena comunidade localizada no interior de Tenente Portela, vai encontrar, quase no finzinho da rua da igreja, depois do mercado da Cotrijui, um grande galpão, pintado de marrom, com três portas, bem à direita de quem vai na direção de Desimigrados. Neste galpão, uma vez por mês, 25 pequenos agricultores se reúnem para analisar e discutir os próximos passos a serem tomados pela Associação da qual fazem parte e foram fundadores: a Apsat.

A Apsat União, a Associação de Prestação de Serviços e Assistência Técnica dos pequenos agricultores de Derrubadas nasceu há quatro anos atrás "com a finalidade de baratear os custos de colheita", justifica Mário Prochnow, presidente. As máquinas que existiam na região eram poucas, "deixando os pequenos agricultores sempre nas mãos dos grandes proprietários que cobravam o que bem entendiam pelo serviço". Mas a Apsat União não nasceu num passe de mágica. Antes de sua criação foram feitas 13 reuniões entre os agricultores interessados, sempre com a orientação da Emater e algumas visitas a Apsat de São Pedro, a única que existia na região. "No começo, lembra seu Orlando Long, um outro associado, os agricultores ficaram meio apreensivos com a idéia, mas no dia da criação, nenhum dos 29 fundadores tinha ainda qualquer dúvida a respeito dos benefícios que a Apsat poderia trazer para a região".

SITUAÇÃO EQUILIBRADA

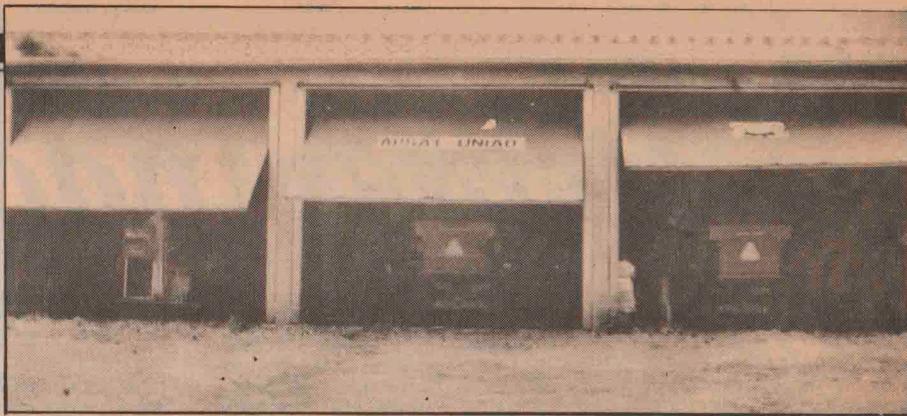
No dia 14 de agosto de 1984 eram 29 agricultores os associados fundadores da Apsat União de Derrubadas. Hoje ela congrega 25, e vive em meio a uma campanha para arregimentação de novos sócios. Dois dos agricultores fundadores deixaram a Associação, segundo Mário Prochnow, eleito presidente pela terceira vez consecutiva e também gerente, porque venderam suas terras e foram embora para o Paraná. O terceiro saiu por livre e espontânea vontade.

A Associação vive hoje uma situação equilibrada, com uma receita que deverá fechar o ano por volta de Cz\$ 600 mil. O seu patrimônio atual está constituído pelo galpão de 27 metros de comprimento por 11 de largura, comportando garagem, escritório, cozinha e uma sala de reuniões; duas automotrizes; dois espalhadores de calcário; um classificador de sementes; uma lâmina niveladora; uma plantadeira de milho e uma plataforma para a colheita do milho.



Mário Prochnow

A primeira colheitadeira foi adquirida com recursos do Finsocial, no valor de Cz\$ 121 mil, "com um prazo de seis anos para pagar e dois de carência". A última prestação só vence no final do ano. A segunda automotriz foi adquirida com dinheiro dos próprios associados através da doação de um saco de soja por hectare, "pois só com o rendimento do serviço, não seria possível pagar o financiamento". Num segundo momento, os agricultores trataram de construir o galpão, também com recursos obtidos junto ao quadro social. "Só tivemos despesas com a planta e um pedreiro. O restante foi feito pelos próprios associados nas horas de folga", conta Mário, que também é agricultor, proprietário de 19,5 hectares de terra. O restante do maquinário



O galpão sede da Apsat União comporta garagem e escritório

foi adquirido no ano passado, através de financiamento obtido no Banco do Brasil e do qual ainda resta uma parcela de Cz\$ 519 mil para ser paga.

PROJETOS DA ASSOCIAÇÃO

Aumentar o quadro social, adquirir mais uma automotriz nova e um pulverizador são os projetos imediatos da Associação de Derrubadas. A intenção de aumentar o quadro social tem como finalidade, segundo o presidente, ampliar os benefícios da Associação para um maior número possível de pequenos agricultores da região que, isoladamente, não têm condições de adquirir qualquer maquinário. "Hoje, afirma Mário, é totalmente inviável,

para um pequeno agricultor a compra de uma plantadeira de milho, por exemplo, de mais de Cz\$ 1 milhão, para plantar dois ou três hectares de lavoura por ano". E para a Associação, ele acha que quanto maior o quadro social, melhor. Mas só podem se candidatar a uma vaga no quadro social da Apsat União, agricultores que morarem nas proximidades de Derrubadas, "para evitar as andanças das máquinas pelas estradas"; que forem proprietários de no máximo 50 hectares de terra e que se dispuserem a pagar, pelo ingresso, uma taxa equivalente a dois sacos de soja por hectare.

As máquinas são de todos

Texto: Filomena Langa

Nervino Heidrich, um agricultor proprietário de 60 hectares de terra em São Pedro, integra a Apsat desde a sua fundação, desempenhando na Associação a função de vice-presidente. O cargo de presidente é ocupado pelo agricultor Benjamin Menegazzi. A idéia de criar uma Apsat em São Pedro, segundo o seu Nervino, partiu dos técnicos da Emater e, de começo, deixou os agricultores meio com um pé atrás. "Eu fui um que fiquei desconfiado de início porque já andava meio resabiado de sociedade", confessou o agricultor. Seria mais uma sociedade com muitas cabeças mandando".

Mas assim como ficou desconfiado, seu Nervino logo pode desfazer suas dúvidas, entendendo que a finalidade da Associação era séria e representava uma saída para aquele pessoal de São Pedro, pequenos proprietários, sempre a mercê dos prestadores de serviços e sem condições de, isoladamente, adquirir maquinário. "A própria Emater, conta ele, me convenceu das vantagens da Associação".

Integrante atuante da Apsat de São Pedro desde a sua fundação, seu Nervino conta que de início a Associação enfrentou momentos difíceis, além de ter que conviver, em seu primeiro ano, com uma frustração de safra. "De saída tivemos que financiar duas máquinas e ainda construir o galpão que o maquinário não podia ficar no tempo". O agricultor que tinha algum recurso sobrando da safra do trigo, ajudou na construção do galpão, comprando o terreno e a madeira. Quem não tinha dinheiro, participou do mutirão que era liderado por um agricultor que entendia de construção. "De mão-de-obra, só tivemos despesas com o agricultor contratado. Eu mesmo, diz ainda, cedi muita madeira de eucalipto. Outros venderam a madeira pela metade do preço".

Mas não foi só a frustração na lavoura de soja e a falta de recursos que atrapalhou um pouco o andamento da Associação logo de início. O próprio sentimento de individualismo do associado que ainda não havia assimilado o espírito associativista

que caracterizava o grupo atrapalhou um pouco, "mas foi apenas no começo", explica o agricultor contando que no primeiro ano chegou a perder 200 sacos de produto na lavoura, porque um outro associado preferiu

colher toda a sua lavoura ainda verde, para não ceder a máquina. "Hoje o associado já sabe que, sempre que as condições climáticas não forem favoráveis, as máquinas devem ser utilizadas um pouco para cada agricultor".

O maquinário do seu Nervino se resume em dois tratores e implementos e mesmo assim ele não pretende comprar uma colheitadeira. Diz que por enquanto está satisfeito com o serviço prestado pela Apsat. A sua única preocupação, agora, é com a falta de segurança na sede da Associação.

CUSTOS ACESSÍVEIS

Anibal Locatelli, é um agricultor de Derrubadas, associado da Apsat União, e da qual também exerce a função de vice-presidente. Proprietário de um trator, uma batadeira, um misturador de ração e uma área de 21 hectares de terra onde cultiva a soja, o milho, o trigo e lida com suínos, seu Anibal só vê vantagens em integrar a Apsat de Derrubadas. Lembra que em 1984, época da criação da Associação, o agricultor pagava de 10 a 15 por cento da colheita para os prestadores de serviço. "Eles nos cobravam como queriam porque sabiam que não tínhamos saída. Hoje, a situação é outra. A própria Associação segurou os preços no mercado e, para nós os custos de produção reduziram.

Outro associado da Apsat União, o seu Orlando Long, proprietário de 44 hectares de terra, também não se cansa de falar das vantagens que a Associação trouxe para os produtores da região. "Com a inflação do jeito que anda, a Apsat é a única saída para o pequeno e médio



nervino: satisfeito com o serviço prestado



Anibal Locatelli



Orlando Long

produtor, sem condições de comprar uma automotriz". Ele possui na propriedade um trator, arado pé-de-pato, arado de disco, grade, duas semeadeiras e um terraceador e não vê necessidade de adquirir uma colheitadeira. "Até agora tem dado tudo certo. Os associados trabalham dentro de um programa de inscrição, que todo mundo respeita".

Além dos serviços da colheitadeira, seu Orlando já ocupou o espalhador de calcário, "que até um tempo atrás se usava de graça", o classificador de sementes. "A taxa que o associado paga agora, serve para a manutenção das máquinas", explica, alertando ainda que, apesar dos baixos custos proporcionado pela Associação, o próprio agricultor deve facilitar o trabalho da automotriz preparando bem as suas lavouras. "Lavouras bem feitas contribuem para a maior conservação das máquinas", diz ele.

Prevenindo as doenças

A medicina preventiva praticada a nível comunitário, está sendo executada pela Regional da Cotrijuí em Dom Pedrito

A Cotrijuí Regional Dom Pedrito implantou e vem desenvolvendo no município, um Programa de Saúde trabalhado a nível de medicina comunitária, dando prioridade ao fator preventivo das doenças. Aliás, a direção da Regional, que idealizou e vem dando todo o apoio ao Programa, deposita grandes esperanças e aguarda os melhores resultados do mesmo, sob a expectativa a ser alcançada de que as pessoas saudáveis produzem mais. E é mais produção o que necessitamos, afirma o diretor-superintendente da Regional, Eduardo Augusto Pereira de Menezes, com a concordância integral do vice-presidente Oscar Vicente Silva.

O médico José Hamilton Quadros Torres, eleito conselheiro e representante dos associados para a área da

saúde, é da mesma opinião. E considera que o fator de êxito que venha a ser alcançado pelo programa, dependerá, fundamentalmente, do sucesso da política educativa que vem se desenvolvendo paralelamente ao trabalho. Segundo José Hamilton, é muito importante o trabalho desenvolvido pelo setor de Comunicação e Educação, com a orientação de Walmir Gomes Sanches, coordenador técnico do programa.

O Programa tem o apoio financeiro do Funrural, que paga os médicos e os agentes de saúde. Estão contratados oito médicos especialistas nas diversas áreas de saúde, e quatro odontólogos. O elo de ligação entre a medicina e os pacientes é feito pelos agentes de saúde, que atuam no interior do município. As localidades distritais

já atendidas são: Sanga Preta, Taquarembó, Passo das Pedras e Quatro Estradas.

José Hamilton destaca que o Programa de Saúde Cotrijuí Dom Pedrito destaca-se mais pelo seu caráter preventivo, sobressaindo-se este sobre o curativo e o hospitalar. Daí — diz ele — a significativa importância dos agentes de saúde e do setor de Comunicação e Educação.

A HIGIENE É A SAÚDE

O trabalho educativo parte do princípio de que é fundamental a prática das normas de higiene. Por isso, vai fazer uma rígida observação sobre a água consumida nas propriedades e o saneamento básico das casas. O pessoal está bem conscientizado de que não vai ser trabalho fácil, mas esse é um dos objetivos. Serão promovidas reuniões

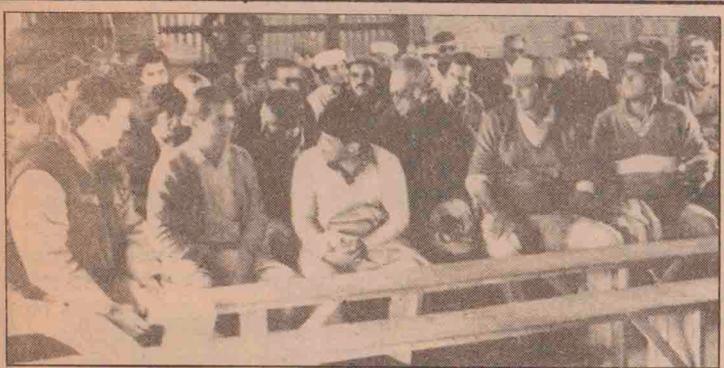
com os moradores e realizadas palestras sobre saúde, nutrição, prevenção e cuidados para evitar a proliferação de vermes e cáries dentárias.

A hidatidose é de fácil propagação, principalmente nas regiões campestres, e também está na mira do Programa. Serão reorganizadas as comissões de saúde e realizados cursos de primeiros socorros. O melhoramento da alimentação também faz parte do Programa. Por isso, haverá incentivos para a criação e manutenção de hortas domésticas.

O Programa se desenvolve em três planos, a saber: Zona Rural — Curativo. Manutenção de ambulatórios e atualização e treinamento dos agentes de saúde. Zona Urbana — Curativo. Atendimento em consultórios, das seguintes especialidades médicas:

clínica geral, cardiologia, ginecologia, otorrinolaringologista, pediatria e gastroenterologia. O atendimento de primeiros socorros será no ambulatório do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

A cooperativa incluiu também a prevenção da saúde do funcionário e de seus familiares. Será feito através de acompanhamento das famílias, instrução para a prática de higiene, melhoramento da alimentação e maiores cuidados na habitação. Serão oferecidas palestras e mostrados exemplos de como é possível melhorar as condições ambientais, mesmo que com poucos recursos. A intenção é desenvolver o talento criativo que é latente em cada pessoa. Serão realizados cursos de primeiros socorros e incentivada a criação e manutenção de hortas domiciliares.



Reunião com produtores e técnicos

DOM PEDRITO

O trabalho de comunicação

Reunião com a participação de associados e familiares nos núcleos, Boliço da Pedra, Torquato Severo, Passo Fundo, Passo do Camaquã, Serrilhada, Bento Rengo, Ponche Verde, Sucessão dos Moraes, Campo Seco, Vila Brasília, Sanga Preta, Taquarembó, Passo da Pedra, Fontoura, Quatro Estradas, Três Vendas, Picada das Pedras e Vacaiquã, foram alguns dos encontros promovidos pelo setor de Comunicação e Educação da Regional Dom Pedrito, durante o ano, visando debater e esclarecer assuntos da Cotrijuí com os associados da cooperativa.

No final de mais um ano de trabalho, o encarregado do setor, Ivo Basílio, apresentou à diretoria da Regional uma síntese do trabalho realizado sob sua coordenação. Além das reuniões em núcleos, dezenas de outros trabalhos foram desenvolvidos, desde a organização e coordenação de eleições do Conselho Fiscal e Conselho de Representan-

tes, à promoção de cursos profissionalizantes para homens e mulheres.

Cursos de tricô, para senhoras, no Boliço da Pedra e Vacaiquã; de tecelagem, no Taquarembó e Passo da Pedra. Durante os referidos cursos foram promovidas atividades dedicadas à saúde comunitária, e organizadas assembléias para a formação de comissões de produtores para orientar trabalhos na produção de mel, lã, arroz e suínos.

Muitas dessas reuniões são promovidas com o apoio de entidades como: Secretaria da Agricultura e Abastecimento, Secretaria Municipal da Agricultura e Meio Ambiente, Associação dos Agricultores de Dom Pedrito, Emater, Associação dos Engenheiros Agrônomos, além do Departamento Técnico da Cotrijuí, que obedece a chefia do médico-veterinário Otalíz de Vargas Montardo, e tem assessoria do engenheiro-agrônomo Saul Figueiredo.

Semente tratada com TECTO 100, todo mundo sabe o que vai ser quando crescer.



Uma planta sadia e produtiva.

Os fungos patogênicos das sementes e do solo só fazem diminuir o seu lucro. Podem reduzir o número de plantas por área, aumentar a probabilidade de replantio, ocasionar a perda da época adequada de plantio, baixar a produtividade, aumentar os custos de produção e disseminar doenças.

Quando as sementes são tratadas e protegidas por TECTO 100, obtêm-se: controle eficiente dos fungos patogênicos, emergência máxima, redução da probabilidade de replantio, economia de insumos, mão-de-obra e a melhor época de plantio. Use TECTO 100. Um seguro que também pode ser um investimento.



AC 16/87

TECTO 100
A PROTEÇÃO NECESSÁRIA

Marca Registrada

MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME
Farmacêutica e Veterinária Ltda.
São Paulo, São Paulo, 1305-5º andar, CEP 01461-10, (011) 814-5265-57

(B) A-11-A-16/87

Problemas na lavoura de soja

Seca antecipa ataque de lagartas em lavouras do MS

Depois de esperar pela chuva, o que retardou o preparo do solo para a safra de verão e resultou conseqüentemente num atraso do plantio, os agricultores do Mato Grosso do Sul estão se deparando com o aparecimento precoce de uma das pragas mais comuns na lavoura de soja: a lagarta *Anticarsia germatalis*. A sua ocorrência é comum no final de dezembro e em janeiro quando a soja já está formada, mas a novidade é que este ano o seu aparecimento se deu mais cedo atingindo plantas com apenas dez dias. Esta situação é generalizada no estado e o motivo principal apontado pelos técnicos é a longa seca verificada há pouco tempo atrás, e que persiste em algumas localidades.

O que preocupa mais o produtor entretanto, é o aparecimento simultâneo de outras duas lagartas, a *Pseudoplusia* ou falsa medeadeira e a *Spodoptera*, a lagarta do milho que está atacando também algumas plantações de soja. Estas são mais difíceis de con-

trolar, diz o engenheiro agrônomo Maurício Peralta, coordenador do Departamento Técnico da Cotrijuí de Dourados, e exigem um acompanhamento maior.

O departamento tem orientado o produtor para que ele use o inseticida correto na hora certa, escolhendo um produto que seja seletivo e que não elimine os inimigos naturais que atacam a lagarta da soja. Tem muita gente, conta Maurício, que usou o produto errado e teve que fazer duas aplicações em menos de dez dias quando o normal é uma, porque o inseticida usado não foi o ideal e matou os predadores naturais da lagarta, facilitando o seu desenvolvimento. Considerando-se que a revisão incluía um maior número de aplicações, estes produtores terão uma despesa ainda maior.

Quanto ao controle biológico através do baculovírus *anticarsia*, o agrônomo afirma que este ano o seu uso está restrito a um pequeno grupo de agricultores porque

as condições — o rápido desenvolvimento do surto e o atraso na lavoura — não favorece o método.

A *Anticarsia germatalis* invade lavouras desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina e tem uma biologia bastante conhecida, mesmo assim não se sabe de técnicas para evitá-la e seu aparecimento é inevitável. A vantagem é que seu controle é relativamente fácil e se o acompanhamento for constante, ela não afetará a produção final da plantação. O único acréscimo que o agricultor terá se deve a compra e aplicação do veneno. Como este tipo de produto não custa nada barato, a escolha deve ser bem feita e a sua utilização exige conhecimento e requer todo o cuidado devido ao grande perigo que representa para a saúde humana e ao meio ambiente. Por isso é aconselhável que o produtor consulte um agrônomo antes da aplicação do agrotóxico, pois assim ele evitará danos que podem se tornar irreversíveis.

Porco a campo baixa os custos

No decorrer do ano de 1988 uma nova riqueza passou a aumentar de volume, no PIB municipal de Dom Pedrito. Essa riqueza, antes quase que desconsiderada na estatística econômica local, por representar algo como meramente marginal, ligado à economia familiar, vem crescendo de volume em termos percentuais e globais. A Cotrijuí tem sido a grande impulsionadora da expansão dessa economia, que tem enorme possibilidade de crescimento no município, e mesmo em toda a fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Até o final de novembro, a Regional havia recebido 143 mil quilos de suínos tipo carne, repassando para abate na CCGC, em Júlio de Castilhos.

Como é fácil de verificar, hoje em Dom Pedrito os campos não estão habitados somente por bovinos e ovinos. Dezembro 88/Jan 89



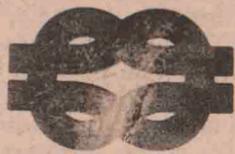
Animais criados a campo na propriedade de Almir Viero

Os suínos também têm vez, e ocupam cada vez maiores espaços nas pastagens nativas, que apenas são melhoradas com gramíneas de inverno e verão.

O sistema criatório da Cotrijuí, que foi iniciado ainda no início da presente década no CTC (Centro de Treinamento) da Regional Pioneira, é chamado de "técnica moderada". Implantado também em Dom Pedrito, há cerca de dois anos, vem encontrando

franca receptividade, principalmente na média propriedade, dado ao reduzido custo da criação, cujo desfrute ocorre, em média, aos seis meses de vida do animal, com 80 quilos de peso vivo.

Os criadores de Dom Pedrito vêm optando pelos cruzamentos das raças *Wessex*, com *Landrace* ou *Large White*, que dá um animal rústico para as condições locais de clima, com boa produtividade de carne.



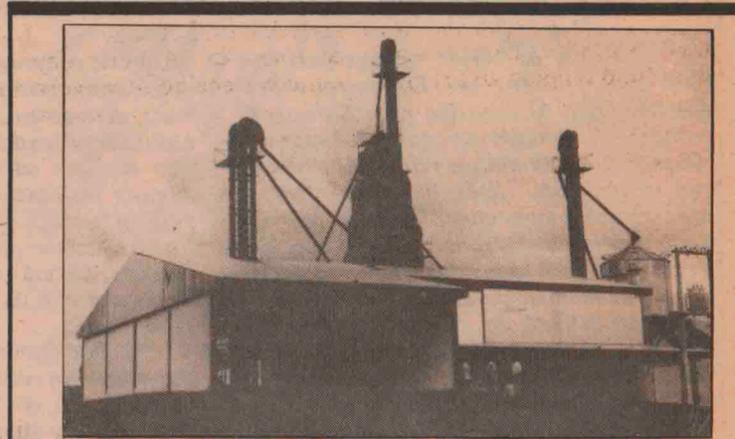
A Cotrijuí dispõe de sementes das seguintes forrageiras:

GUENDARO - PENSACOLA - SETÁRIA - PÂNICO

INFORMAÇÕES: Rua das Chácaras, 1513, fone (055) 332-2400, ramal 304 - 98700 - Dourados - MS



O ataque começou logo depois da germinação



As moegas têm capacidade para receber 3 mil sacos de produto

Novas moegas em Rio Brilhante

Os associados de Rio Brilhante que a cada colheita tinham problemas para entregar sua produção na unidade da cooperativa devido a morosidade no descarregamento dos grãos, principalmente quando a carga estava com umidade e exigia o uso do secador, podem se tranquilizar pois nesta próxima safra de verão estarão funcionando duas novas moegas, cuja construção já está em fase de acabamento.

A estrutura comporta o recebimento de 1.500 sacas em cada moega, explica o gerente Clóvis Canova, e compreende também uma máquina de pré-limpeza, quatro de limpeza e um secador de 40 toneladas por hora. Agora contando com seis moegas, a unidade terá seu fluxo de recebimento agilizado e poderá receber simultaneamente soja, arroz e milho.

O investimento, que exigiu recursos na ordem de 65 milhões de cruzados, foi protelado algumas vezes em função de outras prioridades, mas era uma antiga reivindicação do quadro social da unidade. O associado Paulo Cuel, confirma isto e diz que agora o produtor vai ser beneficiado, pois não precisará mais esperar tanto tempo nas filas para descarregar sua produção. Isto acontecia com frequência acarretando prejuízos para ele e para a própria cooperativa porque muitas vezes o agricultor optava em entregar seu produto em outras empresas.

Paulo Cuel, que é também representante do quadro social, calcula que já na próxima safra o recebimento deverá aumentar e estima um acréscimo em torno de três mil toneladas a mais de soja que a Cotrijuí deverá receber em Rio Brilhante.

O ÚNICO SECADOR QUE DEIXA O SEU CEREAL NO PONTO CERTO.



Com as calhas cruzadas, sistema exclusivo do SECADOR SEMAG, a qualidade do produto se mantém inalterada e homogeneiza a temperatura em toda massa de cereais. Secagem contínua ou intermitente. Capacidade: de 3 a 40 t/h.

SEMAG
EQUIPAMENTOS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS LTDA.

A MELHOR TECNOLOGIA EM TODOS SEGMENTOS
Caçambas: calcário, forrageira, e de ração
Equipamentos: p/ secagem, transporte e armazenagem
de cereais, adubos, minérios e outros.

Eixo principal com eixo secundário A Fone: (0512) 88.2299 Telex (051) 1828
DISTRITO INDUSTRIAL DE GRAVATAÍ GRAVATAÍ - RS

A criança é o futuro do Brasil

A situação da criança brasileira hoje em dia é bastante difícil porque sofre desde a sua infância, passando fome, não tendo roupa e nem casa para morar e muito menos podendo frequentar uma escola. Muitas crianças passando por tudo isso, algumas morrendo ainda pequenas e outras, não tendo o que comer serão obrigadas a roubar e até mesmo matar para sobreviver. Mas se as autoridades e demais brasileiros pararem para pensar seriamente no futuro das crianças, tentando dar a elas uma vida melhor, uma vida mais humana para poder enfrentar o seu futuro, tudo poderá mudar. Estas crianças que estão acostumadas a pedir alimentos ou dinheiro de porta em porta, em vez de dar-lhes esmola, devemos ensiná-las a trabalhar para se tornarem pessoas honestas e trabalhadoras. Eu quero que o futuro dessas crianças melhore, mesmo que agora elas sofram um pouco, mas no futuro elas sejam mais felizes, sejam pessoas responsáveis; por tudo. E as crianças de agora, quando crescerem, no seu futuro, então possam transmitir aos seus filhos uma boa educação. Para que as crianças sejam recuperadas é preciso em primeiro lugar uma boa alimentação, moradia boa e fixa, roupas para se vestirem e as escolas gratuitas para todos e que sejam construídas mais creches. Eu gostaria que as crianças, no futuro e no presente, fossem respeitadas, não havendo discriminação de raça ou cor, ricas ou pobres e não havendo brigas entre elas. Eu quero que as crianças sejam mais felizes.

Fernando Micael Seffert — E.M. Rui Barbosa
São Valentim — Santo Augusto



Cláudio Correia da Silva.

A criança sofrida

A criança brasileira está passando fome. Ela está sendo mal tratada, abandonada nas trevas. Ela não está recebendo bons exemplos e boas palavras, não está tendo o carinho e a educação. A criança não está aprendendo a trabalhar, a ser humilde. Ela está desaprendendo a perdoar, ninguém está orientando-a. Se continuar assim, ela nunca será alguém na vida. Eu quero que o futuro dessas crianças seja muito diferente de hoje. Eu desejo que seja um futuro melhor, porque dizem que a criança é o futuro do Brasil. Nós não podemos fazer muito, apenas podemos ensiná-las a trabalhar e a fazer o bem. Quem tem condições de garantir o futuro das crianças são os que governam o nosso país. Eles podem fazer muita coisa, por exemplo: criar creches para os carentes, dar material escolar, meio de transporte gratuito, criar escolas, manter professores para que os mesmos possam transmitir educação.

Cláudio Rotilli — E.M. 1º Grau Inc. Rui Barbosa — São Valentim Santo Augusto

<p>Era uma vez um lugar muito bonito...</p>	<p>O sol brilhava e as plantas estavam tão alegres, quando de repente,</p>	<p>Deu uma trovoadra e as plantas levaram um susto...</p>	<p>Mas a chuva logo parou e o sol voltou a brilhar de novo.</p>
<p>Daquele dia em diante nunca mais choveu e as plantas começaram a amarelar e murchar.</p>	<p>Meses depois, as árvores estavam à beira da morte e a colitada da flor estava tão murcha que as pétalas estavam caindo.</p>	<p>Quando deu uns trovões, as plantas ficaram felizes, dizendo uma para a outra: — Vai chover! E choveu que chegou desandar água.</p>	<p>Que felicidade! Que alegria de ver tudo tão bonito e também as plantas estavam tão verdes que veio um beija-flor.</p>

Leandro Drews
E.M. 1º Grau Inc. Santíssima Trindade

A criança é o futuro

Dizem que a criança é o futuro do Brasil, mas será mesmo? Vivendo com fome e incertezas sobre o seu futuro, sem pão para comer, sem roupas para vestir e sem casa para morar. E muitos vivendo sozinhos pelas ruas a mendigar. E a cada passo que eles dão, uma lágrima dos seus olhos está a rolar. Por não terem um abrigo, um carinho e nem sequer um pedaço de pão para a fome saciar. Por tudo isso a criança brasileira só será mesmo o futuro do Brasil se a situação do mesmo melhorar. Porque no mundo de pobreza que muitas crianças vivem, jamais terão oportunidade para ser o futuro do Brasil. Porque este também nunca dá oportunidade para os mesmos trabalhar e nem mesmo estudar. Então, como poderão ser o futuro do Brasil?

Maria de Lurdes Fitz — E.M. 1º Grau Inc. Rui Barbosa — São Valentim

Carta

Queremos por meio desta carta, fazer um apelo a comunidade Ijuicense, pedindo que preste os animais de nossa cidade. Nesta semana a turma 31 estudou os animais e descobriu que os mesmos são importantes para conservação do ambiente e equilíbrio ecológico.

Nós, juntamente com a mini-estagiária, alunos da Escola Nossa Senhora da Penha, contamos com a ajuda da comunidade.

Agradece a professora e os seguintes alunos: Jackson Schneider, Daniel O Tondo, Alexandre Moisés, Josué Toeba, Eder Evandro Koch, Patricia Delfeld, Renato dos Santos, Marcelo F.B., Cristiana Biesdorf, Fernanda Rodrigues, Maria Pires Baboena, Catiú Dolovist, Ana Paula Bernardi e Carla Raquel Catani.

Como será meu futuro?

Maria de Lurdes Fitz

VIVEIRO MUNICIPAL

→ Limbaúva e Eucalipto
→ Eucalipto
→ Casca-de-Leite

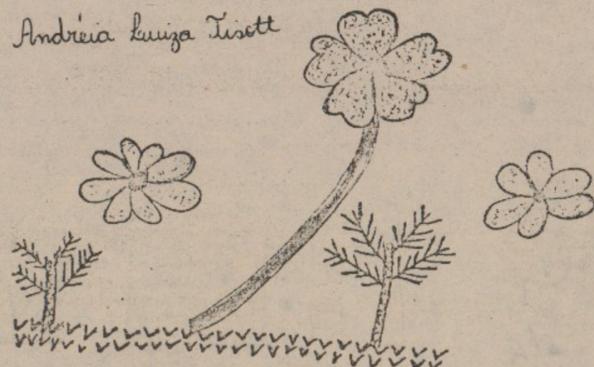
Limbaúva

Edir Basso
C. Santa Ana Menegassi

Carlos Alberto Goi

Mudas prontas para semeadura

Página do Leitor

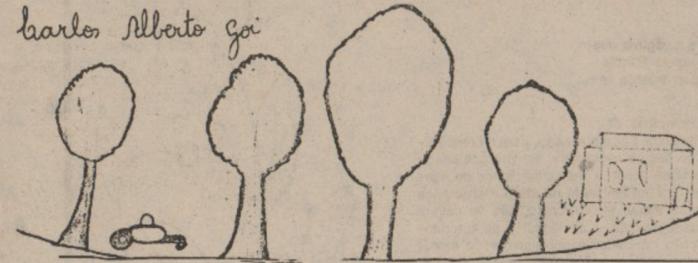


Andriela Luiza Tisett

Os passarinhos

Os passarinhos estão nas árvores, eles estão trabalhando e gritando. Eu vi uns passarinhos. Eles estavam namorando. Eles estão na escola fazendo ninho. Os passarinhos estão felizes. Eu também brinco com os passarinhos

Cláudio Correia da Silva — E. 1º Grau Inc. Paes Lemes — Santo Augusto



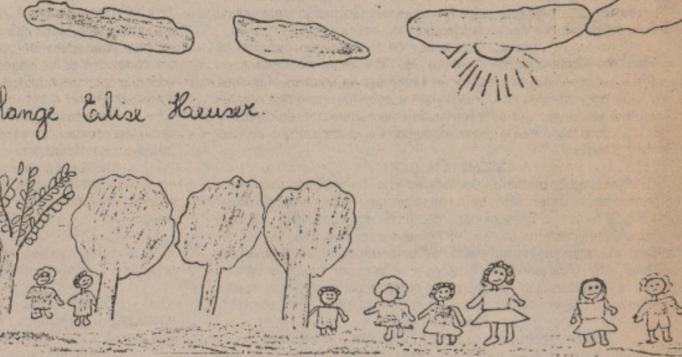
Carlos Alberto Goi

Alimentação e saúde

A alimentação é muito importante para a nossa saúde. Para a alimentação não fazer mal para a nossa saúde, devemos lavar as frutas antes de comer e conservar os alimentos em lugares limpos e frescos, tapando-os bem. Também para não fazer mal para nossa saúde, não devemos tomar refrigerantes, mas sim fazer suco natural como de laranja e outras frutas. Também não botar muito extrato de tomate e caldo de galinha nas comidas, porque isto poderá fazer mal daqui alguns tempos. Nós não devemos comer essas coisas porque são artificiais, mas sim comer alimentos naturais que vem da natureza, que nós mesmos plantamos e colhemos. Os alimentos que não devemos comer muito: chocolate, balas, todas as coisas que são doces.

Se nós queremos ter uma boa saúde, não devemos comer muitos produtos comprados, porque a maçã por exemplo, eles apanham das árvores e botam um produto para ela não apodrecer, porque as vezes vai ficar muito tempo sem ninguém comprar nos supermercados. Também em outros alimentos como o feijão para não ficar carunchado eles botam alguns produtos. E para termos uma boa saúde, devemos dar vacinas nas crianças pequenas porque é muito fácil pegar doenças. Para termos uma boa saúde devemos comer o que faz bem para a nossa saúde, e não o que faz mal.

Márcia Eliziane Soares Camelo — E.E. 1º Grau Inc. Dr. Pestana — Augusto Pestana



Solange Elise Houser

Os alunos

Uma vez a professora e quatorze alunos foram fazer um piquenique. Os alunos tinham que levar comida para comer ao meio-dia. De tarde dois meninos foram caçar passarinho no mato. Eles se perderam e a professora foi procurar os dois alunos e não achou. A professora chamou os outros alunos para irem procurar os meninos. Os meninos estavam no meio do mato. Os alunos acharam eles. E depois foram para casa.

Sandra Schneider — E.E. 1º Grau Inc. Dr. Pestana — Augusto Pestana



Sandra Schneider
C. B. 1º G. Inc. Dr. Pestana

As aulas

A professora convidou três escolas para fazer um piquenique... Todos tinham que levar comida para comer na hora do meio-dia. Eles levaram pastéis, pipoca, salgadinhos, bolos e mais coisas. De tarde, dois meninos foram caminhando por lá e entraram dentro do mato e se perderam. Como os dois não vinham, os outros foram procurá-los. O motorista entrou lá, achou eles, trouxe-os para fora e foram embora.

Solange Elise Houser — E.E. 1º Grau Inc. Dr. Pestana — Augusto Pestana

Outras receitas para a soja e o milho

"Todo mundo que cria suínos sabe que a alimentação é a parte mais onerosa, porém, muitos se esquecem e outros fatores como manejo e sanidade que também interferem no custo de produção". A afirmação é do pesquisador Hacy Pinto Barbosa, que bordou também a utilização de alimentos alternativos, através dos métodos mais econômicos de tratar o animal com milho, soja e trigo.

Iniciando pelo trigo que é um grão chocho, e por isso inadequado para o consumo humano, Hacy Barbosa afirmou que para os suínos, ele se apresenta como uma ótima opção de alimentação, pois de saída, se encaixa na dieta regrinha nutricional que diz que, todo o alimento para porcos deve ter proteínas, minerais, vitaminas e aminoácidos. Com 14 por cento de proteína bruta e 3.187 quilos por caloria, o trigo já ganha do milho em 10 por cento.

O ganho do trigo, que segundo o pesquisador está em 13 por cento sobre a ração convencional, pode ser vista por um trabalho realizado em Concórdia. Lá um grupo de animais com peso de 25 até 100 quilos, recebeu inicialmente uma normal (milho e farelo de soja, vitaminas e sais minerais). Dias após, foi incluído 15 por cento de trigo, aumentando esse percentual até um máximo de 60 por cento, até o final da fase de crescimento.

Quando chegou a fase de terminação, que começa aos 55 quilos, parou-se novamente do zero por cento de trigo, para chegar aos 60 na época de abate. Como resultados, estes ani-

mais tiveram na fase de crescimento e de terminação ganhos semelhantes ou até melhores quando foi usado o trigo, do que aqueles animais que tiveram fornecimento de ração convencional. De tudo isso, diz Hacy Barbosa, chega-se à conclusão que, no Brasil, embora as coisas custem mais caro a cada dia, o suinocultor ao fazer algumas substituições pode ter uma redução de custos. Este é o caso do trigo, que pode ser incluído até 30 por cento na ração e apresentar um ganho econômico mais significativo.

ESPIGA DE MILHO MAIS ARROZ

Dessas substituições que Hacy Barbosa destaca está a do milho em grão, um dos insumos mais tradicionais das rações, pela espiga moída junto com farelo de arroz desengordurado, para porcas em gestação. Em trabalho

realizado pela Embrapa de Concórdia, usou-se esta combinação, sabendo-se de início que o preço do milho em grão é mais alto do que o em espiga, numa relação média de 30 por cento.

Com esta quantificação técnica registrada, foram feitos, então, quatro tratamentos: o primeiro com ração normal e 85 por cento de milho, o segundo com 16 por cento de farelo de soja e minerais e vitaminas, 24 por cento de milho e 60 por cento de espiga de milho moída; o terceiro com 20 por cento de arroz desengordurado e 80 por cento de milho e o quarto com 20 por cento de farelo de arroz desengordurado, 30 por cento de espiga moída, 38 de milho e 12 por cento de farelo de soja e núcleo.

EFEITOS DOS TEMPOS DE TOSTAGEM DE SOJA, NA TERMINAÇÃO DE SUÍNOS

Itens	Farelo de Soja	Soja Integral					
		10'	20'	Torrada (min) 30'	20'	30'	Cozida (min) 40'
Nº de animais	15	16	15	15	16	15	16
Peso médio inicial, kg	41,2	40,8	40,8	40,8	40,9	42,2	40,4
Peso médio final, kg	94,4	91,6	94,4	95,8	93,1	95,9	98,2
Duração do teste, dias	77	77	77	77	77	77	77
Consumo diário de ração, kg	2,35	2,37	2,26	2,26	2,40	2,51	2,46
Ganho de peso diário, g	690	660	710	710	680	710	740
Conversão alimentar	3,41	3,59	3,28	3,23	3,53	3,54	3,32

Fonte: IAPAR, relatório (1980)

RESULTADOS

Com uma avaliação completa em cima desta experiência, Hacy aponta os primeiros resultados pelo intervalo de desmame, no qual o primeiro tratamento teve uma média de 10 dias, o segundo de 7,2, o terceiro de 11 e o quarto de 10. Em ganho de peso médio diário os resultados finais foram de 54,31, 47,41, 47,95 e 46,84 durante a gestação. Quanto ao número de leitões nascidos vivos os números obtidos foram 9,70, 9,41, 9,23 e 9,31. Em peso médio no nascimento foram 1,70, 1,73, 1,67 e 1,73.

Outras avaliações como o número de leitões aos 21 dias, foram de 8,97, 8,32, 8,40 e 8,42. Em relação ao peso médio neste período, os resultados foram de 5,43, 5,46, 5,52 e 5,45. Por fim o número de leitões na desmama, que ficou em 8,67, 8,26, 8,30 e 8,56. O peso médio neste período, foi de 7,83, 8,04, 8,11 e 8,03. Por estes resultados e mais ainda pelo volume que cada um dos produtos apresenta (o milho em grão e a espiga), esta formulação tem sido muito sugerida em Santa Catarina, explica Hacy Barbosa, já que para se obter 60 quilos do grão, é necessário 84 quilos de milho em espiga.

TOSTAGEM DE SOJA

O último trabalho apresentado pelo pesquisador da Embrapa diz res-

peito a um dos produtos que tem tomado as rações mais onerosas para o produtor. É a soja, que em farelo custa hoje ao produtor 190 cruzados o quilo. No entanto, pensar numa alternativa econômica, significa começar a mudar os métodos de processar os alimentos que normalmente são fornecidos aos animais. É aí que entra a tostagem da soja e também a soja cozida, substituindo compra do farelo e produzindo resultados semelhantes aos tratamentos convencionais.

Como demonstram os resultados apresentados na tabela acima, que foram obtidos através destes dois processos, em animais de 41 a 90 quilos, quanto mais se aumentou a porcentagem de soja tostada ou cozida, melhor foi a conversão alimentar e o ganho de peso médio diário, sendo também superiores aos números obtidos pelo tratamento com ração normal.

ORÇAMENTO

Além dessas vantagens nutricionais que a soja tostada ou cozida apresenta, a pesquisa comprova ainda a sua vantagem técnica, pois o processo e tostagem do produto é cinco por cento mais baixo do que o farelo. Para chegar neste resultado é preciso considerar o que se gasta em gás, mão-de-obra, energia elétrica, e a capacidade do equipamento de tostagem que anda custando 118 OTNs, e o custo atual da saca de soja.

MERCADO

Surpresa de fim de ano

O preço do porco chega ao final de 88 surpreendendo os suinocultores. Depois de nove meses de prejuízos, ele supera os preços dos insumos, tradicionais causadores de sua defasagem

Tanta preocupação da pesquisa em suinocultura em demonstrar a utilização de produtos que possibilitem uma redução nos custos da atividade, mesmo quando o mercado remunera satisfatoriamente o produtor, não é à toa. Afinal, todo início de ano, o suinocultor fica de orelha em pé, vendo o lucro que obteve no segundo semestre, ser abatido vertiginosamente pelo escasso consumo da carne, cada vez mais prejudicado pelo baixo poder aquisitivo do consumidor. Quando este começa a reagir, lá pelo meio do ano, dando sinais de melhora, o produtor tem que enfrentar, então, a corrida dos insumos, que passam a desaparecer da propriedade e do mercado.

Na última virada de ano, por exemplo, as recomendações de uma alimentação alternativa continuam valendo, ainda que o suinocultor viva um período de boa remuneração, causada pela superação do preço dos insumos pelo preço do suíno no mercado. Em relação à inflação, o preço do animal continua ganhando, como vem sendo registrado há vários meses, o que na verdade, pouco adianta,

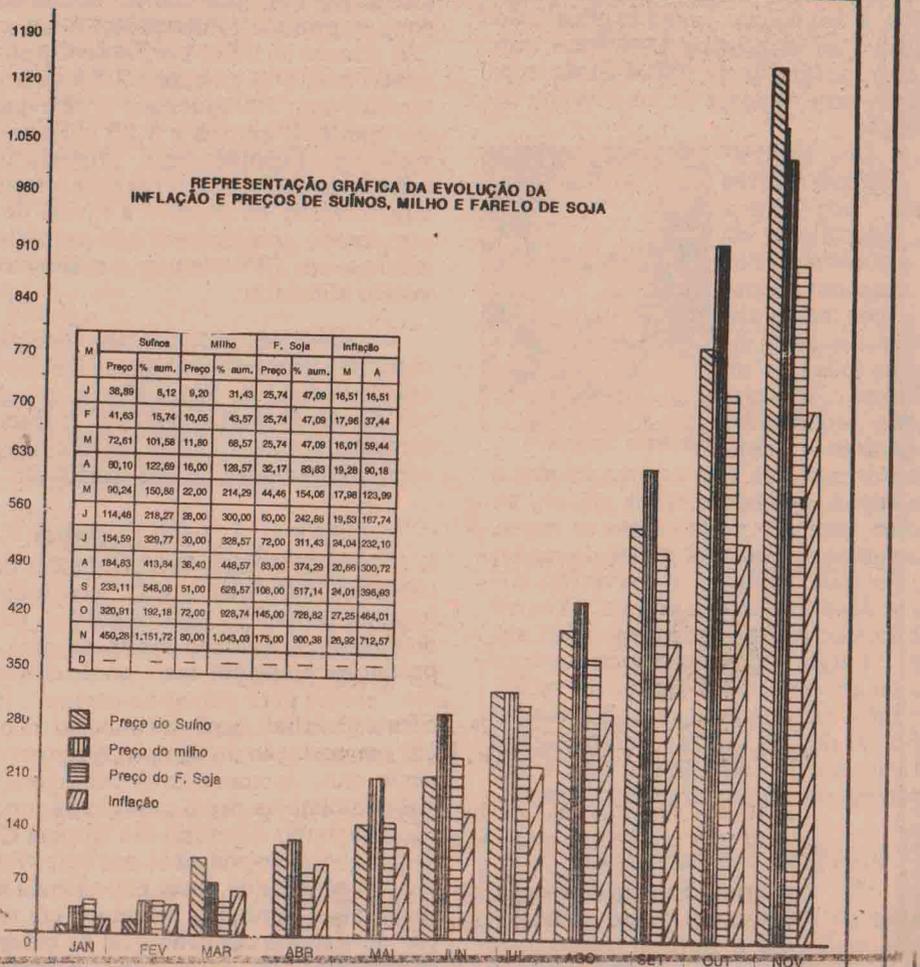
já que os insumos geralmente correm acima do índice.

A ESPERA DA MANUTENÇÃO

"No ano de 88, o grande problema da suinocultura não foi o preço", afirma o coordenador da Pecuária da Cotrijuí Pioneira, veterinário Paulo Garcez. Acostumado às tradicionais crises passadas pela suinocultura, (com exceção no período do Plano Cruzado), o veterinário explica os prejuízos acumulados pelos produtores, pela elevação dos preços dos insumos, provocada pela estiação do ano passado. "Além do Estado já importar 40 por cento do milho que consome, teve que amargar ainda uma frustração que dizimou a iavoura", lembra Garcez.

Em todo caso, o final de 88 trouxe essa surpresa de equilíbrio entre preços e insumos, da qual a única expectativa, segundo Paulo Garcez, é de manutenção dos níveis de acompanhamento, em relação à inflação, como mostra o gráfico ao lado. Isto porque, prevê o veterinário, a crise vivida pelos suinocultores no início do ano passado, quando muitos produtores limpavam os chiqueiros, deve repercutir por mais tempo.

REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA EVOLUÇÃO DA INFLAÇÃO E PREÇOS DE SUÍNOS, MILHO E FARELO DE SOJA



Especializar para sair da crise

Apesar de contar com uma inflação de aproximadamente três por cento ao ano e com um alto poder aquisitivo do consumidor, a suinocultura francesa investe na redução de custos e na especialização para deixar de ser importadora do produto

Altos investimentos técnicos e humanos, paralelos a uma forte tendência de especialização e uma orientação de redução de custos com maior ganho econômico. Assim pode ser caracterizada a suinocultura francesa que hoje detém a maior fatia do mercado de carnes daquele país, através da produção de apenas 38 mil propriedades. Destas, 20 mil propriedades são criadoras de leitões, detendo 44 por cento das porcas, oito mil são especializadas em terminação, detendo 42 por cento dos animais de engorda, e 10 mil, também terminadoras, possuem 53 por cento dos porcos e 50 por cento das porcas de engorda.

Essa constatação a respeito da suinocultura francesa foi relatada pelo coordenador do primeiro Encontro sobre Alimentação Alternativa para Suínos, engenheiro agrônomo João Klohn, que esteve na França, de 26 de setembro a 21 de novembro de 88, realizando um intercâmbio técnico entre a Cotrijuf e a Cooperativa Central de Produção Animal, a CCPA, que congrega 20 cooperativas singulares, através de um grande suporte técnico. Quatro dessas empresas foram visitadas pelo João Klohn, que teve a oportunidade de avaliar a evolução da suinocultura de lá, em mais de 50 anos, e de traçar um comparativo com a atividade, no Brasil.

AUMENTO DO CONSUMO

"Hoje, em relação aos franceses, estamos atrasados 20 anos", diz João Klohn, destacando que este dado não chega a surpreender, pois a superação do seu atraso é recente, podendo até mesmo ser comprovado pela crise que enfrenta o produtor francês, atualmente perdendo dinheiro enquanto o País importa carne suína. Pelo lado do consumo, o crescimento também é recente. Ainda que os seus 55 milhões de habitantes possam, ao contrário dos brasileiros, se alimentar normalmente todos os dias, o consumo de carnes per capita, que é de 104 quilos, somente se tornou favorável a carne suína, a partir de 1980.

A mudança, segundo o agrônomo, se deve em parte ao alto preço da carne bovina, que chegou a elevar o consumo de suínos e aves, em todo o mundo, em aproximadamente três qui-

los. Na França, porém, outras causas levaram o francês a comer mais de 37 quilos de carne suína ao ano, que pode bem ser demonstrado pela sua produção de 11 mil toneladas anuais, dentro de um sistema altamente especializado que começou há vários anos.

EVOLUÇÃO

Concentrada na Bretanha, uma região que se equivale ao estado de Santa Catarina, a suinocultura produz nesse local, atualmente, 51 por cento dos suínos do país, mas tendo a pretensão de chegar aos 70 por cento, em 1993. Considerando as tendências históricas da atividade, João Klohn avalia que isso não é muito difícil de acontecer, dada a preocupação, do governo, da pesquisa e principalmente do próprio suinocultor em se especializar na atividade.

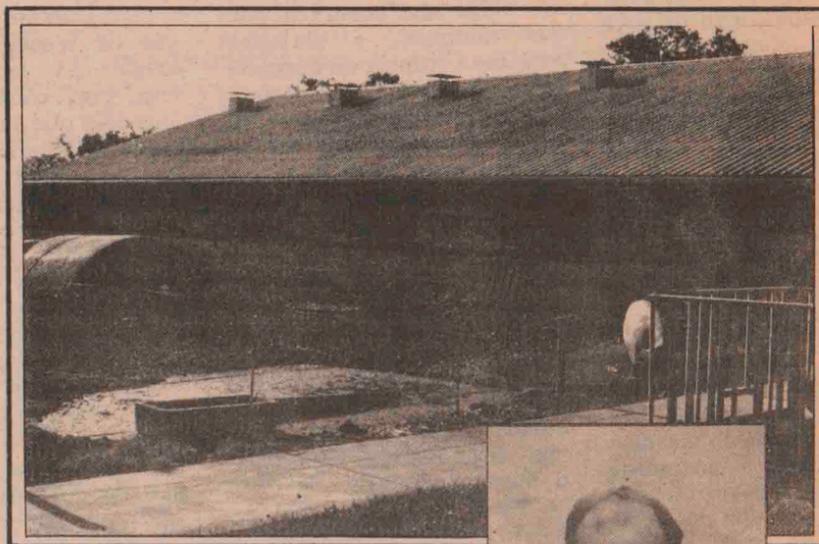
Com uma larga tradição na agropecuária francesa, a suinocultura se caracterizou até 1950 pela ausência de organização do produtor. Quinze anos mais tarde, no entanto, este mesmo produtor recebeu um forte impulso da demanda, valorizada pelo aumento do poder aquisitivo do pós-guerra, acabando por gerar, igualmente, um desenvolvimento nos transportes e na própria conservação a frio da carne.

Neste período, relata João Klohn, a suinocultura que era mais forte na criação de leitões, se constituía apenas como uma complementação da renda da propriedade, mais ou menos como acontece hoje na Região Pioneira da Cotrijuf. E assim era a atividade, por ser valorizada principalmente pela mão-de-obra familiar, que não exigia grandes investimentos. A demanda por sua vez, desde que foi acionada, não parou de crescer o que levou a França a se transformar de exportadora em importadora da carne de suínos, até hoje, quando a especialização cada vez mais forte tenta superar este desequilíbrio entre produção e consumo.

INCENTIVOS E INVESTIMENTOS

Preocupado com esta disparidade na suinocultura, a pesquisa francesa, já a partir de 1965, começa a incentivar inovações técnicas, principalmente com o desmame a três semanas de idade (hoje feito aos 14 dias), o ma-

nejo "all in all out" (tudo dentro, tudo fora), em que as criações são feitas em lotes maiores, abrigadas em grandes pocilgas, com repartições que possibilitam a entrada e a saída dos animais



Maternidade no sistema de confinamento francês



João Klohn, participante intercâmbio entre Cotrijuf e CCPA

em conjunto, evitando, assim, muitos problemas de sanidade. Para estimular ainda mais a produção, o governo também passou a fazer investimentos, através de empréstimos ao produtor com taxas de juros negativas.

Mas, apesar de todos esses incentivos, surgiu, após 1980, o velho problema da defasagem de preços, ou seja, o preço pago ao produtor já não compensava os investimentos que eles faziam nesta área. Nesse momento então, passa a ocorrer realmente uma evolução na atividade, quando os tradicionais criadores de leitões, se transformam em terminadores, e o governo e a pesquisa francesa começam a desenvolver uma tecnologia chamada "pleinair", um programa de origem inglesa, que consiste em criar os leitões ao ar livre, durante o período de gestação e parição, usando sempre cabanas rústicas, com o mínimo de investimentos.

O SISTEMA PLEINAIR

Destinado principalmente ao jovem suinocultor, que hoje representa uma pequena parcela da atividade, o sistema "pleinair" está tendo muito sucesso, assegura João Klohn. E isso se deve essencialmente aos custos menores que ele apresenta ao sistema convencional, bem mais sofisticado, como aos resultados obtidos pelo "pleinair". Para se ter uma idéia, o custo de alojamento para uma porca no sistema convencional está custando atualmente 25 mil francos, enquanto no "pleinair", ele fica em 13 mil e 600 francos.

Difundido por um órgão de pesquisa chamado Instituto de Tecnologia do Porco, ITP, o sistema "pleinair", que não conta com mais de dez anos de existência, atinge ainda um pequeno número de propriedades. Esta adoção reduzida, que se explica pelo grande número de produtores com mais de 50 anos, também é causada pela descapitalização dos jovens ao iniciar o sistema, que, ao se capitalizarem passam a organizar a criação em confinamento. A troca, contudo, não ocorre por deficiência do sistema alternativo, mas sim pela falta de comodidade para o produtor, castigado pelas temperaturas de 15 a 20 graus negativos. Mesmo assim, afirma João Klohn, sem o "pleinair" nenhum jovem produtor consegue se manter na atividade.

BUSCA DA AUTO-SUFICIÊNCIA

Em função desta redução de custos significativa que apresenta "pleinair", em relação ao sistema de confinamento, a torcida pelo seu sucesso começou a se tornar mais forte principalmente por parte do governo muito preocupado em se livrar das importações, mesmo que a França, como um país europeu, esteja integrada às facilidades do livre comércio. Pressionada pela concorrência com alguns países como a Holanda, que hoje tem cerca de 20 por cento da produção de suínos da Europa, a França passa então a buscar uma auto-suficiência baseada principalmente na redução de investimentos para sofisticadas produções.

Tanto isso é verdade, que os investimentos a nível de produtor e indústria não param de crescer. "As cooperativas envolvidas com criação de suínos, acentua João Klohn, já deixaram de investir em assistência técnica e na indústria", o que pode ser medido pelo interesse do produtor pela estrutura das empresas. Na França, por exemplo, todas as cooperativas têm abatedouros próprios ou pelo menos estão ligadas a outras que já possuem.

ESPECIALIZAÇÃO

A especialização, portanto, acontece tanto na propriedade como na indústria, diz o agrônomo, explicando ainda que estes resultados também são fruto do alto poder aquisitivo do consumidor, muito exigente na qualidade do produto. Já o produtor também responde alto, levando, por exemplo, uma cooperativa a abater um milhão e 800 mil suínos por ano.

Comparando o nível de especialização da suinocultura francesa com a brasileira, João Klohn finaliza dizendo que no Brasil as tendências não podem ser muito diferentes. "É claro que é difícil chegar aos níveis dos franceses, mas tem que se trabalhar para chegar lá". Para que isso aconteça, no entanto, frisa o agrônomo, "temos que andar rápido e principalmente ter uma grande participação do quadro social."

	Média França	Pleinair
Leitões desmamados por porca ano	21,5	20,8
Nascidos vivos/leitegada	10,5	10,4
Nascidos mortos/leitegada	0,6	0,5
Desmamados/leitegada	9,2	8,8
Intervalo entre partos	155,4	155,1
Idade de desmame	27,4	26,5



COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA

* Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure orientação junto a nossa Corretora de Seguros.

* Sem qualquer despesa adicional, prestaremos as informações para uma correta cobertura e taxa de seu seguro.

Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 - Fone 332-2400 - ramal 364
Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342 - 5º andar - Fone 33-50-32

As vantagens de usar inseminação

Texto: Filomena Langa

Os elevados custos alcançados durante a implementação da inseminação artificial em suínos, contribuem para muitos produtores tenham dificuldades em aplicar esta tecnologia. Apesar de ser bastante rentável e eficaz, alguns suinocultores acham que a inseminação só é econômica para aqueles que possuem um pequeno plantel.

Dari Wender, suinocultor do Parador, interior do município de Ijuí e associado da Cotrijuí, conta a sua experiência adquirida durante o período em que utilizou a inseminação artificial, trabalho que exerce em sociedade com seu irmão Ademir. Sendo assim, trabalha com esta tecnologia há mais de três anos, mas atualmente está parado porque acha que os custos passaram a ser elevados, situação agravada pelo fato de ser proprietário de um grande plantel composto por animais das raças Landrace e Large White. Entre eles, há matrizes. Possui ainda quatro reprodutores, sendo dois da raça Duroc puro e um Landrace.

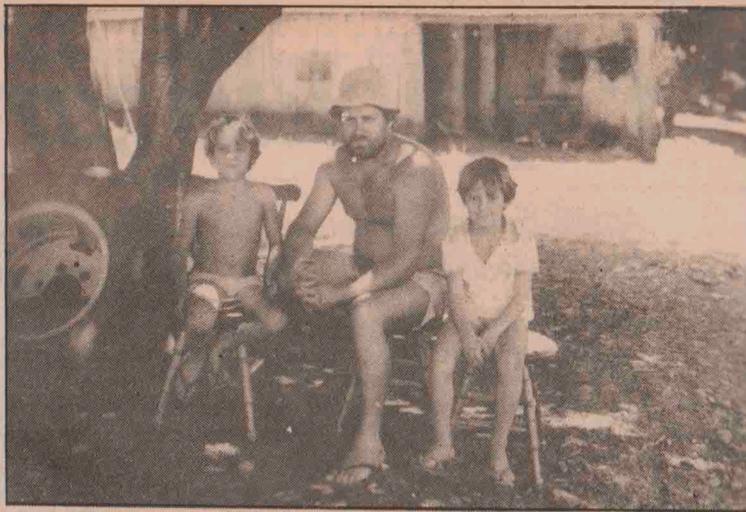
Este suinocultor conta que se fossem depender apenas da inseminação, com as 70

matrizes que possuem, teriam que fazer 140 num só ano, e isso representa muito dinheiro. "Mas para quem tem poucas matrizes, é preferível adaptar a técnica do que manter um reprodutor na propriedade, e nesse caso, realmente ela vem para reduzir os custos", afirma o produtor. Só que existe um problema que faz com que os irmãos Wender insistam em manter um reprodutor na propriedade: se a matriz entra em cio num domingo, por exemplo, não têm como fazer a inseminação. De um lado porque a Cotrijuí não tem serviços de plantão e de outro porque os sêmen têm que vir de Estrela. E para Dari, "neste momento de crise

não se pode perder um único cio".

Durante o período em que os Wender aplicaram a técnica não tiveram problemas, com exceção de umas leitoadas que nasceram desparelhas. Dari comenta que este não foi o caso para reclamar, pois tem a certeza de que a inseminação é eficiente, mas que deveria ter sido algum problema com o reprodutor, adiantando que "a cooperativa não tem culpa, uma vez que a sua tarefa é apenas de vender o sêmen".

Todo o trabalho de inseminação é feito pelos proprietários, para evitar problemas de doenças, cabendo ao



Dari Wender: ficou muito cara

inseminador, o trabalho de apenas deixar o sêmen na propriedade. "Nós tomamos esta medida como uma prevenção" — explica Dari — acrescentando que o inseminador circula por várias propriedades e agora com a **rinite atrófica** é preciso ter muito cuidado.

Enquanto isto, João Rosanelli, também do Parador, conta que só utiliza a inseminação quando precisa tirar leitoas puras para ficarem no plantel. Ele foi um dos primeiros produtores da região a trabalhar com esta tecnologia em matrizes suínas, há mais de três anos. É proprietário de 45 hectares e de um plantel de 600 animais, adicionados a 75 matrizes e dois reprodutores. Os animais são de raças Wessex, Landrace e Large White.

Arlei, filho de João, explica que na época a inseminação era bastante desconhecida na região e o custo era reduzido, o que possibilitava o seu uso. Agora que ficou mais cara, eles passaram a reduzir a

sua implementação na propriedade.

Ele considera o fator economia, uma das vantagens da inseminação, mas isso para casos de um plantel pequeno (no máximo 10 matrizes). Ressalta que o uso desta tecnologia sai mais em conta do que a manutenção de um reprodutor, assegurando também o mesmo número de leitões. Considera ainda "bastante positivo o princípio de que a inseminação contribui para a melhoria da qualidade genética do gado, pois sempre os produtores estarão trabalhando com sêmen de reprodutores testados".

Quando a Secretaria de Agricultura iniciou os trabalhos de inseminação artificial em Ijuí — lembra João — o preço era de Cz\$ 5,00. "Este preço era barato e valia a pena usar esta técnica", lamenta o produtor. Tanto ele como o filho dizem estar satisfeitos com o trabalho de atendimento feito pela Cotrijuí.



João e Arlei: qualidade do rebanho

Como baixar os custos

Daniel Heuser
Jorge Schifer

Suinocultores filiados à Cotrijuí estão se queixando por causa dos preços altos pelo suíno e pela ração, pois entre eles não existe compensação. Como não podem aumentar o preço do suíno acham que baixar o custo de produção seja a melhor solução. Mas não basta só baixar o custo de produção, também é preciso ter em conta as consequências disso. Com esta possível solução, os suinocultores serão obrigados a aumentar a mão-de-obra, o que não lhes interessa, chegando ao ponto de alguns preferirem reclamar e parar de criar suínos.

Há várias alternativas para diminuir os custos, que podem ser usadas por qualquer suinocultor. Existem alimentos alternativos que podem substituir parte, mas não todos os componentes da ração convencional. O importante é saber quando deve ser usado e a respectiva quantidade. Só para termos alguma idéia dos gastos vamos: alimentação com ração convencional, um suíno do tipo carne consome cerca de 300 quilos para atingir o

peso de 100 quilos. Usando exclusivamente milho, para atingir o mesmo peso, o animal terá que comer 800 quilos e precisaria de seis meses.

Uma experiência finlandesa mostra-nos que os suínos são alimentados de cevada-grão e concentrados, sendo abatidos aos 4 meses com 60 quilos. Assim conclui-se que é bem possível usar outros alimentos alternativos, além do milho e concentrado, mas há necessidade de balancear o alimento de acordo com o tipo e a idade do suíno.

A criação de animais cruza de raças de pelagem branca, que tem preço superior, o melhor aproveitamento da ração, água à vontade, são outras formas de diminuir os altos custos de produção. Mas existe ainda uma outra alternativa mais importante: a inseminação artificial, principalmente para os pequenos produtores.

Esta tecnologia traz muitas vantagens. Neste caso, o produtor pode ter as suas matrizes cobertas pelos melhores reprodutores do Estado, sem ter que adquirir esse animal. Com a ausência do reprodutor, o suinocultor terá mais espaço na proprie-

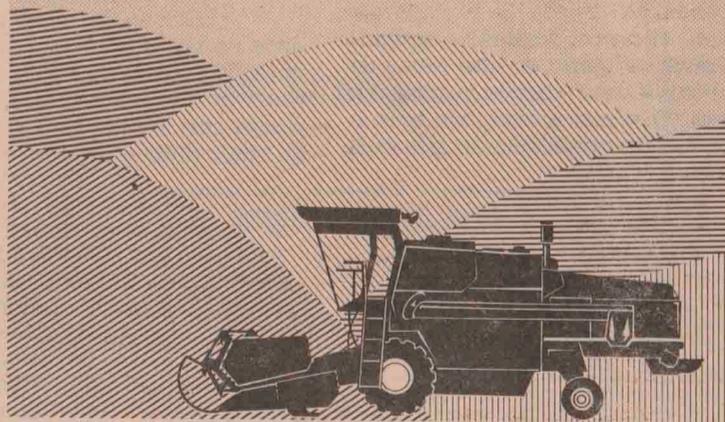
dade, não vai ter muita mão-de-obra nem gastos com vacinas e economizará mais de uma tonelada de ração. Ele poderá unir as boas qualidades de raça através de cruzamentos. Quem dispõe apenas de um reprodutor, não tem esta possibilidade.

Além de pontos que são bastante positivos, a inseminação artificial também tem pontos negativos, os mesmos verificados durante a transferência desta tecnologia no gado bovino e que se caracterizam pela deficiência no sistema de comunicação — grandes distâncias e ausências de telefones no interior — entre o produtor e a cooperativa. Por outro lado, a cooperativa deve funcionar com um serviço permanente de plantão aos fins-de-semana, de modo a fazer com que o produtor tenha confiança de poder contar com esse tipo de atendimento a qualquer hora.

O produtor pode ainda diminuir os custos de produção, transportando os suínos até a cooperativa, onde pode obter um preço elevado, devido à bonificação.

Por Daniel Heuser e Jorge Schifer, médicos veterinários da Unidade de Tenente Portela.

MERCÚRIO ESTÁ CADA VEZ MAIS PERTO DA TERRA.



Agora você pode encontrar as melhores correias agrícolas sempre por perto. É só procurar pela marca MERCÚRIO na sua cooperativa. Para transporte, elevação de grãos,

para transmissão de força e vedações, as correias agrícolas MERCÚRIO são sempre a solução mais durável e econômica para quem trabalha na terra.



Correia de transmissão Agrimerco.

Correia de transmissão ultra "V".

Correia de transmissão poliflex.



Procure na sua cooperativa.

Soja: demanda x realidade

Argemiro Luís Brum
Montpellier — França

O comportamento do mercado internacional da soja neste segundo semestre de 1988 confirma a nossa tese de que as fortes elevações nas cotações em Chicago, ocorridas sobretudo entre maio e junho passados, são exclusivamente originárias de um fator altamente conjuntural: o clima.

Em outras palavras, as altas cotações atingidas no final do primeiro semestre deste ano não foram causadas por um aumento da demanda internacional, mas sim por um problema conjuntural de oferta, aliado a uma forte especulação. No caso, a forte seca acontecida nos Estados Unidos, que serviu de estopim aos especuladores em busca de novas receitas após o "crak" das bolsas de valores em outubro de 1987.

Assim, passado o problema climático nos EUA, e realizada a colheita, as cotações em Chicago passaram a buscar novos patamares, mais compatíveis com as possibilidades da demanda mundial. Nós vimos então estas cotações caírem significativamente neste segundo semestre, sobretudo entre os meses de setembro e novembro.

Este comportamento confirmaria outra tese nossa: o mercado da soja continua a existir evidentemente, porém, daqui para frente dentro de novas características e a níveis de preços, em média, bem mais baixos daqueles vividos até o início dos anos 80.

A QUESTÃO CENTRAL: NÃO HÁ DEMANDA SUFICIENTE PARA MANTER AS COTAÇÕES A NÍVEIS ELEVADOS

Ora, a questão é de uma lógica econômica evidente. Atualmente, final da década de 80, o mercado mundial consumidor de soja possui uma grande disponibilidade de diversos outros produtos que podem tranquilamente substituir a soja na composição das rações para animais. O tradicional modelo "milho-soja", base da alimentação animal nos anos 1960/1970 deu lugar definitivamente, em especial nos países desenvolvidos, a um modelo "diversificado", no qual a soja não é mais imprescindível.

Dentro deste novo contexto mundial, o exemplo da Comunidade Econômica Européia (mas também o do Japão, dos EUA, e mesmo de alguns países da Europa do Leste) é flagrante. A forte concorrência de novos produtos (colza, girassol, ervilha proteagínosa, glicose de milho, lysina industrial, óleo de palma, etc.), os quais, graças a alta tecnologia existente na sua produção e principalmente na sua industrialização, são mais competitivos do que a soja em muitos casos, co-

loca esta nossa oleaginosa numa situação bastante delicada de agora em diante.

Assim, é natural então que, passado o susto provocado pela possível crise na oferta em função do clima, o mercado da soja busque patamares de preços mais baixos. A tendência deste final de 1988 deixa evidente este comportamento.

Na verdade, entre setembro e novembro, as cotações em Chicago caíram rapidamente. Isto se deve ao fato de que a produção norte-americana de soja acabou não sendo tão ruim como os especuladores gostariam que fosse e estavam anunciando. Na época, as informações davam conta de que a referida produção poderia ser de apenas 39 milhões de toneladas. Ela acabou sendo, oficialmente, de 41,1 milhões de toneladas. Certo, uma quebra significativa, pois representa 10,7 milhões de toneladas de perda em relação a safra anterior. Entretanto, completamente absorvida pelo mercado.

Dentro deste contexto, e como a demanda mundial continua em estagnação, exceção as esporádicas compras soviéticas, as cotações do "complexo soja" (grão, farelo e óleo) caíram em Chicago. Entre o início de julho, período em que a tendência altista das cotações começou a mudar de direção e a última semana de novembro, a queda é respeitável. Os gráficos que acompanham este artigo são reveladores desta realidade!

Assim, o grão viu suas cotações médias passarem de US\$ 9,59/bushel (um bushel corresponde a 27,21 quilos de grãos de soja) na primeira semana de julho passado, para US\$ 7,53/bushel na última semana de novembro. Isto representa uma queda de 21,5 por cento (ou US\$ 2,06/bushel) em quatro meses. Lembramos que já em fins de julho passado as cotações do grão em Chicago haviam atingido durante alguns dias este mesmo nível de US\$ 7,50/bushel. Nos parece evidente que, em condições normais, um novo patamar está sendo buscado. Ele se situaria para o ano comercial 1988/89, repetimos, entre US\$ 6,50 e US\$ 7,50/bushel!

Quanto ao farelo em Chicago, as cotações médias caíram de US\$ 285,20/tonelada curta (uma tonelada curta corresponde a 907 quilos de farelo de soja) na primeira semana de julho para US\$ 243,10/tonelada curta na última semana de novembro passado. Em outras palavras, uma queda de 14,8 por cento (ou de US\$ 42,10/tonelada).

Bem menor que a do grão, mas importante se considerarmos o período de apenas quatro meses.

Enfim, o óleo viu suas cotações médias literalmente despencarem nestes quatro meses em questão. Dos 31,52 centavos de dólar por libra-peso (uma libra-peso equivale a 0,453 quilos de óleo de soja) na primeira semana de julho passado, as cotações do óleo atingem apenas 21,22 centavos de dólar por libra-peso na última semana de novembro. Isto representa uma queda de 32,7 por cento (ou de 10,30 centavos de dólar por libra-peso) em quatro meses.

Fica evidente que se o mercado depender da demanda mundial, dificilmente esta tendência baixista terminará tão cedo. Os operadores europeus por exemplo, acreditam que a tendência para os próximos meses será de vermos as cotações do grão de soja perto dos níveis de US\$ 6,00/bushel e as do farelo abaixo dos US\$ 200,00/tonelada curta.

Entretanto, para que isto aconteça, as condições de clima, sobretudo na América do Sul neste momento, devem ser normais.

É por isto que as notícias de que havia seca na América do Sul, a qual poderia estar prejudicando o plantio da soja, aliadas ao fato de que os EUA reconduziram, até o final de 1990, o acordo comercial existente com a União Soviética (por este acordo a União assegura a compra de 9 milhões de toneladas anuais de grãos norte-americanos, divididas em 4 milhões em trigo, outros 4 milhões em milho e 1 milhão em soja) fizeram com que o mercado reagisse na primeira semana de dezembro (momento em que escre-

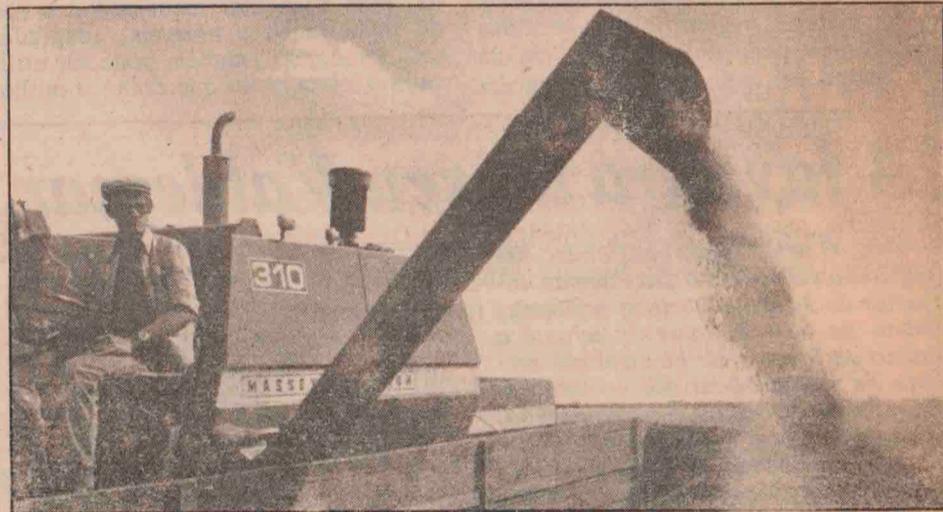
vemos este artigo).

Quanto ao acordo EUA-URSS ele rapidamente deverá ser absorvido pelo mercado, pois o mesmo não é novo e fazia parte do previsível. Entretanto, a questão é de saber até quando durará este novo problema climático e que efeitos negativos ele realmente terá sobre o plantio sul-americano.

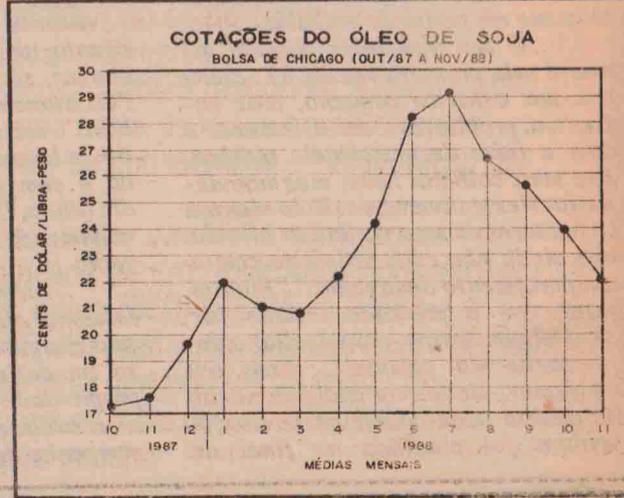
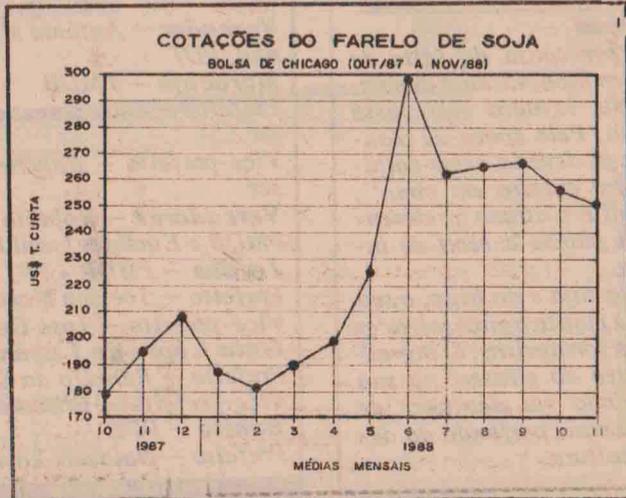
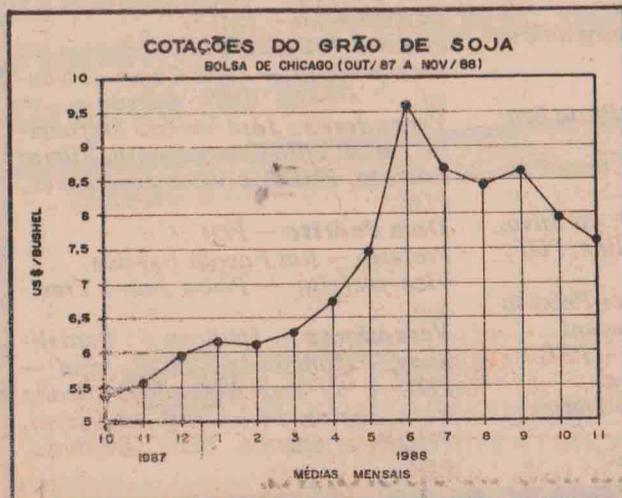
Assim, a referida tendência pode se reverter completamente em função do clima mais uma vez. De fato, devido ao problema de oferta causado pela seca nos Estados Unidos, qualquer problema climático na nova safra brasileira e argentina, que vem de ser plantada, causará uma reversão nesta tendência baixista. Da mesma forma, quando em abril/maio próximos as primeiras intenções de plantio norte-americano começarem a aparecer. Nunca o mercado esteve tão sensível ao problema climático como neste ano comercial 1988/89.

No que tange aos preços da saca de soja ao produtor brasileiro, evidentemente as cotações em dólares tendem a baixar se levarmos em consideração a safra passada. Por outro lado, não podemos nos iludir com as altas verificadas em cruzados, pois as mesmas, na verdade, refletem essencialmente a altíssima inflação mensal do país. Neste caso, infelizmente, nos aproximamos rapidamente do cenário da hiperinflação.

Frente a estas duas realidades, interna e externa, os produtores do comércio da soja estão forçados a uma rápida adaptação. Mais do que nunca a produtividade e a competitividade devem ser os assuntos centrais para aqueles que desejarem continuar na atividade de soja a médio e longo prazo.



A especulação está ajudando o preço a subir



Um dia de campo para o girassol

"O futuro é amarelo", dizem alguns. Outros, que é "a riqueza do Sul". Estas expressões e mais outras tantas que andam por aí, fazem parte de uma espécie de campanha que a Samrig - Sociedade Anônima Moinhos Rio-Grandense -, vem encampando no estado e que tem como finalidade incentivar o plantio de uma nova cultura: o girassol. Mas a história do girassol no Brasil, esta cultura capaz de transformar uma lavoura num belo cartão postal verde-amarelo -, começou por volta de 1924.

Mas foi somente a partir de 84, quando iniciou o trabalho de fomento da Samrig, que a cultura começou a chamar a atenção dos agricultores gaúchos. Neste ano, ela foi cultivada em 110 hectares. No ano seguinte, 85, ocupou 850 hectares em todo o Estado. Em três anos a lavoura cresceu quase 30 vezes, alcançando, neste inverno passado, 25 mil hectares. Mas a Samrig não está satisfeita e continua apostando na cultura, projetando para 1991, uma lavoura de 200 mil hectares.

UM DIA DE CAMPO

Na área de ação da Cotrijuí, Regional Pioneira, o girassol sempre foi uma cultura pouco expressiva, ocupando pequenos canteiros na frente da propriedade e que eram plantados com duplo sentido: as flores serviam para embelezar a propriedade e os grãos para alimentar as galinhas. Muito poucos grãos eram colhidos para semente. Essa situação, no entanto, começou a mudar de uns dois anos para cá, através do incentivo da Samrig e também de trabalhos de avaliação em andamento no Centro de Treinamento da Cotrijuí. Em 88 o girassol, hoje vista com simpatia como cultura alternativa para a região, atingiu 655 hectares na área da Cotrijuí.

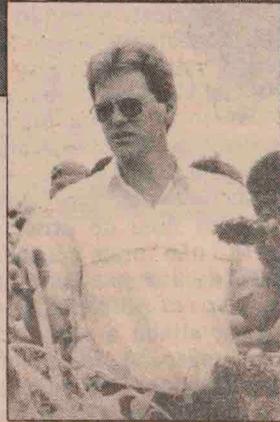
Mas para falar do girassol, uma cultura ainda desconhecida pela maioria dos produtores e que tem na Rússia e na vizinha Argentina seus maiores produtores, nada melhor do que um dia de campo em meio a uma lavoura em

vésperas de ser colhida. E para falar de girassol, um entendido no assunto: Mauro Bianchini, agrônomo da Samrig de Cruz Alta. O dia de campo, reunindo produtores e técnicos de Ijuí, Jóia, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapeta, Santo Augusto, Tenente Portela e Coronel Bicaco aconteceu na propriedade do agricultor Valdemar Michael. "O girassol, explicou Pedro Pittol, técnico agrícola da unidade de Ijuí, é uma cultura nova e que muito pouco ainda se sabe sobre o seu comportamento, ponto ideal de colheita, adaptação de máquinas, tendo em vista que o capítulo da planta é totalmente diferente das demais". O que se sabe, disse ainda, que é uma cultura resistente às geadas e ao acamamento".

INFORMAÇÕES TÉCNICAS

Bianchini começou dizendo que a melhor época de plantio do girassol fica entre agosto e setembro e que a cultura, até os 50 dias após a emergência, é bastante resistente às geadas. Na fase de florescimento e granação, os riscos de perdas são grandes. É uma cultura que exige solo fértil, bem preparado. No plantio, o ideal seria utilizar uma plantadeira de discos. O plantio também pode ser feito, quando em áreas pequenas, em sistema manual. "Quanto mais devagar o trator andar pela lavoura, melhor será a distribuição de sementes, alertou o agrônomo, dizendo ainda ser muito importante a uniformidade das plantas. Recomendou uma densidade de 60 mil plantas por hectare, o que possibilita, pelo fato das plantas ficarem mais próximas umas das outras, uma redução no ciclo da cultura. Não recomendou o plantio direto em cima da soja. "É preferível colocar o girassol em cima da aveia do cedo, depois de dessecada a área".

A colheita é o ponto crítico do girassol, até porque no Brasil ainda não existe uma colheitadeira apropriada. Mas Bianchini recomendou o uso de colheitadeiras normais, adaptadas com bandejas. Também pode ser utilizada a plataforma que colhe o milho,



A visita dos produtores à lavoura de Valdemar Michael. Ao lado Mauro Bianchini

desde que o girassol seja plantado em linhas e na distância certa, conforme a plataforma. A colheita deve ser feita quando o grão estiver atingindo umidade de 9 a 13 por cento.

Bianchini não recomenda experiências com sementes guardadas de um ano para outro, pois resultariam numa lavoura de péssima qualidade. A semente do girassol é híbrida, degenerando de um ano para outro. O agrônomo Luiz Volney Viau, agrônomo da Cotrijuí contou que o Centro de Treinamento vem estudando, já há algum tempo, um material que não é híbrido e que até o próximo ano deverá ser distribuído

entre os produtores. "Não é um material com o mesmo potencial produtivo dos híbridos, mas vem apresentando bons resultados", garantiu o Volney.

Os associados eleitos em Dom Pedrito e MS

Na edição passada o Cotrijornal publicou a relação dos prefeitos, vices e vereadores, eleitos na última eleição e que integram o quadro social da Cotrijuí na área de atuação da Regional Pioneira. Nesta edição, voltamos a falar no assunto, publicando a relação dos eleitos das regionais de Dom Pedrito e Mato Grosso

Mato Grosso do Sul

Campo Grande - PTB + PFL

Prefeito - Ludio Martins Coelho

Vice-prefeito - Marilu Guimarães

Dourados - PMDB + PFL

Prefeito - Antônio Braz Melo

Vice-prefeito - Sebastião Nogueira

Vereadores - Mariano Cândido de Arruda, PTB e Santo Soares de Lima, do PMDB.

Fátima do Sul - PDT

Prefeito - Samir Chafic Garibe

Vice-prefeito - Ilso Ferreira da Silva

Vicentina - PFL

Prefeito - Odilson Roberto Dias

Vice-prefeito - José Ferreira do Nascimento

Itaporã - Montese - PFL

Prefeito - Antônio Cordeiro Neto

Vice-prefeito - Toshio Nishimura

Caarapó - PMDB + PSDB

Prefeito - Quinto Di Domenico

Vice-prefeito - Adelcio Menegatti

Vereador - Antônio Peron, PMDB

Juty - PFL

Prefeito - José Adolar de Castro Filho

Vice-prefeito - Antônio Natal Santoro

Vereador - Antônio Moreira da Cunha, PDT

Maracaju - PMDB

Prefeito - Luiz Gonzaga Prata Braga

Vice-prefeito - Rogério Lopes Posser

Vereadores - Roberto O. da Silva, PMDB e Euclides Ivani Feline, PDT.

Jardim - PMDB + PFL

Prefeito - Joelson Martines Peixoto

Vice-prefeito - José Destefani

Guia Lopes da Laguna - PFL

Prefeito - Ranulfo da Silva

Vice-prefeito - Eliseu dos Santos

Bonito - PFL

Prefeito - Naldenir Xavier

Vice-prefeito - Luís Trelha Falcão

Vereador - Nilton Vieira de Souza, PTB

Rio Brilhante - PTB

Prefeito - Donato Lopes da Silva

Vice-prefeito - Henrique Ceolin

Vereadores - João Renato Barbosa Ceolin, PTB; Paulo Ezio Cuel, PTB e João Carlos Barbosa, PFL.

Douradina - PFL

Prefeito - Miguel Jacometto

Vice-prefeito - Aparecido de Souza Caminha

Ponta Porã - PMDB + PFL

Prefeito - Carlos Furtado Froes

Vice-prefeito - Nello Alves de Oliveira

Antônio João - PMDB

Prefeito - Ovaldete Coinete

Vice-prefeito - Arnaldo Marques da Silva

Aral Moreira - PFL + PDT

Prefeito - Geraldo Antônio Lopes

Vice-prefeito - Ventússio Ovídio Fedrizzi

Amambai - PT

Prefeito - Anilson Rodrigues de Souza

Vice-prefeito - Valdir Perios

Sidrolândia - PMDB

Prefeito - Daltro Fiuza

Vice-prefeito - Júlio Cezar de Souza

Vereadores: José Valério Stefanello, PMDB; Nilo Cervo, PMDB, Vilmar Rossato, PMDB e Vitar José Spies, PDT.

Dom Pedrito - PDT

Prefeito - Rui Favalli Bastide

Vice-prefeito - Pedro Jaime Trevi- san

Vereadores - Ipujican F. Pardelinhas - funcionário da Cotrijuí - PDT; e os associados Lídio Dalla Nora Bastos, PFL; Ruy Raguzzoni, PMDB e Gastão Brum Espinosa, PDS.

A lavoura do seu Valdemar

O seu Valdemar Michael, um agricultor de Rincão dos Pampas, interior de Augusto Pestana e proprietário de 620 hectares de terra é o dono da lavoura de girassol que serviu de modelo para que os técnicos da Cotrijuí fizessem o dia de campo. A conversa com o pessoal que visitou a sua propriedade na tarde quente do dia 28 de dezembro, começou no galpão com o técnico da Samrig e terminou com uma visita à lavoura, já quase em ponto de colheita.

O seu Valdemar plantou girassol pela primeira vez em 87. Plantou um canteiro pequeno, mas enfrentou problemas com a semente e com a falta de assistência técnica. Fez uma colheita ruim, mas não desistiu. Neste inverno passado plantou 10 hectares de uma variedade híbrida mas ainda não está satisfeito com o comportamento da lavoura. "Plantei outra vez e pretendo insistir por mais algum tempo, para avaliar o desempenho da cultura", disse seu Valdemar, ainda sem qualquer noção de quanto pode colher neste ano. A lavoura foi plantada no final de



Valdemar Michael

agosto, mas por causa da falta de chuvas, só germinou 45 dias depois. "O stande da lavoura não está bom", reclama. Pela época de plantio, a lavoura já deveria estar colhida e com outra cultura em cima", diz ainda. Credita o atraso no desenvolvimento da planta à seca de inverno.

Além da soja e do trigo, o seu Valdemar ainda planta o girassol, o centeio e algumas forrageiras. O ingresso em definitivo do girassol na sua propriedade ainda vai depender de uma avaliação mais profunda do desempenho da cultura.



Os 10 caminhões Ford F-22.000 e os cinco Cargo 2218 equipados com caçambas e distribuidores de calcário Randon/Rodoviária

MEDIANEIRA, IVESA E COTRIJUI RENOVANDO A FORÇA DESTA CHÃO.

O Projeto de Recuperação de Solos, já em execução, abrange municípios da Regional Pioneira da COTRIJUI, noroeste do Rio Grande do Sul.



COTRIJUI

cooperativa regional tritícola serrana Ltda.

NADA SUBSTITUI A FORÇA DA UNIÃO

A COTRIJUI, com recursos financeiros do Banco do Brasil S.A., está colocando em prática um de seus projetos mais arrojados: o Projeto de Recuperação de Solos. A médio prazo, 180 mil hectares de área de atuação da cooperativa estarão respondendo a este investimento com maior produtividade.

Mais uma vez a união de esforços viabiliza uma grande conquista. Por isso a MEDIANEIRA MECÂNICA E IMPLEMENTOS LTDA., distribuidora Randon/Rodoviária e a IVESA, Ijuí Veículos S.A., revenda Ford na Região Pioneira da COTRIJUI, têm orgulho em participar desse projeto. Que os caminhões, as caçambas e os distribuidores sirvam de instrumento para encurtar o caminho entre a boa semente e o aumento da produção.

O avanço tecnológico, a distribuição da riqueza só se viabilizam quando tem gente disposta a trabalhar. E os associados da COTRIJUI sabem disso. Safra após safra, enfrentando estiagem, excesso de chuva ou geada, não esmorecem no dever de produzir alimentos. A terra, sempre generosa, saberá responder à participação de cada um e de todos nesse arrojado projeto de conservação e recuperação do solo.

Sem dúvida, um ótimo contexto para a arrancada de um Novo Ano. Bom tempo para que a MEDIANEIRA, a IVESA e a COTRIJUI reafirmem sua convicção de que é da terra que brotam os frutos do progresso e do desenvolvimento desta região gaúcha.

Sobrevivência comprometida

O comprometimento do desempenho das pequenas e médias propriedades reflete sobre a produção diversificada

Rivaldo Dhein — Neu-Eichenberg — Alemanha Ocidental

O Relatório Agrícola Anual de 1988 do Ministério da Alimentação, Agricultura e Florestamento da República Federal da Alemanha, informa que no ano agrícola 1986/87, 53 por cento das propriedades agrícolas do país eram consideradas pequenas propriedades, alcançando um faturamento inferior a DM 40.000. Na verdade, o faturamento médio ficou em DM 29.455.

Com rendimentos anuais entre DM 40 a 60 mil — na verdade DM 42.048 em média — as assim chamadas médias propriedades, formaram 26 por cento do total. Finalmente, as grandes propriedades — com rendimentos acima de DM 60 mil —, somaram os restantes 22 por cento. Na média global, os agricultores alemães faturaram DM 39.653 em 1986/87, superando em 2,6 por cento os rendimentos do ano anterior e 5,2 por cento os do ano agrícola 1984/85. Evidentemente que estes valores não podem ser comparados com os ganhos do agricultor brasileiro.

As primeiras informações sobre o desempenho no ano agrícola 1987/88, estimam uma queda no rendimento econômico das propriedades agrícolas na ordem de 5 a 10 por cento — Relatório Agrícola/1988 — em relação ao ano anterior que fora "pico" até agora. A queda é atribuída ao mau tempo durante a fase vegetativa das principais culturas e sua colheita.

Baseado na relação ao câmbio oficial brasileiro — o artigo foi escrito em 10 de agosto passado —, calcula-se que o pequeno agricultor alemão faturou, em média, Cz\$ 4.123.700,00. Isto parece mais dinheiro do que realmente significa. É preciso considerar que o custo de vida daqui é bem mais elevado. O preço da carne no supermercado, por exemplo, variava, em agosto, em torno dos DM 1000 — Cz\$ 1.400,00 —. Uma passagem de ônibus urbano, custa de 2 a 3 DM — de Cz\$ 280,00 a Cz\$ 420,00 —. Mas, de qualquer forma, a situação permite ao agricultor alemão um padrão de vida mais elevado que o do produtor brasileiro, isto considerando principalmente o pequeno e o médio.

A realidade de fato é totalmente diferente e dificulta qualquer comparação mais fiel. Neste país, ultra-industrializado, a agricultura em grande parte é sustentada pela indústria. Exatamente o contrário do que ocorre nas nações subdesenvolvidas ou em desenvolvimento, como é o caso brasileiro. Nestas, o agricultor precisa produzir e fornecer alimentação barata para o trabalhador dos outros setores da economia — comér-

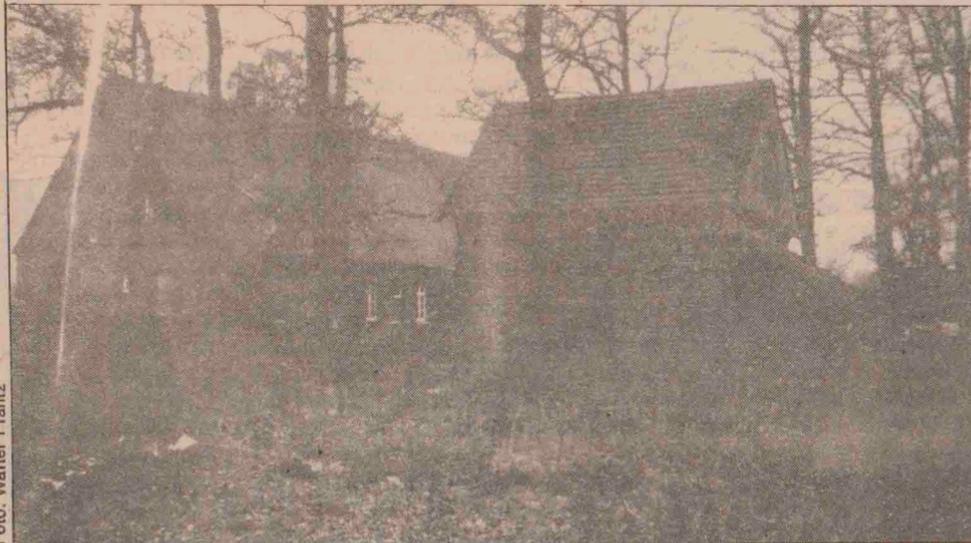


Foto: Walter Frantz

cio e indústria.

Aqui, enquanto que o agricultor recebia DM 062 por litro de leite, ouvia-se comentário de que o país — via CEE —, "exportará" manteiga a DM 0,17 para a União Soviética. Nós mesmos, no Brasil, durante a vigência do Plano Cruzado, consumimos carne européia a preços brasileiros. Por esta carne, o produtor europeu recebeu muito mais do que o consumidor — no Brasil —, pagou por ela. Aqui, nos supermercados, esta mesma carne custa mais de DM 10 por quilo, em média.

Tamanha é a superprodução destes produtos de origem animal na Europa e na Alemanha em especial, que é mais vantajoso entregá-los a preços simbólicos ou doá-los, do que continuar estocando-os, o que representa mais gastos de mão-de-obra, de energia. Por enquanto, o nível salarial do trabalhador alemão ainda permite a aquisição desses gêneros nos supermercados. Assim, colabora indireta-

mente para a viabilização da agricultura que recebe, em termos comparativos com o Brasil, preços justos — ou pelo menos mais justos — pela sua produção. Além disto, ainda existe toda espécie de auxílio social aos trabalhadores menos favorecidos em termos de salários. De parte do governo, por exemplo, existe os seguintes benefícios: auxílio aluguel, salário família de acordo com o número de filhos, inclusive para os estrangeiros; auxílio gestante; remuneração para as mães que deixam o emprego para cuidar dos filhos; complementações salariais por função; isenções de impostos de renda; salário desemprego, entre outros.

Apesar de tudo isto, o agricultor alemão não está satisfeito e, a cada dia, novas propriedades são desativadas e transformadas em áreas de lazer, recreação e preservação natural, para o que também existem estímulos oficiais. Para cada hectare desativado, o governo paga ao agricultor

somas que variam de DM 700 a 1.200 por ano.

A sobrevivência da pequena e média propriedade na Alemanha — como no Brasil, embora as causas não sejam exatamente as mesmas — está seriamente comprometida, e, com isto, a produção diversificada dos alimentos diretos como as frutas, hortaliças, entre outros. As grandes empresas são as que sobrevivem e via de regra se especializam na produção intensiva de apenas um ou poucos produtos, como por exemplo, os cereais ou a criação de uma espécie animal.

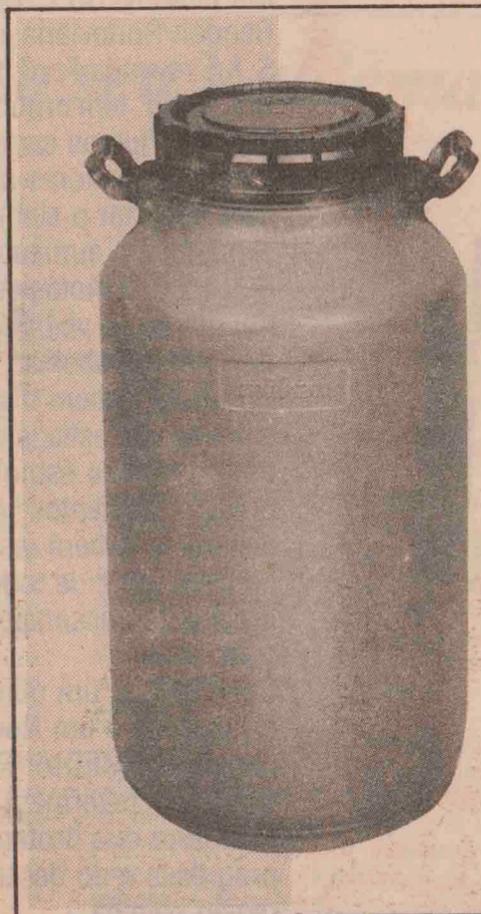
No caso específico da Alemanha, onde não há restrições mais severas às importações, a oferta no mercado externo é um grande concorrente do agricultor nacional — principalmente do pequeno e do médio. Hoje, mais de 50 por cento dos alimentos consumidos no país são importados de todas as partes do mundo. Estes chegam aos consumidores a preços inferiores que os pro-

duzidos dentro do país. Os próprios excedentes de produção a nível nacional, muitas vezes são conseqüências das importações destes produtos que são levados até o consumidor a preços mais baixos. Assim, por exemplo, apesar dos excedentes existentes, nos supermercados alemães encontram-se e em abundância a preços mais baixos, batatas e queijos da Holanda; maçãs e uvas da Itália; peras de Israel e hortaliças da Espanha. Para um leigo ou semi-leigo em economia internacional, fica bastante difícil de entender todas estas contradições, se é que são contradições.

Os filhos dos agricultores, em função disto tudo, muitas vezes, não querem assumir a propriedade dos pais, preferindo, optar por outras profissões ou trabalhos mais confortáveis. Os jovens rejeitam a vida dura do campo, onde não existem horários pré-estabelecidos e regulares de trabalho, nem férias programadas ou fins de semana para o descanso ou o lazer, o que exige, também, o "levantar cedo" todos os dias e ainda remunera mal em comparação com outras atividades.

Normalmente o agricultor alemão trabalha até as 17 horas, diariamente. Em épocas de colheita, estende a sua jornada diária até as 21 horas. Quando se dedica a produção animal, o horário de trabalho é ainda mais intenso e os fins de semana, férias, desaparecem completamente. Uma semana para o agricultor tem pelos menos 60 horas de trabalho.

De acordo com o Relatório Agrícola Anual de 88, 53 por cento das propriedades agrícolas alemãs são consideradas pequenas



Maneirinho em Minas, Tarro plástico no Rio G. do Sul, Vaso plástico na Bahia, Bule plástico em Sta. Catarina, Latão plástico em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Paraná.



Milkan é leve, super resistente e de fácil higienização. Por isso faz parte do dia-a-dia de nossas bacias leiteiras. Milkan - A proteção econômica no transporte de leite. Mude para Milkan.

unipac

Fábrica e Vendas: Rua Pirajá, 45
Cep 17 580 - Pompéia - SP
Fones (0144) 52-1644 e 52-1914
Telex (11) 19.105 - MAJA-BR

O desempenho das propriedades

As propriedades ecológicas apresentam melhores perspectivas de enfrentar situações climáticas adversas do que as convencionais

A tabela anexa, baseada em dados divulgados pelos Relatórios Agrícolas Anuais de 1986 e 1988 do Ministério da Alimentação, Agricultura e Florestamento da República Federal da Alemanha, compara o desempenho das propriedades convencionais com o das propriedades ecológicas, aqui também chamadas alternativas, considerando para tanto os anos agrícolas 1984/85 e 1986/87, na Alemanha.

O número de propriedades convencionais avaliadas superou em muito, nos dois anos, o número de propriedades ecológicas, o que é compreensível, uma vez que realmente o número destas últimas — 0,2 por cento do total em 1984/85 — é muito pequeno, se comparado com as primeiras.

No primeiro segmento — superior — da tabela, pode-se perceber que, de um modo geral, as propriedades agrícolas na Alemanha vêm diminuindo de tamanho. Observa-se entretanto, que, proporcionalmente em relação as propriedades convencionais, as propriedades ecológicas vêm aumentando de tamanho. Em 1984/85 eram menores que as propriedades convencionais e já em 1986/87, eram pouco maiores. Significa um melhor desempenho destas propriedades, de forma a permitir-lhes inclusive, pequeno crescimento relativo no tamanho da propriedade.

Também deste segmento, chama a atenção que sempre as propriedades ecológicas absorvem mais mão-de-obra. Isto para um país como a Alemanha — onde já existem mais de 2 milhões de desempregados — é um aspecto muito importante. Aliás, por causa deste aspecto, existem hoje, estímulos e incentivos oficiais para a agricultura ecológica.

Em termos de produ-

vidade das principais culturas — segundo segmento da tabela — percebe-se que nas propriedades ecológicas é ainda bastante inferior. Isto é uma realidade, embora deve-se considerar que entre as propriedades ecológicas avaliadas, muitas deviam ser propriedades de 1º ou 2º ano de "virada" — mudança do sistema convencional para o ecológico como fica claro na tabela. De 1984/85, nas propriedades ecológicas, para a maioria das culturas, os rendimentos caíram, enquanto que nas propriedades convencionais eles aumentaram. O ano agrícola de 1986/87 foi realmente um ano considerado climaticamente ruim para a agropecuária. Daí também já se pode deduzir — ainda sem muita segurança — que a propriedade ecológica apresenta melhores perspectivas de enfrentar situações adversas que a propriedade convencional.

No próximo segmento são apresentados os valores pagos — ou os preços de comercialização — por alguns dos principais produtos de agropecuária na Alemanha. De um modo geral, pode-se dizer que os produtos das propriedades ecológicas, também chamados produtos biológicos, são remunerados com valores entre 20 a 100 por cento mais elevados. O interessante é que as diferenças de preços vêm aumentando. Enquanto que, para a maioria dos produtos, os preços caíram, para os produtos ecológicos, eles aumentaram. Isto é uma consequência da grande e crescente procura pelos produtos ecológicos.

Sem dúvida, este é outro aspecto que estimula a adesão dos produtores ao sistema ecológico. Infelizmente, na situação brasileira, dificilmente se poderia contar com esta vantagem para as propriedades ecológicas. Seguramente, o povo brasileiro, que luta

com dificuldade para sobreviver, não teria condições de "pagar mais pelos alimentos". Pelo menos na atual situação em que a agricultura é chamada a subsidiar todo o crescimento e desenvolvimento do país, fornecendo alimentos baratos que viabilizem baixos salários nos outros setores da economia.

Mesmo assim, acredito que haja perspectivas para a agricultura ecológica no Brasil, principalmente porque temos mão-de-obra barata e porque os menores custos de produção residem nos fertilizantes químicos e nos agrotóxicos, aos quais, a agricultura ecológica procura renunciar. Aqui mesmo, na Alemanha, tive oportunidade de visitar um grande — proprietário de 9 hectares de terra — produtor ecológico de hortaliças. Segundo ele, é possível praticar a agricultura ecológica mesmo vendendo a sua produção a preços convencionais. Ele próprio comercializa a maior parte da sua produção — por razões de ordem prática — pelos preços convencionais.

O próximo segmento da tabela apresenta os rendimentos e despesas por hectare de uma propriedade. É possível observar — como no segmento da produtividade —, que nas propriedades convencionais houve uma acentuada queda nos rendimentos econômicos por hectare explorado, enquanto que nas propriedades ecológicas houve um crescimento acima de 15 por cento. O rendimento final nos dois tipos de propriedades já

em 86/87 foi bastante próximo, com pequena vantagem para as propriedades ecológicas.

Em relação as despesas, percebe-se que houve um significativo aumento proporcional nas propriedades ecológicas enquanto que, ao mesmo tempo, estas despesas foram significativamente reduzidas nas propriedades convencionais. Embora o mencionado Relatório não apresente informações mais exatas, esta redução nas despesas das propriedades convencionais tem muito a ver com a "baixa" acentuada nos preços dos derivados do petróleo, dos fertilizantes e dos alimentos animais comparados. Todos estes fatores, mais incidentes sobre os custos de produção nas propriedades convencionais que nas propriedades ecológicas. Nestas últimas, além dos custos fixos — que podem ser considerados iguais aos das propriedades convencionais e são praticamente invariáveis — um dos principais custos está na mão-de-obra e nos salários.

De qualquer modo, chegando agora ao último segmento da tabela, verificamos que já em 1986/87, sendo a agricultura ecológica ainda relativamente jovem — na Alemanha não passa muito dos 10 anos — já atingiu os rendimentos econômicos por hectare apresentados pela Agricultura Convencional. Em rendimentos econômicos — ou o lucro — e familiar, a propriedade ecológica já superou a proprieda-

de convencional.

Neste ritmo, e na realidade alemã, onde a procura pelos produtos ecológicos é bem superior a oferta e, em consequência os preços destes produtos são mais elevados seguramente o avanço deste sistema de produção é irreversível. Como a nível mundial existem outros países, como Estados Unidos e França, por exemplo, em que a Agricultura Ecológica já está bem mais difundida e outro em que se encontra em estágio semelhante ou próximo da Alemanha, como Suíça, Áustria, Itália, Inglaterra, Canadá, entre outros. Mas parece que o processo é irreversível e um maior avanço é apenas uma questão de tempo.

A demora poderá ser um pouco maior nos países do terceiro mundo, onde existe fome e a produção quantitativa talvez, no momento, seja muito mais importante que a produção qualitativa. Mas acredita-se que logo os importadores também passarão a exigir mais qualidade nos produtos. A crescente consciência de respeito aos povos do terceiro mundo e ao seu patrimônio natural, tenderá a limitar a importação de produtos de competição com a agricultura de alimentos — sem dúvida um dos grandes geradores da fome nos países subdesenvolvidos, enquanto que no mundo milhões de toneladas são desperdiçadas e eliminadas para manter o comércio, a competição e o lucro.

COMPARATIVO DE PROPRIEDADES AGRÍCOLAS — ECOLÓGICAS x CONVENCIONAIS — 1984/85 x 1986/87. FONTE AGRARBEMICH 1988

IDENTIFICAÇÃO	UNID.	ECOLÓGICAS		CONVENCIONAIS		
		1984/85	1986/87	1984/85	1986/87	
Propriedades avaliadas	nº	27	40	1.717	839	
Área média/propriedade (1)	ha	32,6	27,7	34,4	26,3	
Trabalhadores	nº prop. nº/100 ha	—	1,97	—	1,59	
Produtividade	Trigo	Kg/ha	3.880	3.700	5.870	5.400
	Centeio	Kg/ha	2.950	3.140	4.260	4.350
	Batata	Kg/ha	14.160	19.000	31.550	28.200
	Leite	Kg/vaca	3.499	3.714	4.661	4.373
Remuneração	Trigo	DM/Kg	0,901	0,978	0,437	0,406
	Centeio	DM/Kg	0,948	1,097	0,444	0,394
	Batata	DM/kg	0,512	0,522	0,162	0,202
	Leite	DM/Kg	0,645	0,791	0,618	0,621
Rend. Propriedade	DM/ha	4.309	4.983	6.287	4.897	
Desp. propriedade	DM/ha	3.408	3.649	5.114	3.549	
— Adubos (2)	DM/ha	50	31	342	261	
— Agrotóxicos	DM/ha	5	2	89	65	
Rações	DM/ha	—	420	—	600	
Salários	DM/ha	299	359	111	51	
Lucro	DM/ha	901	1.334	1.173	1.349	
	DM/fam.	19.014	26.025	27.481	23.487	
	DM/prop.	—	37.014	—	35.488	

(1) — área cultivada

(2) — inclusive orgânicos: esterco, adubo verde, entre outros (custos de transportes, aplicações, etc.)

NUVACRON

Quem planta conhece.

CIBA-GEIGY

Confinar ou não confinam?

João Miguel de Souza

O sistema de terminação de bovinos em regime de confinamento, embora não seja nenhuma novidade, apresentou grandes avanços nestes últimos anos em todo o Centro-Sul do Brasil. É um processo que ocorre dentro de uma conjuntura internacional de redução e de racionalização e questionamento econômico deste sistema. Entretanto, as razões que proporcionaram este quadro brasileiro são facilmente percebíveis.

No Centro-Oeste e Sudeste do país, houve, nos últimos anos, um aumento na disponibilidade de subprodutos agroindustriais de valor nutricional para ruminantes. É o caso do bagaço de cana-de-açúcar e especialmente, da polpa de laranja. No sul, passou-se a utilizar com grande intensidade, plantas forrageiras de alta produção como os capins elefantes como fontes de volumosos para os confinamentos. Entre os resíduos agrícolas, os produtores têm utilizado subprodutos de limpeza de grãos, subprodutos de beneficiamentos de grãos — farelo de soja e de arroz — e ainda capim arroz nas regiões arroyeiras. A maior utilização de forrageiras conservadas — silagem principalmente — também tem sido determinante na adoção do processo por um maior número de criadores. Cabe destacar que os confinamentos têm sido mais usados por ocasião da entressafra bovina — segundo semestre — quando historicamente as cotações do boi estão em alta.

RESULTADOS DA PESQUISA

A pesquisa tem determinados parâmetros de extrema importância para a implementação desta técnica. Resultados obtidos com animais de diferentes idades, revelam o quanto de alimento estes animais necessitam para ganhar 1 quilo de peso — conversão alimentar. Enquanto animais com 10 meses necessitam de 4,89 quilos de alimento para 1 quilo de peso vivo de ganho, outros com 34 meses necessitam de 8,11 quilos (ver tabela 1). Estes animais receberam alimentação à base de cana-de-açúcar picada — 72 por cento da dieta — farinha de carne e de osso, sorgo e sal — 28 por cento da dieta.

Se tomarmos como indicador o peso e não a idade dos animais, verificaremos com maior clareza o quanto este fator é importante na economia do sistema. A tabela número 2 mostra que animais com 200 quilos consomem 9,1 quilos de alimentos para ganhar 0,75 quilo de peso vivo por dia. Já animais com 450 quilos de peso vivo, consomem 15,3 quilos de alimento para ganhar o mesmo peso.

Com as raças acontece mais ou menos a mesma coisa, sendo que umas apresentam maior desempenho que outras quando os animais são terminados em regime de confinamento. Mas no geral o desempenho de animais cruzados é melhor, tanto em ganho de peso quanto em rendimento — qualidade da carcaça. Esse desempenho pode ser comparado na tabela 3.

A IMPORTÂNCIA DAS INSTALAÇÕES

Uma instalação adequada é importante para o desempenho dos animais. Esta afirmação está baseada em experimentos realizados que mostram a importância do piso, da cobertura e do efeito do vento sobre os animais. Em geral a lama e a chuva — especialmente sobre os comedouros, prejudicam a performance do animal. Isto significa,

e os resultados podem ser melhor analisados na tabela 4, que um melhor desempenho dos animais confinados vai depender também de instalações com pisos e com cochos cobertos.

Estas informações demonstram a viabilidade tecnológica do processo, mas no entanto, resta ainda a questão econômica, especialmente a da alimentação. Vamos tomar como exemplo 10 animais de 300 quilos, deixados durante um ano em confinamento. Como alimentos, eles vão receber 70 por cento de volumoso — capim elefante triturado, cana-de-açúcar, também triturada e silagem ou feno — e ainda mais 30 por cento de concentrado. Para poder fornecer todo esse volume de alimento a estes animais, o criador vai precisar de 0,5 hectares de capim elefante, 0,3 hectares de cana-de-açúcar e 1,4 hectares de aveia para silagem ou feno — volumoso suficiente para 455 dias e ainda 10.950 quilos de concentrado. Neste último está a grande limitação. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, se colhe até 10 mil quilos por hectare de grãos. Então, neste caso, o criador precisa de pouco mais de 1 hectare de lavoura para produzir os 10.950 quilos de concentrados. No Brasil, como colhemos no máximo 3 mil quilos de grãos por hectare, o criador necessita de mais de 3 hectares para produzir a mesma quantidade de concentrado. Somando a área de volumoso com a área de grãos, chegamos quase a 6 hectares, área que possibilita a engorda de 10 bois em pastagem de média produtividade e certamente com custos menores. Na tabela 5 podemos observar que o desempenho de terneiros confinados foi igual ou menor que de novilhos pastando azevém.

VIABILIDADE

A viabilidade dos confinamentos depende, além da disponibilidade de volumoso barato e do qual dispomos, de concentrado igualmente de baixo custo — resíduos de limpeza de grãos, subprodutos industriais. As instalações podem ser simples, apenas com cocho coberto e piso de pedra batida. O detalhe está no gerenciamento racional da suplementação concentrada — 30 por cento da dieta.

Em nossa região a hipótese

mais provável para confinamento, seria aquela que contemplasse mais uma forma de utilização do macho leiteiro, cruzado com raças de corte européia. O desempenho de bovinos sobre pastagens avaliados no CTC em 88, não nos permite outra possibilidade. Em áreas de aveia preta no inverno e capim elefante no verão foram obtidos ganhos em torno de 700 quilos por hectare de peso vivo animal. Isto nos mostra que temos muito que avançar em manejo racional de pastagem — maior número de divisões das áreas de pastoreio, por exemplo — restringindo os confinamentos ao aproveitamento de subprodutos nas entressafras bovinas.

João Miguel de Souza é engenheiro agrônomo e gerente da Área de Produção Vegetal da Cotrijuí na Pioneira.

BIBLIOGRAFIA

Martins, J. D. Restle, J. Lançanova, J. A.C. 1988. Desempenho de Terneiros de Corte Alimentados com Silagem ou Pastagem Cultivada. Anais da XXV R. Anual da SBZ, Viçosa/MG. Mazzitelli, F. 1985 — Rev. Plan. Agropec. de Montevideo, 13 (32): 31-32. Peacock, F. M. e Outros, 1973. Feedlot Performances of Straightbreeds and Crossbreeds in Koger, M. e Outros, 1973. Crossbreeding Beef Cattle, Semes 2, Volc. of Florida Press, Gainesville. Townsend, M. R.; Restle, J. U. Sanches, J. M. B. 1988. Desempenho de Animais com diferentes idades em Regime de Confinamento. Anais da XXV R. Anual da SBZ, Viçosa/MG, f. 283.

TABELA 1 — DESEMPENHO DE ANIMAIS COM DIFERENTES IDADES EM REGIME DE CONFINAMENTO (UFSM/Santa Maria/RS)

Animais	Ganho Médio diário (Kg)	Conversão alimentar
Charolês com 10 meses	0,915	4,89
Charolês com 22 meses	0,942	6,55
Charolês com 34 meses	1,041	8,21
Vacas Descarte	1,009	9,51

Fonte: adaptada de Tonsend, Restle e Sanches, 1988

TABELA 2 — CONSUMO DE FORRAGEM (KG/DIA DEMS) PARA NOVILHOS DE DIFERENTES PESO VIVO E COM IGUAL GANHO DIÁRIO DE PESO VIVO (0,75 KG/DIA) URUGUAI

Peso vivo (Kg)	Conversão alimentar
200	9,1
350	13,0
450	15,3

Fonte: Adaptado de Mazzitelli, F. 1985

TABELA 3 — DESEMPENHO NO CONFINAMENTO E CARACTERÍSTICAS DE CARÇA DE BOVINOS DE CORTE PUROS E MISTIÇOS

Raças ou cruzas	Ganho de peso diário (Kg)	Rendimento carcaça (%)
Aberden Angus (AA)	0,867	61,03
Brahmann (BR)	0,872	61,45
Charolês (CH)	1,017	61,90
A.A. x BR	1,040	62,49
A.A. x CH	1,017	61,97
CH x BR	1,053	62,58

Fonte: Adaptado de Peacock e Outras, 1973

TABELA 4 — EFEITO DA LAMA, DA CHUVA E DO VENTO SOBRE OS BOVINOS EM CONFINAMENTO (MÉDIAS DE TRABALHOS REALIZADOS ENTRE 1967 E 1970)

Variáveis	Ganho de peso diário (Kg)	Conversão (Kg)
Piso concreto	1,353	6,653
Lama	0,943	8,368
Sem chuva	1,700	6,635
Com chuva	1,250	7,525
Sem vento	1,243	7,340
Com vento	1,300	7,065

Fonte: Adaptado E. Ferreira, 1981

TABELA 5 — DESEMPENHO DE TERNEIRAS DE CORTE — 9 MESES —, ALIMENTADAS COM SILAGEM DE MILHO OU PAPUÁ E PASTAGEM DE AZEVÉM (UFSM/SANTA MARIA/RS)

Sistema	Ganho de peso diário (Kg)
Confinado com silagem de milho*	0,71
Confinado com silagem de Papuá*	0,56
Pastagem de azevém	0,76

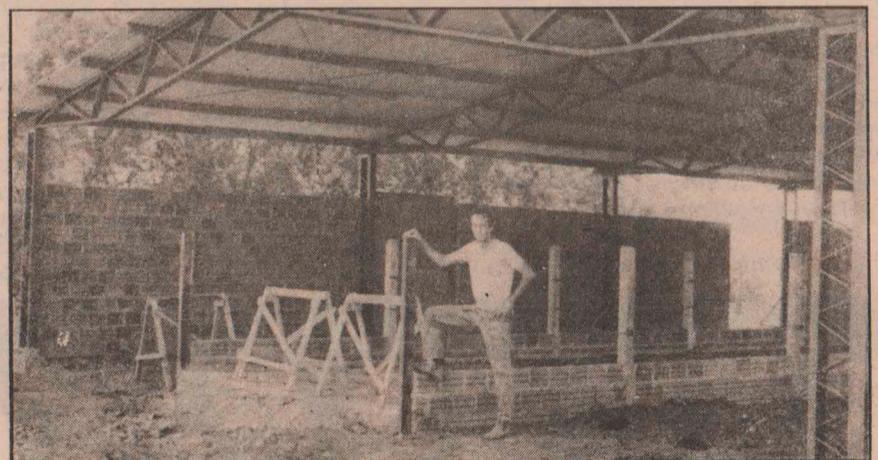
Fonte: Adaptado de Martins, Restle e Lançanova (1988)

* As terneiras confinadas recebiam farelo de milho, farelo de soja, farelo de ossos e sal na proporção de 30 por cento da dieta

A decisão com o produtor

Criar terneiros em sistema de confinamento é uma decisão a ser tomada pelo próprio produtor depois de ter estudado muito bem as condições que a sua propriedade oferece. Esse alerta é feito pelo zootecnista e especialista em Nutrição Animal, Wilson Roque Lorenzoni. O Wilson, que é também gerente de uma granja de 196 hectares de terra localizada na Linha 11 Leste, Ijuí, de propriedade de Carlos Fricke, pode falar de primeira mão do assunto. Ele está dando início a um trabalho de terminação de terneiros em sistema de confinamento, com infra-estrutura pronta para 30 animais. Mas a intenção do Wilson é ampliar o sistema, podendo terminar até 150 animais.

O elevado custo da terra e a possibilidade de se criar e terminar de 8 a 10 animais por hectare, foram algumas das razões que levaram o zootecnista a optar pelo sistema de confinamento na propriedade. Ele também acha que o elevado custo das pastagens é compensado pela redução do tempo de terminação e abate do animal. Ele também acha que o sistema de terminação em confinamento



Wilson Lorenzoni: início com 30 animais de 18 meses

propicia um baixo índice de perdas nas pastagens pelo fato de que não são pisoteadas, sem falar no esterco que, após fermentado, pode retornar para a lavoura sob forma de adubo.

O confinamento também evita desgaste de energia do animal à procura de alimento, complementa, lembrando ainda da vantagem que tem o criador de, neste sistema, poder aproveitar melhor todo os resíduos agrícolas da propriedade, como a palha da soja, da aveia, da mandioca, entre outros.

De início, o Wilson está trabalhando com um plantel pequeno, formado por 30 animais de 18 meses, os quais pretende abater em 100 dias e um peso médio de 450 quilos. São animais charolês cruzados, que estão sendo alimentados à base de silagem de milho, sorgo triturado, resíduos de soja, sal mineralizado e uréia. Os animais recebem água corrente. Todo o alimento está sendo produzido na propriedade.

CALENDÁRIO

MS avalia pesquisa do trigo

Texto final: Filomena Langa

Realizou-se, nos dias 6 e 7 de dezembro último, na Unidade de Execução e Pesquisa de Âmbito Estadual de Dourados (Embrapa/Uepae de Dourados), a VIII Reunião Sul-matogrossense de Pesquisa de Trigo. Nela participaram instituições ligadas à Tricul-tura no Estado, como Embrapa, (Uepae de Dourados, CNPT, e SPSB), Ctrín, Banco do Brasil, Cotrijuí, Em-paer, Cotia e Fazenda de Itamarati.

Na safra 88, a cultura de trigo no Mato Grosso do Sul tinha ocupado uma área de 373 mil hectares. Apesar das geadas em algumas regiões e da estiagem que ocorreu durante o seu cultivo, a produção foi de 500 mil toneladas, correspondentes a 1.380 quilos por hectare.

Durante a reunião foram apresentados os resultados das 32 pesquisas sobre o melhoramento genético, manejo e conservação do solo, adubação, época e densidade de semeadura, fitopatologia, entomologia e produção de sementes. No que diz respeito à introdução e criação de germoplasma deste cereal, a tolerância, a seca, as geadas e as principais doenças, além da qualidade do grão e produtividade, foram os principais parâmetros observados para a seleção de novos materiais. Estão também sendo estudados para os solos de melhor fertilidade, novos materiais com resistência ao ataque do pulgão.

Por outro lado, não existem previsões de lançamento de novas culturas neste ano, uma vez que nas duas últimas safras foram lançadas as cultivares BR-20, BR-21, BR-29, BR-30 e BR-31, com pequena disponibilidade de sementes à disposição do produtor. Foi ainda observado que, dos novos materiais, apenas as variedades Iapar-28 e Iapar 29 apresentaram um bom papel nos ensaios realizados em Indápolis e Fátima do Sul.

Na área de manejo e conservação do solo, destacaram-se os trabalhos que se referem a cobertura do solo durante o inverno com a utilização de aveia preta, centeio, ervilhaca, chicharro, nabo forageiro e outras para utilização nas áreas não ocupadas pela cultura do trigo. Relativo às diferentes formas de manejo do solo e plantio, concluiu-se que o plantio direto do trigo vem apresentando ótimos resultados, sendo recomendado manter a umidade do solo durante o período seco. A partir dos resultados obtidos, a Pesquisa promoveu alterações na época de semeadura, com a seguinte distribuição:

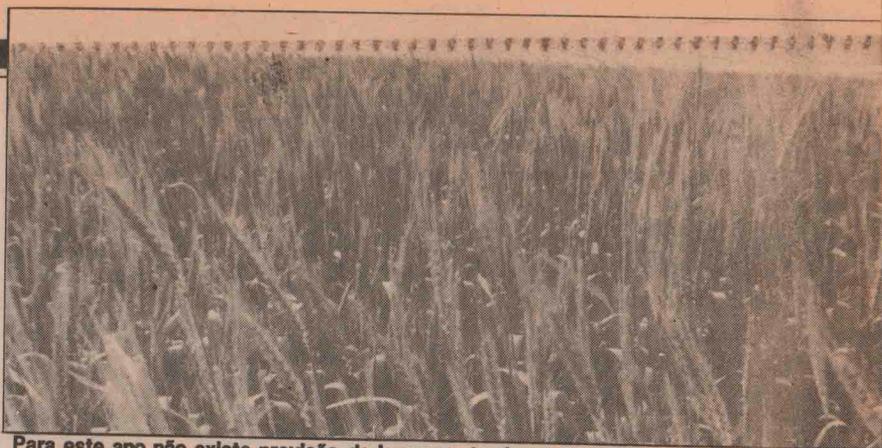
Região "A" — Nesta região a sementeira do trigo é recomendada para o período compreendido entre 1º de abril e 15 de maio, ficando a época preferencial entre 10 a 30 de abril. Este período abrange Naviraí, Caarapó, Região da Grande Dourados, Rio Brillhante, Maracaju, Sidrolândia e outros.

Mundo Novo, Amanbai, Aral Moreira, Ponta Porã, Antônio João e outros, num total de 11 municípios, fazem parte da **Região "B"**. Para estes, o período recomendado para a semeadura do trigo é de 1º de abril a 15 de maio. A **Região "C"**, que abrange Campo Grande, Terenos, Bodoquena, Bonito, Jardim e outros, totalizando 14 municípios, é recomendado o período de 20 de março a 30 de abril para a semeadura do trigo.

Por último temos o período de

20 de março a 15 de abril, para a **Região "D"**, recentemente criada. Abrange os municípios de São Gabriel do Oeste, Corguinho, Bandeirantes, Jaguari e Rochedo. É de salientar que de acordo com dados do Departamento de Comercialização do trigo, na safra passada, a área cultivada com trigo estava um pouco acima de 6 mil hectares. E, com a liberação desta área para o financiamento do plantio deste cereal, a área com esta cultura deverá expandir-se na região.

Um dos temas bastante preocupantes tanto para os fitopatologistas, como para os demais pesquisadores e expansionistas foi a Brusone do trigo,



Para este ano não existe previsão de lançamento de novas cultivares de trigo no MS

onde foram encontradas estratégias para o seu controle. Entre elas destacam-se o não efetuar plantios cedo (fora da época recomendada para cada região). Não plantar cultivares altamente susceptíveis; fazer o tratamento das sementes e escalonar o plantio das cultivares dentro da época recomendada.

Dos trabalhos apresentados nesta reunião, os técnicos da Cotrijuí estiveram engajados nos seguintes trabalhos: avaliação da cultura de trigo em Dourados e Maracaju; avaliação de linhagens e cultivares deste cereal em unidades demonstrativas; sistemas de

manejo de solo, do seu preparo necessário trigo-soja; especiais vegetais fungicidas no controle da Brusone. Fungos associados às sementes de trigo produzidas em Mato Grosso do Sul nos trabalhos de eficiência do tratamento químico de sementes de trigo controle de Pyricularia.

Outro encontro, envolvendo cultura de trigo, terá lugar de 23 de janeiro em Londrina/PR e nela serão definidas todas as recomendações para o plantio do trigo naquela região. Só que desta vez será reunião Centro Sul Brasileira de Pesquisa de Trigo.

Apostando na produção de leite

Isabel Cristina da Silva

Nos 15 dias em que passamos no Centro de Treinamento para Pecuaristas de Castrolanda, Paraná, tivemos a oportunidade de conhecer pessoas de vários lugares do país, trocar experiências e ver de perto os resultados obtidos em mais de 10 anos de trabalho na produção de leite. O trabalho sério e dedicado, com as contas "na ponta do lápis", trouxe excelentes resultados ao CTP e aos produtores da região que se utilizam da tecnologia nele desenvolvida e por ele divulgada.

É importante ressaltar que a realidade daqueles produtores não difere muito da que vivemos aqui na região, área de atuação da Cotrijuí em termos de tamanho de propriedade e tecnologia empregada. As dificuldades enfrentadas pelos produtores também são semelhantes.

A CTP tem a função de criar e oferecer tecnologia aos pecuaristas da região, em especial aos associados da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda., funcionando, portanto, como uma propriedade servindo como modelo para visitação. Na área de leite, o trabalho vem se desenvolvendo baseado na raça holandesa — entenda-se iniciar como o plantel "crioulo" melhorado pela inseminação —, alimentação e manejo. Hoje já existem netas das primeiras vacas com alta produção, deixando suas filhas com o mesmo potencial. Na parte da alimentação, o Centro tem áreas de pastagem com sistema de pastejo intensivo, mas com rotação — algumas horas por dia, de 2 a 5 dias —, onde ficam estabelecidas as vacas de produção. Estas recebem ração — conforme a produção — durante a ordenha. Em seguida são alimentadas ainda com feno de alfafa e silagem de milho.

As terneiras são criadas até o desmame em terneiras individuais móveis, de construção simples e barata e que podem ser dispostas conforme a época do ano com proteção contra as chuvas, vento e sol. As terneiras ficam protegidas e ao mesmo tempo em contato com o ambiente que enfrentarão mais tarde, com grande vantagem sobre o sistema fechado, onde é maior a incidência de pneumonias e diarreias. A alimenta-



Castrolanda: estábulo com sistema de cangas durante a ordenha

ção nesta fase consiste no fornecimento de leite. Após a primeira semana, o animal já recebe ração, água e feno para estimular o desenvolvimento do rúmen. Após o desmame, as terneiras vão em grupos para pequenos piquetes, onde, além do pasto verde, têm abrigo, água, ração e feno. Com 12 meses de idade, vão para as pastagens em companhia das vacas secas até serem inseminadas.

O estábulo onde é feita a ordenha das 47 vacas em lactação, é uma construção de 50 anos que apresenta muitos defeitos, mas pela falta de recursos, foi adaptada da melhor forma possível. A ordenha é mecânica e existem dois funcionários específicos para o serviço.

Os alunos dos cursos participam das tarefas de ordenha desde a preparação do estábulo, ordenha propriamente dita até a lavagem do material. A coleta do leite é feita a cada dois dias — o Centro possui dois resfriadores —. O Centro também conta com uma pequena unidade para ordenha manual, onde os alunos atuam. É de construção simples e rústica, servindo a alguns agricultores da região. As vacas ordenhadas nesta unidade são rústicas, da raça Caracu — dupla aptidão. O plantel é pequeno, apenas para experimentação.

Nestes dias de estudo e visitação, também tivemos a oportunidade de entrar em contato com produtores da região, conhecendo um pouco o relacionamento da Central com suas três cooperativas associadas Arapoti, Batavo e Castrolanda. De para notar que existe um fluxo constante de informações, inclusive custos de produção, fornecidos pelo departamento de economia da Central. A inseminação é largamente utilizada na região e, ao final do ano, um grupo de produtores é premiado pela qualidade da produção ou da sua plantel. O controle leiteiro de cada vaca se transforma em dado, arquivado no computador da Central em fichas individuais para que o produtor tenha uma idéia da situação do seu rebanho.

Refletindo sobre a nossa situação e condições da região, cabe ressaltar que é possível se chegar a um bom nível de produção leiteira econômica, com algumas vantagens. Lá, o produtor recebe da sua cooperativa o concentrado protéico pronto. Enquanto aqui na nossa região, o produtor já está habituado a fazê-lo, utilizando ingredientes que existem na propriedade e que ainda pode ser melhor aproveitado com o uso do programa de computação da própria Cotrijuí. Ele também pode utilizar novas opções, como o farelo de soja. Nós também já temos algumas experiências com a silagem de aveia preta — lá eles trabalham apenas com a silagem de milho — que tem quase o mesmo valor nutritivo. Outra vantagem é a utilização maior de mecanização em nossa região, o que facilita a implantação de pastagens.

Com todas estas observações, acreditamos que a nossa região tem todas as armas para fazer crescer a sua produção leiteira. Mas para tanto, é preciso que haja organização de cada propriedade, para que a produção se torne econômica. Isabel Cristina Silva é médica veterinária da Unidade de Ajuricaba. Além da Isabel Cristina, também participaram do curso de 15 dias no CTP os técnicos agrícolas Vanderlei Juswiack, Edemar Vidal Siqueira e Valmor Gelatti.

SOJA

BACULOVIRUS

O reforço da economia natural

Ao contrário de outros anos, esta safra de verão poderá ser lembrada como uma das mais infestadas pela lagarta da soja, graças ao comportamento do clima que vem apresentando uma quantidade suficiente de umidade, propício ao aparecimento da *Anticarsia gemmatilis*, o bichinho responsável por um dos programas mais econômicos e de grande preservação ambiental: o programa de controle biológico através do *Baculovirus anticarsia*. Iniciado em 1980, em Londrina, no Paraná, o programa chegou ao Rio Grande do Sul um ano depois, enfrentando muita resistência por parte dos produtores que só encontravam eficiência no combate a praga, através do uso do inseticida.

GRANDE PROCURA

De lá para cá, no entanto, muita coisa mudou. Alguns produtores se encarregaram de difundir aos seus vizinhos o uso da técnica natural para controlar o ataque da lagarta, provando pelas suas lavouras, a eficiência do controle biológico em reduzir os custos da lavoura, sem colocar em risco a sua vida e a dos animais, apesar de alguns desconhecem a técnica e ainda se valer dos venenos para acabar com a praga, ela é muito usada por quem já comprovou a sua eficiência.

Até agora já comercializamos mais de cinco mil doses do baculovírus líquido ou em pó, diz o responsável pelo programa de distribuição do vírus, na Cotrijuí Pioneira, engenheiro agrônomo Ilário, Gasparin, relacionando esta procura expressiva (no ano passado foram mil e 500 doses) à consciência do produtor, que já acostumado ao uso da técnica, utilizou o que tinha armazenado, e agora, portanto, precisa repor os estoques. Essa quantidade, no entanto, não representa toda a procura, segundo Ilário, ao prever a comercialização de pelo menos dez mil doses, caso não ocorresse a estiagem no Paraná, onde se concentra a maior parte de entidades e empresas que industrializam o produto.

Por outro lado, explica Ilário, o uso do baculovírus também foi menor porque a lagarta nesta safra, apareceu em dezembro, fazendo com que os mais desavisados se apressassem em tocar veneno na lavoura, ao invés de se preocupar em controlar o inseto no seu estágio inicial de desenvolvimento. "Embora a lavoura de soja tenha dificuldade em suportar um ataque da praga neste período, o produtor pode usar tranquilamente o baculovírus, logo que ela aparece", recomenda o agrônomo, enquanto prevê os maiores níveis de aplicação em fevereiro, época ideal do uso e facilitada para quem já fez a sua própria multiplicação.

PROGRAMA DA COTRIJUI

Esse aliás, é o objetivo do programa de controle biológico da Cotrijuí, que pretende retardar ao máximo possível qualquer aplicação de inseticida. Comercializado atualmente por um preço razoável, a dose do baculovírus, quando ingerida pela lagarta na lavoura, rende ao produtor mais de 100 doses, que são suficientes para a utilização desse número em hectares. Para a obtenção destas doses, no entanto, o produtor deve estar atento para algumas recomendações de aplicação do baculovírus.

QUANDO APLICAR

Agindo por ingestão e sendo bastante suscetível à radiação solar, é praticamente impossível fazer aplicação do vírus de forma preventiva, já que o seu período de duração sobre as folhas não é muito longa. Portanto, também não é recomendado fazer a sua aplicação em dias muito quentes, o que poderia comprometer a sua eficiência. Cuidando estes aspectos, o produtor pode, então, utilizar o vírus sobre populações de lagartas com até 1,5 centímetros de comprimento, ou seja, quando o número de lagartas pequenas estiver ao redor de 20 e de lagartas grandes em 10 por batida de pano.

Embora o nível de persistência da lagarta na lavoura seja bastante variável, já é convencional 100 por cento para o primeiro dia, caindo para 60 por cento, a partir do sexto dia. Em todo caso, as lagartas que ingerem o vírus começam a morrer a partir do quinto dia de aplicação. Tanto a coleta como a aplicação do vírus e os seus efeitos estão sendo demonstrados em vários dias de campo realizados nas unidades da Cotrijuí.

Com uma expectativa satisfatória de mercado e um bom andamento na lavoura, a soja, parece ser um dos únicos produtos a trazer lucros significativos para o produtor



O grão mais promissor do ano

O que vai sobrar na peneira da agricultura este ano? Ainda que os migalhas não sejam descartados, a única expectativa otimista do setor está sendo puxada pela soja, que está prometendo boas condições de rendimentos na lavoura, pelo menos na área Pioneira da Cotrijuí, onde o clima vem se comportando bem, e principalmente pelos níveis médios do mercado, que já apontam uma das melhores comercializações do produto nos últimos anos.

O gerente de comercialização da Cotriexport, José Carlos Trieguer, por exemplo, afirma que, embora seja muito difícil fazer uma previsão financeira no Brasil, a soja, por ser um produto de exportação, acompanha as desvalorizações cambiais, e por isso pode ser um dos únicos produtos a trazer tranquilidade para o produtor. A análise de Trieguer se baseia numa perspectiva muito pequena de alteração nos níveis inflacionários que já rondam os 30 por cento, acumulando assim mais de mil por cento ao ano, enquanto o preço da saca de soja alcança atualmente os 14 dólares, contra a média de nove dólares dos anos anteriores.

MERCADO FIRME

"Pela primeira vez se vê um início de safra com previsões de lucro real", salienta o analista de mercado, incluindo aí também a perspectiva de um aumento de produtividade na lavoura, depois de duas frustrações seguidas. Em função disso, continua Trieguer, o produtor de soja tem mais chance de sobreviver à crise do que os demais, já que, livre dos possíveis ataques recessivos, o produto tem neste

ano, e provavelmente no próximo, um mercado firme, caso os níveis da demanda mundial não passem por desequilíbrio significativo.

A crise de que fala o gerente de comercialização da Cotriexport, pode ser melhor traduzida pela ansiedade que ronda o mercado interno, à beira de receber mais um "pacotão" do governo, sem que por isso, os produtos desta área contem com uma valorização acompanhada dos custos financeiros ou de uma recuperação do poder aquisitivo do consumidor. O superintendente da Cotrijuí, Regional Pioneira, Walter Frantz, por sua vez, prefere dizer que embora esta safra tenha quase tudo para trazer um grande avanço em relação ao ano passado, a expectativa é muito mais de manutenção do poder aquisitivo, do que um incremento real, pois se o pacote já está aí, a inflação também e há muito mais tempo. Ainda assim, o superintendente aposta na safra, que deverá ser um suporte para o encaminhamento de vários projetos de melhorias de serviços e verticalização da agricultura.

BOM ANDAMENTO DA LAVOURA

Com um plantio de 337 mil hectares, a lavoura de soja na área de atuação da Região Pioneira da Cotrijuí, também está contribuindo para uma perspectiva mais otimista em relação ao produto. Esperando uma produção de aproximadamente 600 mil toneladas, o departamento agrotécnico da Cooperativa, por exemplo, através do

diretor Léo Góí, aponta três fatores determinantes para uma certa tranquilidade do produtor.

A começar pelo clima, diz Léo Góí, que nos dois últimos anos tem causado sérias frustrações para a lavoura de verão, a safra 88/89 tem contado com um índice pluviométrico bom, sem nenhum prejuízo, no geral, até o momento, do andamento das lavouras que já andam em fase de floração. "As chuvas, no entanto, ressalta o diretor, poderiam ser mais uniformes, e não esparsas como está acontecendo, o que pode trazer alguns problemas localizados".

De qualquer forma, continua o agrônomo, o comportamento do clima aliado a um outro fator importante para o bom desempenho da cultura, traz a perspectiva de um aumento em pelo menos 30 por cento de produtividade, nas médias anteriores de pouco mais de 1.500 quilos por hectare. Isso se deve, principalmente às condições do solo, que no final do ano passado ganharam um reforço do Programa de Recuperação de Solos da Cotrijuí. Embora tenha chegado um pouco atrasado para esta safra, as áreas que foram corrigidas, explica Léo Góí, certamente terão resultados melhores, em rendimento por hectare.

A base de todo este tratamento adequado à terra, que inclui ainda a adubação recomendada e o uso do baculovírus, está a perspectiva de um bom retorno econômico pelos preços, destaca Léo Góí, dizendo ainda que até o índice de utilização do plantio direto foi elevado acentuadamente.

Trigo: novo atraso

Cortes no orçamento da União suspendem compra do trigo

O veto do presidente José Sarney ao Orçamento Geral da União, aprovado pelo Congresso Nacional em 15 de dezembro, está trazendo alguma dor de cabeça aos produtores brasileiros. Ao cortar Cz\$ 22,5 trilhões das despesas previstas no orçamento, o presidente praticamente paralisou toda a atividade agrícola do país, já que todas as linhas oficiais de financiamento agrícola do Banco do Brasil estão suspensas, comprometendo, desta forma, o fluxo de recursos para a agricultura. Falando mais claro: não há, pelo menos por enquanto, dinheiro para as parcelas de custeio que ainda não foram liberadas; para a comercialização de produtos; exportações, financiamentos de investimentos e para projetos de irrigação.

Esta falta de recursos, na opinião do vice-presidente da Fecotriga, Aquelino Dalla Libera, está comprometendo o desempenho da agricultura nacional, hoje praticamente paralisada. Acredita, no entanto, que o Rio Grande do Sul será atingido somente na questão da compra do trigo, pois o governo ainda não comprou

14 por cento do produto colhido no ano passado - 219 mil toneladas - e que encontram-se estocadas nos armazéns das cooperativas. Esse atraso na comercialização do trigo, faz com que deixem de circular no Estado, hoje, Cz\$ 30,7 bilhões.

Mas não é apenas a suspensão na compra do trigo que está levando os triticultores, em protesto, para a frente das agências do Banco do Brasil. A suspensão da correção diária, pela OTN fiscal, sobre o preço do produto, determinado para o mês de janeiro, está levando os triticultores a computar uma perda diária de 1 por cento ao dia em cima do valor a ser pago pelo trigo. Sem a correção sobre o valor de garantia do produto, o preço ficou estacionado em Cz\$ 138,393 a tonelada, e que corresponde a 22,43 OTNs fiscais.

Com o veto do presidente, o assunto só volta a ser discutido a partir de 15 de fevereiro, quando o Congresso volta do recesso. A sugestão da Fecotriga e encaminhada às autoridades econômicas do país, é de que o governo resolva este

problema buscando saídas alternativas. Uma delas seria a de o governo usar o dinheiro da venda do trigo para o pagamento dos triticultores. "Outra saída, observou Dalla Libera, seria a utilização do retorno do próprio custeio que vem sendo pago pelo produtor". Uma terceira saída apontada pela Federação sugere, "embora esta não seja a melhor solução", que o governo desafogue o produtor fazendo empréstimos para que ele salde suas dívidas. Este empréstimo seria liquidado após a aprovação do orçamento. A Fecotriga ainda espera uma resposta do Ministério da Fazenda, prometida para os próximos dias.

Para Della Libera, o importante é que o pagamento seja feito dentro dos próximos dias e que os preços sejam reajustados pela OTN fiscal, "pois as dívidas dos produtores junto aos bancos estão sendo corrigidas diariamente", diz ele, reclamando de uma solução urgente para o caso. "Nós não podemos ficar assistindo tranquilamente a um jogo de empurra-empurra entre executivo e legislativo.



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUÍ

Elaboração: Mariluz da Silva Lucchese
Datilografia: Derci Fátima Mariani

mar-
Soci-
le Ij
etori
assi-
lido-
s Ma
Am
edu-
esou
con
o po
man
enci-
oqu

a fe
Cz.
todo
um
ento
de-
onte
21,5
cen-
o de
rou
icas
ndo
mês
ano
pa-
por
rita
R-
tos
sci-

io
na-
ão
se
s-
o
a-
a-

a
e
-
s
s

Construindo um instrumento de cordas

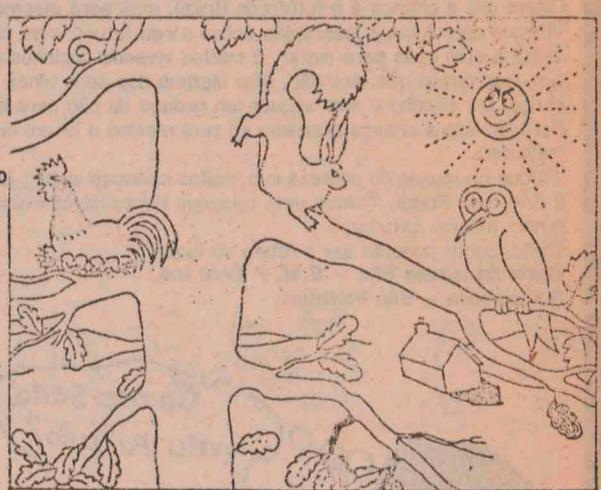
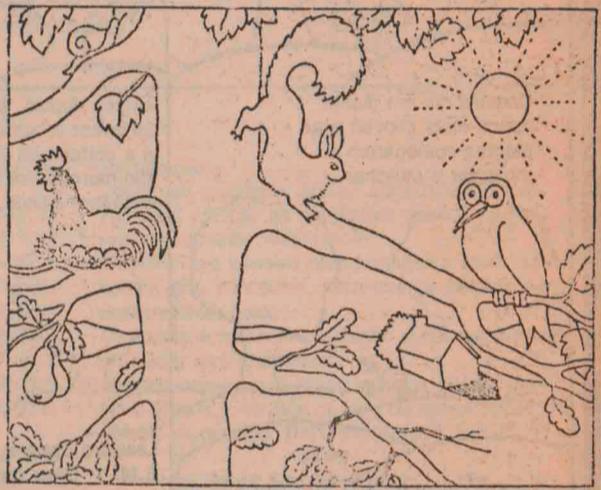
Material: uma caixa de sapato pequena, um elástico pequeno, um médio e um longo.
Modo de fazer: coloque os três elásticos em volta da caixa (caso necessário alterar seus comprimentos, faça isso dando-lhes um nó em cada um).
Mexa os elásticos de maneira diferente, primeiro com um lápis (ou soltando-os devagar).
Depois dedilhe os 3 elásticos, um de cada vez. Está pronto!

Charadas

- 1 - O que é que tem raiz, mas não é vegetal. Move-se sozinho, seu dono nunca o viu e jamais o verá?
 - 2 - Qual foi o primeiro Zoológico do mundo?
 - 3 - Qual a palavra na língua Portuguesa cujo plural termina em R?
 - 4 - Dez e dez são vinte com mais cinquenta são onze?
 - 5 - Quem são os sete irmãozinhos, cinco vão a feira e dois não?
 - 6 - Se diz a metade, mas é inteiro. O que é?
 - 7 - No jardim é flor, na bandeja é doce, no peito, respiração forte. O que é?
 - 8 - É o nome de uma capital, de uma fruta e de uma ferramenta. O que é?
 - 9 - Sempre sobe e jamais desce. É a...
 - 10 - É vermelho, roxo, azul, amarelo, verde e ninguém pode tocá-lo, mesmo que tente. O que é?
 - 11 - Qual é o mês que tem vinte e sete dias?
 - 12 - O que um livro de matemática disse para o outro?
 - 13 - Tem olhos mas não enxerga, tem boca mas não come, tem ouvidos mas não ouve, tem nariz mas não respira, o que é?
 - 14 - Sem entrar na água, sem entrar no vento, tem um poço de água dentro?
- Leandro Drews - Augusto Pestana
E.M. Santíssima Trindade.

PASSATEMPO

JOGO DOS ERROS



Olhando os dois quadros, você verá que são bastante parecidos. Mas, se olhar com muita atenção, verá que são diferentes. Você será capaz de descobrir SETE pequenas diferenças entre eles?

Editorial

CRIANÇAS:
Há um ano que temos nos encontrado, através deste suplemento mensal. Neste ano que passou, procurei fazer com que o Cotrisol não fosse somente para vocês, mas acima de tudo feito por vocês.
Nesta perspectiva consegui a participação de crianças de diversas localidades.
Que o ano de 1989, que a gente está começando agora, tenha em todo o seu decorrer a alegria e a simplicidade das crianças. E que o Cotrisol continue fazendo muitas crianças brincarem e se divertirem, muitos professores enriquecerem suas aulas com este suplemento.
Continuem escrevendo, desenhando, enviando sugestões de passatempos. É através dos trabalhos que vocês me enviam que posso fornecer textos e atividades de acordo com o interesse de vocês.
Um beijão para cada um de vocês que lêem e participam do Cotrisol.
Mariluz

Cruzadinhas

- 1 - ... voa?
- 2 - ... dá leite e carne?
- 3 - ... pula de galho em galho?
- 4 - ... que vive na água?
- 5 - ... tem tromba?
- 6 - ... nos fornece lã?
- 7 - ... é o melhor amigo do homem?
- 8 - ... mia?
- 9 - ... é muito feroz e tem muita força?

Fátima Regina dos Reis
Carlos Alberto Gol
E.M. 1º Grau Inc. Padre Burmann
Augusto Pestana

1)	M							
2)				A				
3)	M							
4)				I				
5)				F				
6)				E				
7)				R				
8)				O				
9)				S				

ALIMENTAÇÃO ALTERNATIVA

Os custos dão o melhor prato

Como superar o magro saldo da suinocultura, sabendo que a expectativa de melhorar a situação é minguada? Uma das respostas a esta indagação foi dada durante o primeiro Encontro sobre Alimentação Alternativa para Suínos, promovido pela Cotrijuí Pioneira no mês de dezembro. Mais de 300 associados observaram os resultados da pesquisa, preocupada em reduzir os custos da produção.

Viabilizar a suinocultura na região, através do uso de produtos e métodos alternativos de alimentação, possibilitando uma redução real nos custos de produção da atividade. Este foi o objetivo do primeiro Encontro sobre Alimentação Alternativa para Suínos, realizado dia nove de dezembro na Afucotri de Ijuí, onde mais de 300 associados, departamento agrotécnico e direção da Região Pioneira da Cotrijuí participaram de várias palestras proferidas por pesquisadores de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, além de assistirem um relato sobre o desenvolvimento da suinocultura na França.

Durante a abertura do Encontro, o diretor agrotécnico da Cotrijuí, Regional Pioneira, Léo Góí, salientou a importância de se buscar alternativas econômicas para esta atividade tradicional na região, que já conta com 12 anos de organização na Cotrijuí, atinge mais de dois mil produtores e envolve uma soma de recursos na ordem de 200 milhões de cruzados. "Poucos estão satisfeitos com os resultados, mas ficar somente lamentando a crise não altera a situação", disse Léo Góí, ao destacar a proposta de substituição dos meios tradicionais de alimentação, que hoje representam 75 por cento da produção, por outros métodos que estejam ao alcance da lógica produtiva das propriedades da região.

RESPOSTAS ECONÔMICAS

Como o diretor agrotécnico da Cotrijuí, o engenheiro agrônomo Henrique Augusto dos Santos Bartels, da Emater de Santa Rosa, que apresentou a palestra sobre a "Utilização da Alfafa na Ração de Suínos", também enfatizou a necessidade de reduzir os custos da alimentação dos animais através de produtos alternativos, ou seja, fornecer produtos mais baratos, sem perder de vista as exigências biológicas dos animais. Isto significa que, ao fazer uma substituição alimentar, o produtor não pode esquecer os princípios fundamentais da nutrição dos suínos, como o funcionamento do seu organismo, que é determinado principalmente pelo consumo de alimentos, influenciado, por sua vez, pelos níveis de concentração de energia que possui a ração.

Além do fornecimento adequado de energia, a substituição alimentar tem que pesar ainda todas as limitações técnicas dos produtos que vão desde a palatabilidade até a maior facilidade de aquisição dos ingredientes que compõem as rações. Por fim, o balanceamento nutricional e técnico com perspectiva de redução de custos, só vai ser medido através de um acompanhamento do ganho de peso médio diário (GPM), da sua conversão alimentar (CA), que é a quantidade de alimento necessária para aumentar um quilo de peso), e a qualidade da carcaça dos suínos, entre outros, avaliados nas diferentes fases do ciclo de produção dos suínos, aleitamento, creche, crescimento, terminação, reprodutores, gestação e lactação.

UTILIZAÇÃO DA ALFAFA

Baseados nesta análise, todos os trabalhos apresentados no Encontro, registram as suas vantagens, assim como os seus fatores limitantes, provando assim, que todos eles podem se tornar alternativos desde que a sua utilização seja feita de acordo com a época de produção e o manejo recomendado pela pesquisa. Henrique Bartels, por exemplo, explicou a complexidade da formulação



Alimentação alternativa reuniu associados, técnicos e comunicadores

das rações e o reconhecimento dos seus resultados, dizendo que "nem sempre o melhor ganho de peso diário e a melhor conversão alimentar representam o maior ganho econômico para o produtor".

Pós-graduado em nutrição animal, o agrônomo, que já pesquisou o valor nutricional de 40 alimentos, entre tradicionais e alternativos, apresentou alguns trabalhos realizados com alfafa, que quase sempre obtiveram ganhos econômicos, apesar de registrarem fatores limitantes como o aumento do consumo diário de ração. Mesmo assim, o pesquisador não deixa de recomendar a inclusão desta cultura à alimentação de suínos, devido a comprovação dos seus bons resultados, principalmente na fase de gestação e lactação. Isto porque, nestes períodos, as porcas exigem proteína a níveis de 12 e 13 por cento.

O trabalho mais expressivo apresentado por Henrique Bartels, no entanto, se baseou em diferentes quantidades de alfafa incluída na ração, para suínos em crescimento e terminação. Este experimento foi realizado pela Emater, em Passo Fundo, há cinco anos e levou em conta o peso vivo dos animais na medida em que se aumentava a porcentagem de alfafa na ração. As proporções de alfafa iniciaram por zero por cento, passando depois para sete, 14, 21 e 28 por cento.

Como observações finais, explica Henrique Bartels, verificou-se que nestes dois ciclos de produção, não é válido do ponto de vista econômico, incluir menos de 21 por cento de alfafa na alimentação, uma vez que, o produto tem pouca porcentagem de proteína e minerais, levando os animais a consumirem mais, devido a necessidade que eles têm destes nutrientes nos primeiros dias de crescimento. Já na fase de terminação, quando o animal está totalmente estruturado em termos de nutrição, não ocorre um aumento no consumo, o que leva o pesquisador a dizer que, quanto mais o animal ganha peso, pode-se aumentar o consumo da alfafa.

PORCO SOLTO

Após a apresentação dos trabalhos com utilização da alfafa, os participantes do Encontro assistiram as pesquisas da casa, que tiveram início há oito anos, com a realização de experimentos de suínos com acesso livre a pastagens. A pesquisa em alimentação alternativa feita pela Cotrijuí, foi apresentada pelo

gerente de produção vegetal, engenheiro agrônomo João Miguel de Souza, que justificou a existência dos trabalhos "pela orientação da Cooperativa em buscar alternativas para a redução de custos da produção, a partir da quantificação de alimentos que podem ser consumidos pelos animais, desde que estes produtos possam ser produzidos na região".

Entre os vários experimentos conduzidos pelo CTC, um dos que mais tem se destacado é justamente este primeiro, conhecido como "porco solto", que tem por objetivo comparar os resultados da criação de animais confinados com animais que recebem pastagens à vontade no campo, além dos 80 por cento da sua necessidade de ração. Ainda neste trabalho, que é realizado com animais de raças rústicas como Duroc e Wessex, procura-se comparar o desempenho destes suínos, em relação a raças mais exigentes como Landrace e Large White, a fim de que, como explica João Miguel, "os resultados expressem não só uma circunstância racial, mas seja também uma resposta de um sistema de produção".

Dos resultados obtidos através destes experimentos, João Miguel citou os conseguidos em consumo de ração e conversão alimentar nos quais os animais todos da raça Duroc e Wessex, quando confinados consumiram 249 quilos de ração na fase de crescimento e terminação. Quando criados soltos, no entanto, animais destas mesmas raças, consumiram apenas 218 quilos de ração, apresentando ainda uma conversão alimentar superior em três pontos. Já outro experimento realizado com animais Landrace e Large White, quando soltos consumiram em média 242 quilos de ração, enquanto, em confinamento, o consumo médio foi de 239 quilos, registrando os primeiros um período de dez dias a menos do que os outros para serem terminados.

PASTO EM POCILGAS

"A participação da Embrapa, através do seu Centro Nacional de Pesquisas em Aves e Suínos, fornecendo auxílio econômico é possibilitando a

participação de seus pesquisadores na elaboração dos projetos, tem sido fundamental para a obtenção desses resultados", acentua João Miguel antes de apresentar trabalhos realizados por outros pesquisadores, com pastagens fornecidas na pocilga, os quais também indicam redução no consumo de ração.

Esse é o caso de um experimento feito no Instituto de Zootecnia de São Paulo, em 1968, em que ficou demonstrado que suínos confinados, recebendo ração com cinco por cento de alfafa consumiam 221 quilos de alimento por animal. Já aqueles animais que recebiam ração e pasto verde na pocilga consumiram 213 quilos de ração durante as fases de crescimento e terminação.

O DESEMPENHO DA AVEIA

Como suporte de todos estes trabalhos realizados com suínos no CTC, sempre esteve presente a preocupação de um aproveitamento mais econômico com o uso de forrageiras como a aveia preta, a alfafa, o sincho, a aveia branca, a ervilhaca, a fava e a cevada, que sempre tiveram suas características nutricionais avaliadas pela Embrapa. Entre todas, diz João Miguel, as que mais têm se destacado é a fava e a aveia preta, esta uma cultura já com grande produção na região, devido ao uso como pastagem e como a adubação verde para a melhoria do solo.

A partir de vários trabalhos preliminares, o CTC chegou ao mais completo, feito com a utilização da aveia preta, onde foram realizados três tipos de tratamento, para suínos em crescimento e terminação. O primeiro tratamento com ração normal, utilizando o concentrado produzido pela Cotrijuí, o segundo com 15 por cento de aveia preta, o terceiro com 30 por cento, e o quarto com 45 por cento. Nos resultados, o primeiro tratamento ficou com 720 gramas de GPM e 2,73 de CA, o segundo com 800 gramas e 2,87 quilos, o terceiro com 780 gramas e 2,72 e o último com 690 gramas e 3,26 quilos. Isto significa, segundo João Miguel, que, embora os dados sejam parciais que melhor inclusão da aveia é a níveis de 30 por cento, pois embora não se tenha o máximo em GPM temos a melhor conversão alimentar.

Essa pesquisa também teve participação efetiva da Embrapa e da Universidade Federal de Santa Maria, que através do seu Departamento de Zootecnia, forneceu apoio por meio de seus professores e estudantes de pós-graduação.

GESTÃO NO CAMPO

Todos estes dados também contribuíram para que o CTC continuasse levando adiante os seus objetivos, como demonstra o trabalho realizado com reprodução a campo, mais conhecido como "abrigo para porcas no campo". Embora seja difícil medir o consumo de porcas em gestação no campo, foi possível, neste ano, demonstrar as vantagens do sistema também neste período de produção. Segundo a veterinária Susana Cardoso, que é responsável por este trabalho, os resultados desta experiência não registraram nenhuma diferença em relação ao sistema convencional de cabanas de parição.

DESEMPENHO DOS ANIMAIS EM TERMINAÇÃO, TRATADOS COM CALDO DE

Variáveis	T1 14% PB	T2 18,3 PB	T3 20,9 PB	T4 24,8 PB
GPD - g	750	964	923	1004
CP* - g	2427a	1329b	1222b	1151b
CCC* g	-	1604	1422	1612
CA*	2,49a	3,04b	2,86b	2,75a,b
CE-Kcal	9294a	10993b	9915a,b	10338a,b
CPB g	386	272	292	314
CL g	17,83	14,49	16,27	18,05

* Animais início do experimento - 55 kg - final 100 kg;
a, Valores expressos na base MS
b, Valores calculados 3370 Kcal ED/Kg de ração

As vantagens da cana

Cortada ou moída, a cana pode substituir integralmente o milho

Com uma produção considerável de 80 toneladas por hectare, a cana-de-açúcar é outro produto que ganha espaço na pesquisa, como um alimento alternativo para os suínos. A sua utilização nesta atividade assim como outros produtos, foi apresentada por Hacy Pinto Barbosa, engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa há 17 anos, atualmente integrante do Centro Nacional de Pesquisa em Aves e Suínos, em Concórdia, Santa Catarina.

Considerando a cana-de-açúcar, mais precisamente a garapa, como um alimento importante para os suínos em crescimento e terminação, o pesquisador apresentou as suas vantagens econômicas através de uma comparação da composição da cana em relação ao milho. Formado por 80 por cento de água e 20 por cento de matéria seca, o caldo de cana possui nesta última parte 760 quilo caloria (Kcal), enquanto o milho, que possui 80 por cento de matéria seca, apresenta 2.640 Kcal. Esta diferença faz com que a cana, como garapa, tenha um percentual de energia digestiva, 3,8 vezes maior do que o milho. Uma vantagem importante, mesmo sabendo que o milho produz, por outro lado, uma grande porcentagem de proteína.

SUBSTITUIÇÃO

Para melhor entender o ganho econômico registrado pela cana-de-açúcar, Hacy Barbosa apresentou um experimento onde foram utilizados diferentes quantidades de cana para suínos em terminação. No primeiro tratamento usou-se ração normal com 14 por cento de proteína bruta (PB), no segundo, se passou para 16 por cento de PB mais caldo de cana, no terceiro, 20,9 por cento de PB mais caldo de cana e no quarto, 28,8 por cento de PB, com caldo de cana. Nos tratamentos 2, 3 e 4, foram aumentados os percentuais de minerais e vitaminas para compensar a queda do consumo de ração.

Como demonstram os resultados da tabela acima, a conclusão deste trabalho, segundo Hacy Barbosa é de que, para animais em terminação pode ser administrada a ração mais caldo de cana à vontade, tendo o produtor uma larga vantagem econômica. Ainda que, ressalta o pesquisador, algumas vezes, a conversão alimentar não seja baixa. De qualquer forma esta diferença pode ser superada pela ausência de milho nas rações.

Além do trabalho realizado com a garapa da cana, o pesquisador Embrapa falou também sobre a utilização da cana em toletes para porcas em gestação, com resultados nutricionais semelhantes ao tratamento convencional e, por isso, mais econômico, já que é possível substituir integralmente o milho por cana-de-açúcar cortada e moída na alimentação das porcas.

RECOMENDAÇÃO PELA IDADE

A cana-de-açúcar foi também assunto de um outro pesquisador, o veterinário Fred Juarez Kudma, suinocultor em Cachoeira do Sul, para quem a cultura tem muita viabilidade econômica dentro da propriedade, tanto pela sua alta produção em um ciclo de oito meses, como pela aceitação do caldo pelos suínos. A sua argumentação baseia em cima de experimentos realizados há vários anos, que serviram também para desmistificar a provocação de diarréia pelo uso da cana. O seu estudo, acentua Fred, "está em saber certo em que idade e em que proporção os alimentos podem ser fornecidos aos animais". E para isso, ele recomenda experimentação em curto espaço de tempo. "Se ele se acostuma e não apresenta nenhum problema de diarréia, o tratamento vai em frente".

Impressionado com os resultados que obteve em alguns trabalhos, o veterinário afirma que a idade mais apropriada para incluir a cana nas rações é de duas semanas após o desmame.

me, ou seja, quando o porco bem tratado atinge 25 quilos, até o abate. Partindo desta idade, ele recomenda meio litro de caldo por dia a cada duas semanas até chegar a um máximo de 320 litros por animal. Esta medida que também recomendada pela Embrapa, se justificada pela fase em que o porco se encontra após os 50 quilos, ou seja, a da meio engorda, quando eles necessitam de uma maior quantidade de alimento para ganhar o peso recomendado.

De todos os dados finais que obteve com a utilização da cana, Fred diz que os melhores resultados foram do peso dos suínos e principalmente da redução da quantidade alimento que a cana possibilita. Em cinco meses e meio, por exemplo, um grupo de animais tratados com cana chegou aos 95 quilos, registrando assim, uma diferença de 10 quilos em relação aos tratamentos convencionais.



Hacy Barbosa



Fred Kudma

Produção de 25 toneladas por hectare, o que equivale a quase 15 toneladas de raspa seca

Mandioca, uma das mais baratas

Entre as várias opções que foram apresentadas no Encontro sobre Alimentação Alternativa para Suínos, a mandioca, sem dúvida, ganhou lugar de destaque. Os trabalhos realizados com a sua inclusão na ração de suínos foram apresentados pelo engenheiro agrônomo Luís Fernando Gerhard, da Emater de Vera Cruz, que considera tanto a parte aérea como a raspa da raiz, duas grandes alternativas de alimentação, e faz questão ainda de desfazer uma idéia marginal que a cultura possui até hoje, como sendo produto de fundo de quintal ou alimento tóxico.

Lembrando que é preciso deixar os tabus de lado, Luís Fernando salienta que a melhor forma de aproveitar a cultura e não prejudicar a produção é a do produtor se decidir pela sua transformação em ração, e não fornecê-la úmida aos animais, causando com isso uma doença chamada timpanismo, que geralmente os leva a morte.

Portanto, para livrar a criação da toxidez da mandioca, que é causada pelo alto índice de ácido cianídrico que ela contém, o produtor deve seguir um roteiro de operações, que começa pela trituração da parte aérea, quando parte do ácido se evapora. É importante contudo, salienta o pesquisador, que esta operação seja feita através de uma trituração grosseira para evitar o seu escurecimento, que nada mais é do que a queda de vitaminas e proteínas. "O material precisa se manter o mais verde possível", recomenda ele.

Terminada essa operação, o produtor pode passar para a secagem, na qual se recomenda o uso de um equipamento à base de ar quente forçado, com uma potência de 5 HP, que pode render, caso for colocado uma tonelada da parte aérea verde, 270 quilos de matéria por hora. Este produto pode ainda ter dois destinos, ou ele se transforma em feno, devendo ser armazenado em lugares com bastante ventilação, ou ser novamente triturado, virando uma espécie de farinha para ser aplicada na ração.

ROTEIRO PARA A RAIZ

Quanto a transformação da raiz em componente de ração, Luís Fernando chama a atenção em primeiro lugar, para a época de colheita, que deve ser feita em julho ou agosto, período em que a mandioca tem menor porcentagem de água. Depois de colhida, então, tira-se apenas o seu excesso de terra, sem lavá-la, para que a sua umidade natural seja conservada. Em seguida esta raiz deve ser picada, serviço que o produtor pode fazer através de equipamentos de baixa rotação, que possuem martelos e por isso transformam a raiz em raspas de pedaços maiores.

Por fim chega a hora da secagem, onde pode ser utilizado um secador comum médio, no qual se for colocado três toneladas de raspa úmida, têm-se em 10 horas, 1,21 toneladas de matéria seca, pronta para ser armazenada em qualquer lugar, desde que não tenha problemas de umidade.

RENDIMENTOS

Com os dois produtos prontos, o

produtor pode misturá-los ao farelo de soja, milho moído ou concentrado, nas mais diferentes fórmulas de proporcionalidade, dependendo da fase de produção em que os animais se encontram. Alguns resultados, no entanto comprovam a sua eficiência em períodos mais longos, como por exemplo, os obtidos através de um trabalho feito desde o desmame até a terminação de suínos Landrace.

Recebendo uma ração com 18 por cento de milho; 18 por cento de farelo de soja, 40 por cento de raspa, 20 por cento de parte aérea, 2,5 de concentrado, os leitões chegaram aos 60 dias pesando 18,80 quilos, nos 75 dias com 26,55 e em 90 dias com 39,12. Ao chegarem aos 135 dias, e portanto na fase de terminação, eles estavam com 75 quilos, consumindo até este período 1.130 quilos de ração, apresentando até o abate uma conversão de mais de 2,8 para um quilo e um ganho de peso médio diário de 749 gramas, além de não apresentarem diferenças na estrutura do toucinho.

CUSTOS

Prova da sua eficiência nutricional, Luís Fernando se encarrega de demonstrar a sua eficiência técnica, a partir dos custos da mandioca na lavoura, e em comparação com a soja e o milho. Iniciando pelos custos da matéria-prima, Luís Fernando estimou, até o dia do Encontro, um custo de 0,58 centavos o quilo da parte aérea, o que, considerando a produção de duas toneladas e 700 quilos por hectare, têm-se nesta área, um custo de mil e 566 cruzados. No momento em que se soma a este custo, as operações de secagem, moagem e armazenagem, ele vai para 13 cruzados e 12 centavos o quilo, que comparado ao custo do milho, apresenta uma economia de 85 por cento.

Quanto aos custos da raiz, o ganho econômico também é significativo, pois em matéria-prima este custo fica sete cruzados, e somada às demais operações, em 30 cruzados. Dessa forma, ao optar pela raspa da raiz, o produtor tem um ganho de 65 por cento, em relação ao milho, que pode ser substituído parcialmente pela mandioca.

Uma outra forma ainda de registrar as vantagens do uso da mandioca na ração para suínos, pode ser avaliada pela área de plantio que a cultura necessita para alimentar o mesmo número de suínos que seriam alimentados com soja e milho. Somando a produção das duas partes, e sabendo-se que a mandioca, comprovadamente pode substituir o milho em até 60 por cento, pode-se concluir que: da ração em que era preciso 28 toneladas de milho, pode ocorrer uma economia de 16 toneladas e 800 quilos de milho, que equivale ao plantio de somente 3,1 hectares da cultura. Portanto, se o produtor fizer uma ração de mandioca com milho, ele precisa plantar apenas 4,1 hectares de milho, contra os 11,3 que necessitaria plantar de soja e milho.



Gerhard: entusiasmado com os resultados da mandioca

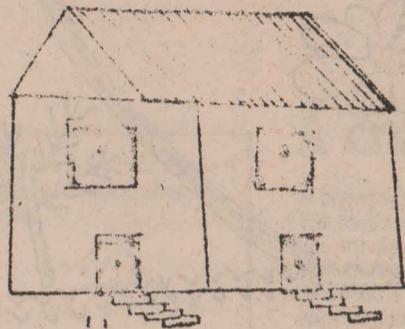
Para Lourdes Arida

A CRIANÇA

No dia 12 de outubro, nós comemoramos o dia das crianças e o Dia de Nossa Senhora Aparecida.
 Eu gosto de ser criança porque as crianças fazem arte.
 As crianças acham este dia muito importante.
 Eu tenho 10 anos e gosto de ser criança, ser criança é um direito de todos, cada um tem o direito de ser criança.
 Eu vou deixar uma mensagem para todas as crianças do Brasil: Todas as crianças do Brasil devem ter: uma boa educação, boa saúde, um bom lar, boa amizade, para construir um mundo melhor, mais puro, fraterno e mais humano.
 As crianças de hoje são o mundo de amanhã
 Márcia Cereser — Augusto Pestana



Ronaldo
 E M. no Taquarémbozinho
 Dom Pedrito



Declaração dos direitos da criança

(Aprovada pelas Nações Unidas em 20 de novembro de 1959)

Recebemos inúmeros trabalhos falando sobre a criança, por isso escolhemos para a página deste mês um artigo que nos fala sobre os direitos da criança. No texto acima a amiguinha Márcia escreveu sobre alguns direitos. Vamos saber os outros direitos que toda e qualquer criança tem.

Considerando que os povos das Nações Unidas reafirmaram na Carta sua fé nos direitos humanos fundamentais e na dignidade e valor do ser humano e sua determinação de promover o progresso social e elevar o nível de vida dentro de um conceito mais amplo de liberdade;

Considerando que as Nações Unidas proclamaram, na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que todas as pessoas tem todos os direitos nela enunciados, sem qualquer distinção de raça, cor, idioma, religião, opinião, seja política ou de qualquer natureza, origem social, ou nacionalidade, posição econômica, nascimento ou qualquer outra condição;

Considerando que a criança, por sua imaturidade física e mental, necessita de proteção e cuidados especiais, incluindo-se a devida proteção legal, tanto antes quanto depois do nascimento;

Considerando que a necessidade de tal proteção especial foi enunciada na Declaração de Genebra de 1924 sobre os direitos da Criança e reconhecida na Declaração Universal de Direitos Humanos e nos atos constitutivos dos organismos especializados e das organizações internacionais que se interessam pelo bem-estar do menor;

Considerando que a humanidade deve a criança o que de melhor tiver a dar.

A ASSEMBLÉIA GERAL

Proclama a presente Declaração dos Direitos da Criança, a fim de que possa estar, digo, esta possa ter uma infância feliz e gozar pelo próprio bem e o da sociedade dos direitos e liberdades que aqui se enunciam e conchama os pais, os homens e as mulheres, individualmente e as organizações privadas, as autoridades locais e governos nacionais, a reconhecerem estes direitos e lutarem por sua observância, através de medidas legislativas ou de outra índole, a serem adotadas progressivamente em conformidade com os seguintes princípios:

Princípio I

A criança desfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão outorgados a todas as crianças sem qualquer exceção, distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, idioma, religião, opiniões, políticas ou de qualquer outra natureza, natureza ou origem social, posição econômica, nascimento ou outra condição, seja inerente a própria criança ou à sua família.

PRINCÍPIO II

A criança gozará de proteção especial e disporá de oportunidades e serviços, a serem estabelecidos em lei e por outros meios de modo que possa desenvolver-se física, mental, moral, espiritual, e socialmente de forma saudável e normal, assim como em condições de liberdade e dignidade.

Princípio III

A criança tem direito, desde o seu nascimento, a um nome e uma nacionalidade

Princípio IV

A criança deve gozar dos benefícios da previdência social. Terá direito a crescer e desenvolver-se em boa saúde; para essa finalidade deverão ser proporcionadas, tanto ela, quanto à sua mãe, cuidados especiais, incluindo-se a alimentação pré e pós-natal. A criança terá direito a desfrutar alimentação, moradia, lazer e serviços médicos adequados.

Princípio V

A criança física ou mentalmente deficiente ou aquela que sofra de algum impedimento social deve receber o tratamento, a educação e os cuidados especiais que requeira o seu caso particular.

Princípio VI

A criança necessita de amor e compreensão, para o desenvolvimento pleno e harmonioso de sua personalidade; sempre que possível deverá crescer com o amparo e sob a responsabilidade de seus pais, mas, em qualquer caso, em um ambiente de afeto e segurança moral e material; salvo circunstâncias excepcionais, não se deverá separar a criança de tenra idade da mãe. A sociedade e as autoridades públicas terão a obrigação de cuidar especialmente do menor abandonado ou daqueles que careçam de meios adequados de subsistência. Convém que concedam subsídios governamentais, ou de outra espécie, para manutenção dos filhos de famílias numerosas.

Princípio VII

A criança terá direito a receber educação escolar, a qual será gratuita e obrigatória, ao menos nas etapas elementares. Dar-se-á a criança uma educação que favoreça a sua cultura geral e lhe permita em condições de igualdade de oportunidades — desenvolver suas aptidões e sua individualidade, seu senso de responsabilidade social e moral, chegando a ser um membro útil à sociedade.

O interesse superior da criança deverá ser o interesse diretor daqueles que tem a responsabilidade por sua educação e orientação; tal responsabilidade incumbe, em primeira instância, a seus pais.

A criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito.

Princípio VIII

A criança deve em todas as circunstâncias — figurar entre os primeiros a receberem proteção e auxílio.

Princípio IX

A criança deve ser protegida contra toda forma de abandono, crueldade e exploração. Não será objeto de exploração e de nenhum tipo de tráfico.

Não deverá permitir que a criança trabalhe antes de uma idade mínima adequada; em caso algum será permitido que a criança dedique-se ou a ela se imponha, qualquer ocupação ou emprego que possa prejudicar sua saúde ou sua educação, ou impedir seu desenvolvimento físico, mental ou moral.

Princípio X

A criança deve ser protegida contra as práticas que possam fomentar a discriminação racial, religiosa, ou de qualquer outra índole.

Deve ser educada dentro de um espírito de compreensão, tolerância; amizade entre povos, paz e fraternidade universais e com plena consciência de que deve consagrar suas energias e aptidões ao serviço de seus semelhantes.

